

***ACADEMIA PERNAMBUCANA DE
MEDICINA***

ANAIS

DÉCADA DE 2000

SAPIENTIA IN PROFUNDIS

ANO VI

VOLUME VI

ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA

Fundada em 17 de dezembro de 1970

ELEIÇÃO DE DIRETORIA E CONSELHO FISCAL PARA O BIÊNIO 2008/2010 – DATA 19-11-2008

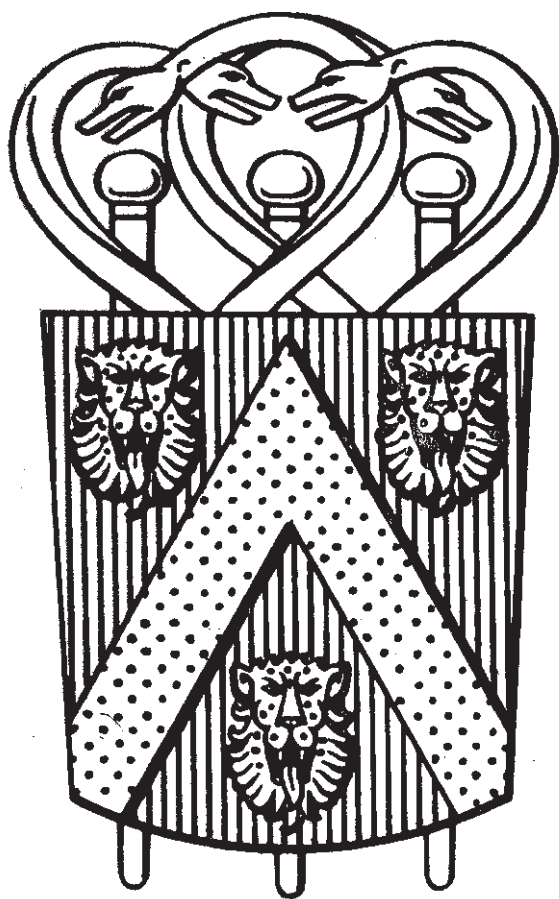
Diretoria

Presidente	Geraldo José Marques Pereira
Vice-presidente	José Grimberg
Secretário geral	José Falcão
1º Secretário	Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto
Tesoureiro	Gustavo Trindade Henriques

Conselho Fiscal

Efetivos	Rostand Paraíso – Presidente Antonio Figueira Filho Bertoldo Kruse
----------	--------------------------------------------------------------------------

Suplentes	João Sabino Pinho Hildo Cirne de AzevedoFilho Ester Azoubel Sales
-----------	-------------------------------------------------------------------------



Sapientia in profundis

Copyright© by Academia Pernambucana de Medicina

Revisão
Dos Autores

Produção Gráfica
Edições Bagaço
Rua dos Arcos, 150 • Poço da Panela
Recife/PE • CEP 52061-180
Telefax: (81) 3441.0132/3441.0133
Email: bagaco@bagaco.com.br
www.bagaco.com.br

Academia Pernambucana de Medicina, Anais v. VI 2000. – Recife:
A Academia, 2008.

Anual.
Os trabalhos abrangem a década de 2000.

1. Medicina – Periódicos.

61(05)
610.5

CDU (2. ed.)
CDU (21. ed.) UFPE

IMPRESSO NO BRASIL – 2008

Sumário

Apresentação	9
Edmundo Machado Ferraz	
Prefácio	13
Geraldo Pereira	
Súmula da ata da primeira reunião da Academia Pernambucana de Medicina realizada em data de 17 dezembro de 1970	19
Cadeira – Patrono – Titulares Fundadores	21
Discurso de posse na Academia	23
Amaury Medeiros	
Saudação a Amaury Medeiros	33
Waldenio Porto	
Discurso de posse na Academia	39
Hildo Cirne de Azevedo	
Saudação a Hildo Cirne de Azevedo	63
Geraldo Gomes de Freitas	
Discurso de posse na Academia	73
José Weydson Carvalho de Barros Leal	
Saudação a José Weydson Carvalho de Barros Leal	81
Miguel John Zumaeta Doherty	
Discurso de Posse na Academia	87
Edvaldo da Silva Souza	
Saudação a Edvaldo Souza	99
Bertoldo Kruse Grande de Arruda	
Discurso de posse na Academia	105
Fernando Pinto Pessoa	
Saudação a Fernando Pinto Pessoa	113
José Grimberg	
Discurso de posse na Academia	119
João Sabino de Lima Pinho Neto	
Saudação a João Sabino de Lima Pinho Neto	127
Miguel Doherty	
Discurso de posse na Academia	133
Gustavo Trindade Henriques	
Discurso de posse na Academia	147
Ronice Franco de Sá	

Saudação a Ronice Franco de Sá.....	157
Bertoldo Kruse Grande de Arruda	
Discurso de posse na Academia	165
Gentil Porto	
Saudação a Gentil Porto	171
Edmundo Machado Ferraz	
Discurso de posse na Academia	181
Sílvio Romero de Barros Marques	
Saudação a Sílvio Romero Marques	195
Geraldo Pereira	
Discurso de posse na Academia	205
Cláudio Moura Lacerda	
Saudação a Cláudio de Moura Lacerda de Melo	219
Hildo Cirne de Azevedo Filho	
Discurso de posse na Academia	227
Luiz Ataíde	
Saudação a Luiz Ataíde	235
José Grimberg	
Discurso de posse na Academia	241
Esther Azoubel Sales	
Saudação a Esther Azoubel	255
Carlos Moraes	
Discurso de posse na Academia	261
Miguel Doherty	
Discurso de posse na presidência da Academia	269
Geraldo Pereira	

Apresentação

Acadêmico

Edmundo Machado Ferraz

A Academia é um centro de memória. Esse culto e esse legado são características fundamentais de uma Academia e representam o traçado e o registro de sua história. História que necessita ser consultada por quem deseja conhecer o passado para reescrevê-lo no presente e no futuro. Os Anais da Academia Pernambucana de Medicina são, portanto, fundamentais para o registro dessas memórias.

A instituição dispõe de um largo acervo de documentos. Para serem consultados e refletidos, haja vista reunirem o pensamento de seus integrantes, os quais contribuíram para a medicina em Pernambuco, com a apresentação de suas idéias e de seus projetos. E são inúmeras essas contribuições. Todas valiosas, representando depoimentos de uma época e de várias gerações.

Nenhum acadêmico chega precocemente à instituição.

Todos têm o que oferecer, registrando e difundindo na Casa de Fernando Figueira, que a todos inspira e ilumina, mesmo com a marca da saudade, reflexões valiosas para a posteridade.

Muitos discursos de posse e de saudação estão aqui registrados, narrando depoimentos e atravessando gerações.

Sempre é preciso muito mais. O registro das memórias de cada um e os longos caminhos percorridos tornam-se conhecidos dessa forma. Verdadeira saga, a de contar histórias.

Sejam, então, bem vindos à leitura de mais este número dos Anais da Academia Pernambucana de Medicina.

Dezembro de 2008

Prefácio

Acadêmico
Geraldo Pereira

A Academia Pernambucana de Medicina – a Casa de Fernando Figueira - vem mantendo a publicação dos Anais com as dificuldades naturais às instituições assim, que congregam intelectuais, sejam cientistas, na mais pura acepção da palavra ou literatos e poetas. Pernambuco tem sido um Estado pioneiro em publicações médicas, divulgando a ciência de Hipócrates desde o século XVII, quando médicos e naturalistas da corte de Mauricio de Nassau descreveram as doenças locais e mais, apontaram a terapêutica recomendada pelos índios: as mezinhas. Mas, eram estudiosos de religião calvinista, razão pela qual o Santo Ofício proibiu fossem as conclusões transferidas aos médicos portugueses e aos profissionais locais. Por isso, a Farmacopéia de Edimburgo continuou em pleno vigor até 1756, com indicações as mais estranhas, à semelhança do uso de fezes humanas, de crânios de homens mortos em acidentes, urinas e pó de múmias. Poções mágicas, então, mesmo que, em tudo, repugnantes.

Pioneirismo de Pernambuco, também, foram as três primeiras obras médicas publicadas em português, dando conta das doenças na Província e no Brasil. A obra *Morão, Rosa & Pimenta – Notícia dos três Primeiros Livros em Vernáculo sobre Medicina no Brasil*, cuja reedição representou uma iniciativa da maior importância do Arquivo Público Estadual, em 1956, reúne, como está no título, os três primeiros livros escritos em vernáculo sobre medicina na Colônia. Livros que reconhecem Simão Pinheiro Morão, João Ferreira da Rosa e Miguel Dias Pimenta como autores. Dos três livros, pelo menos dois foram escritos por médicos, com toda certeza. Livros publicados nos anos de 1683, 1694 e 1707, respectivamente. Desses, Pimenta não era médico, mas comerciante. Era comum à época essa ligação de outros profissionais com a medicina. Foi estimulado pelos sintomas de um juiz-de-fora, cuja chegada ao Recife se deu na vivência de um quadro clínico especial: o Achaque do Bicho. Vinha com o reto já gangrenado.

Depois disso, mais de um século se passou para que surgissem periódicos, cuja circulação assegurava a difusão do pensamento das

organizações médicas, mantendo, na medida do possível, uma atualização da ciência que tem Asclépio como patrono. Dessas, a mais antiga foram os Annaes da Medicina Pernambucana, de 1842, mas de vida efêmera, como quase todos os periódicos que circularam no Recife. Feneceu em 1844; publicação, porém, reeditada em 1977, em cujo texto estão artigos interessantes em torno do movimento médico na Província. Destaque-se, sobretudo, as Observações Meteorológicas dos doutores Loudon e Morais Sarmiento, as quais, com toda certeza, servem, ainda, à comparação com os registros atuais, especialmente em tempos assim, de aquecimento global.

Das 83 publicações médicas que chegaram a existir no Recife, persistem os Anais da Faculdade de Medicina do Recife, de 1934, a revista de Neurobiologia, que vem de 1938 e estes Anais da Academia Pernambucana de Medicina, publicados pela primeira vez em 1974; número, aliás, que reunia pronunciamentos e discursos desde a fundação, em 17 de dezembro de 1970. O periódico vem saindo com a irregularidade comum a essas revistas das associações médicas e das instituições científicas e culturais em geral, como já foi comentado. Esses Anais têm veiculado mais frequentemente pronunciamentos apresentados ao sodalício; discursos de saudação e de posse têm preenchido as páginas da publicação. Verdadeiras coletâneas de biografias ou de panegíricos em torno de eminentes figuras da medicina pernambucana. Gente cujo nome serve de patrono às cadeiras da entidade ou gente que teve assento na organização acadêmica. Assinale-se em particular o fato de que a falta de apoio e de incentivo à difusão da ciência e do humanismo vem contribuindo para a irregularidade referida mais de uma vez. Mas, de toda forma, o brilho científico dos que exerceram a prática de Esculápio e o contributo que deixaram são particularidades que aparecem no conjunto da obra.

Este número que ora vai à lume tem um significado especial, pois simboliza o pretendido engajamento da Academia em relação às entidades médicas em geral, de tal forma que a temática que interessa à Associação Médica de Pernambuco, ao Sindicato dos Médicos e ao Conselho Regional de Medicina, seja, também, objeto de inquie-

tações da agremiação. De inquietações e de discussões. De mais a mais, que marque a comunhão, ainda maior, com as escolas médicas, as duas oficiais e a FBV-IMIP. Não se pode deixar de lembrar que as casas parlamentares, a estadual e aquelas municipais, dispõem sempre de comissões ligadas ao estudo das questões de saúde, razão para se ter, de igual forma, o concurso da Casa de Fernando Figueira nos debates da problemática de saúde pública.

Espera-se, então, de agora por diante, incentivar a publicação de textos importantes, suficientemente capazes de marcarem o tempo que se vive, mantendo a instituição inscrita nos anais da história da medicina de Pernambuco. O ano que vai chegando (2009) assinala o centenário do I Congresso Médico de Pernambuco e o centenário, também, da descoberta de Carlos Chagas. A Academia não há de se furtar às esperadas comemorações, até porque no Estado o evento científico teve repercussões importantes e muito se fez em proveito do conhecimento da Tripanosomíase descoberta pelo brasileiro ilustre.

Recife, dezembro de 2008

**SÚMULA DA ATA DA PRIMEIRA REUNIÃO DA
ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA
REALIZADA EM DATA DE 17 DE DEZEMBRO DE 1970**

Em 17 de dezembro de 1970, às 20 horas, na sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco, com a presença da Prof. Fernando Figueira, Prof. Bruno Maia, Dr. Pedro Veloso da Costa, Dr. Leduar de Assis Rocha e outros médicos, realizou-se a primeira reunião da Academia Pernambucana de Medicina. Com a palavra o Prof. Fernando Figueira discorreu sobre os motivos da reunião dizendo que estava sendo criada naquele instante, a Academia Pernambucana de Medicina, instituição pela qual ele lutava há mujito tempo. Falou ainda o Prof. Fernando Fugueira que a nova entidade haveria de ter compromissos somente com a cultura médica e o seu significado para a comunidade. Ficou constituída na oportunidade, por aclamação, a primeira Diretoria-Provisória: Presidente: Prof. Fernando Figueira. – Vice-Presidente: Prof. Bruno Maia – Secretário: Dr. Leduar de Assis Rocha – Tesoureiro: r. Pedro Veloso Costa. Foi lavrada a ata e assinada por todos os presentes.

ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA

CADEIRAS PATRONOS

- 1 Armando de Meira Lins
- 2 Joaquim de Souza Cavalcanti
- 3 Amaury de Medeiros
- 4 João Alfredo da Costa Lima
- 5 Antonio Peregrino Maciel Monteiro
- 6 Ulysses Pernambucano
- 7 Pirajá da Silva
- 8 Octávio de Freitas
- 9 Bandeira Filho
- 10 Gouveia de Barros
- 11 José Correia Picanço
- 12 Adolpho Simões Barbosa
- 13 João Marques
- 14 Francisco Clementino
- 15 Eduardo Jorge Wanderley Filho
- 16 Arnóbio Marques
- 17 Malaquias Gonçalves
- 18 Ermínio César Coutinho
- 19 João Amorim
- 20 Guilherme Piso
- 21 Martagão Gesteira
- 22 Selva Junior
- 23 Luiz Resende Puech
- 24 Antonio Austregésilo
- 25 Oswaldo Cruz
- 26 Cosme de Sá Pereira
- 27 Juliano Moreira
- 28 Mário Ramos
- 29 Aggeu Magalhães
- 30 Eustachio de Carvalho
- 31 Geraldo de Andrade
- 32 Ernesto Silva
- 33 Heitor Carrilho
- 34 Emílio Ribas
- 35 Annes Dias
- 36 Monteiro de Morais
- 37 Carlos Chagas
- 38 João Rodrigues

TITULARES FUNDADORES

- Fernando Jorge Simão dos Santos Figueira
Antonio Bruno da Silva Maia
Gilberto da Costa Carvalho
Pedro Veloso da Costa
Leduar de Assis Rocha
João Marques de Sá
Orlando Parahyn
Herodoto Novelino Pinheiro Ramos
Albérico Dornelas Câmara
Waldemir Soares de Miranda
Antonio Simão dos Santos Figueira
Jamesson Ferreira Lima
Nelson Ferreira de Castro Chaves
José Rodrigues
Cesar Montezuma
Perseu de Castro Lemos
Romero da Gama Marques
Amaury Domingos Coutinho
Ovídio Montenegro
Aluizio Bezerra Coutinho
Maria Helena de Moura Leite
Martiniano Fernandes
Berilo Pernambucano da Costa
Euclides Leite
Waldemar de Oliveira
Arnaldo Marques
José Lucena da Mota Silveira
Hélio Mendonça
Raimundo de Barros Coelho
Manoel Caetano Escobar de Barros
Hildenburg Lemos
Marcionildo de Barros Lins
Arnaldo Di Lascio
Rinaldo Azevedo
Djalma Vasconcellos
Djair Brindeiro
Ruy João Marques
Arthur Barreto Coutinho

39 João Alves de Lima
40 Barros Barreto
41 Edgar Altino
42 Jorge Medeiros
43 Gervásio Melquíades da Silva
44 Jarbas Pernambucano
45 Coelho de Almeida
46 Josué de Castro
47 José Amaro Lessa de Andrade
48 Victor Rodrigues
49 Isaac Salazar
50 Manoel Arruda da Câmara

Salomão Kelner
Bertoldo Kruse
José Nivaldo
Nicolino Limongi
Manoel Ricardo da Costa Carvalho
Luiz Tavares
Ferreira dos Santos
Orlando Onofre
Milton Sobral
Miriam Kelner
Sílvio Paes Barreto
Adonis Carvalho

Discurso de posse na Academia

Acadêmico:
Amaury Medeiros

Recife, 20 de novembro de 1998.

É com muito orgulho e contentamento que ingresso na Academia Pernambucana de Medicina ocupando o cargo número 4, que teve como patrono João Alfredo da Costa Lima e como titular fundador Pedro Veloso Costa.

No dia 07/08/1971. Usando a perífrase romana, ele cessou de viver, ele viveu. Louvava morte que nos faz irmãos! Vovô é aposentado, ensina aos netos como CARTEAR. Em 1967, já fora da Universidade Federal de Pernambuco, edita primoroso livro, de excelente apresentação gráfica, com belas gravuras e conteúdo de primeiríssima qualidade, intitulado “Anatomia e Fisiologia Artística”.

Em 1962, é nomeado o segundo Reitor da universidade Federal de Pernambuco em substituição a Joaquim Amazonas. Neste cargo, que exerce durante 4 anos, 11 meses e 26 dias, revela-se exímio administrador e ousado reformista. Cria o Instituto de Química; federaliza a Escola de Enfermagem, tornando-a unidade autônoma da Universidade; inicia o Boletim Informativo da Universidade do Recife e o Boletim de Estudos Universitários; instala a Rádio Universitária adquirindo acervo gráfico e programando para apoiar autores nordestinos e escritores jovens.

Em 1952, torna-se Professor Catedrático da Escola de Belas Artes. Cria o Curso Professorado de Desenho, de Música e de Cerâmica e o 1º Curso Universitário de arte Dramática aparecido no Brasil. Dotado de espírito comunitário, ingressa no Rotary e toma parte na Convenção Internacional do Rotary realizada em 1946, nos Estados Unidos, como representante do Distrito 47.

De 1937 a 1940, quando Diretor do Serviço de Pronto Socorro do Recife, funcionando na Rua Fernandes Vieira, revela-se, desde então um administrador dinâmico, incansável e inovador, fazendo aplicações, criando novos departamentos, adquirindo utensílios e instrumentos médicos cirúrgicos; inaugura o Centro de Estudos reunindo o corpo clínico para discussões de casos e edita os Arquivos do Serviço de Pronto Socorro do Recife, cujo primeiro número é publicado em janeiro de 1939.

Em janeiro de 1936, a revista *Publicação Médica* insere seu trabalho sobre “Projeção atual da Cirurgia Plástica”. Em setembro de 1934, publica nos *Arquivos de Brasileiros de Cirurgia e Ortopedia* “Queiloplastia a Estlander”. Em 1933, apresenta dois trabalhos versando sobre cirurgia plástica. Em Janeiro, na *Revista Acadêmica*, Recife, artigo acerca de “Um caso de meloplastia com enxerto tubular”; em outubro, no Primeiro Congresso Internacional de Cirurgia Plástica Reconstitutiva e Estética realizado em Paris, um trabalho sobre “Aspects de la chirurgie plastique faciale”. Foi representante do Brasil nesse Congresso. Em 1932, publica na *Revista Otorrinolaringológica de São Paulo*, o artigo sobre o título “Correção cirúrgica do colapso narinário”. Em 1929, quando a Cirurgia plástica dava os primeiros passos em nosso país, apresenta no “*Brasil Médico*”, trabalho sobre “Rinoplastia parcial – inclusão na cirurgia estética”. Conta João Suassuna que viu fotos de rinoplastia estéticas feitas por ele. Credita-lhe, com justiça, o título de pioneiro da cirurgia plástica na região.

Cirurgião geral foi a Proctologia, entretanto, que dedicou maior atenção. Em 1935, mostra três trabalhos na *Revista Médica de Pernambuco*, respectivamente dos meses de março/maio/agosto, intitulados: “Alguns casos de amputação infra-esfincteriana em retite crônica estenosante”, “Sintomas reflexos de origem retal” e “Aspectos do problema das retites estenosantes”. A revista de Cirurgia, dezembro de 1933, Buenos Ayres divulga trabalho de sua autoria sobre “Anus ilíaco continente”. Em 1929 já escrevia sobre “Tratamento não cirúrgico das hemorróidas”, trabalho publicado no “*Brasil Médico*”, Rio de Janeiro. Além das teses e trabalhos, escreve o livro “Elementos da Propedêutica Proctológica”, recebido com entusiasmo pela comunidade médica e merecendo comentários elogiosos do renomado especialista carioca Raul Pitanga dos Santos e palavras entusiasmadas do não menos famoso professor recifense Barros Lima. Foi também pioneiro regional na especialidade proctológica.

Aprovado, com distinção, colou grau de Doutor em Medicina pela Universidade do Rio de Janeiro em 30 de dezembro de 1922.

Em 1918 ingressa na Faculdade de Medicina da Bahia.

Estudos preparatórios no Colégio Diocesano, instalado no edifício que se tornou sede da Prefeitura de Olinda, cursando, posteriormente, o Colégio Carneiro Leão.

Casou-se com dona Alta Thorstensen da Costa Lima.

Do matrimônio:

- Marta da Costa Lima Roesler, esposa do Dr. Roesler, conceituado profissional em nosso meio médico e genitora de meu colega e amigo Ernesto Roesler.
- Aládia da Costa Lima Neves, esposa do advogado de grande projeção no meio forense, Dr. Antônio Neves.

Seus pais são: Alfredo Gonçalves da Costa Lima, descendente de portugueses e Maria das Mercês Carneiro da Cunha Lima, professora, filha de Urbano Vieira, conselheiro e árbitro na incipiente povoação interiorana que se desenvolveu até se transformar em cidade.

Sua data de nascimento foi no dia 01 de dezembro de 1898, em Surubim-PE.

Seu nome é João Alfredo da Costa Lima, patrono da cadeira 4 desse Sodalício, a que tenho a honra de ocupar.

Foi membro fundador da Faculdade de Ciências Médicas, da Casa de Saúde São João – hoje Hospital Agamenon Magalhães – da sociedade de Cirurgia de Pernambuco, da Associação Médica dos Hospitais de Pernambuco.

Chefe do Serviço de Cirurgia do Hospital Oswaldo Cruz.

Chefe da Clínica Proctológica do Hospital Centenário.

Pioneiro, foi a característica mais forte de sua personalidade. Espírito dinâmico e criativo, Administrador com visão futurista. Homem plural. Múltiplo em um só e uno em sua multiplicidade.

Pedro Veloso Costa, titular fundador da cadeira número 4.

Querido e inesquecível Veloso Costa. Paraibano de Guarabira, distrito de Pirpirituba, foi mais um entre muitos recifecizados, que

amou nossa cidade como poucos que aqui nasceram. Integrou-se de corpo e alma à paisagem adotiva. Debruçado sobre suas pontes, viu o deslizar silencioso das águas do rio Capibaribe, sonhando luas de prata e claríssimos sóis que marcaram sua sensibilidade de poeta em floração. Nunca perdeu, todavia, a noção telúrica de suas origens interioranas, o que serviu de pano para produções literárias de quando já adulto. Freqüentador assíduo da Casa do Estudante, cuja história foi contada em prosa pelo Waldenio Porto em seu livro-documento *As Vinhas da Esperança*, lutou com muito sacrifício, ministrando aulas particulares de Biologia e Matemática, para poder continuar suas estudos e graduar-se em Medicina no ano de 1943.

Ingressou no Corpo de Saúde de Armada em 1944 Chegando ao posto maior de almirante da Marinha. Participou de operações da Itália na ocasião da Segunda Guerra Mundial, integrou-se à Força Expedicionária Brasileira. Hábil cirurgião, absorveu os ensinamentos do mestre Barros Lima e do amigo próximo Bruno Maia. Ex-assistente de João Alfredo da Costa Lima – escolhido por ele como patrono da cadeira número 4 de nossa Academia – foi um dos fundadores e primeiro diretor do Hospital Natal do Recife, no Governo de José Francisco de Moura Cavalcanti, nomeado Secretário Estadual de Saúde, cargo que exerceu com lisura e eficiência, sempre voltado para os interesses da comunidade. Professor adjunto concursado da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco e catedrático da Fundação de Ensino Superior de Pernambuco - FESP – hoje Universidade de Pernambuco, dedicou-se com amor ao magistério.

Cedo, o despertar de sua vocação literária expressa em crônicas que escrevia com freqüência para os periódicos locais, além de livros de contos, impressões de viagens e de cunho social.

Destacou-se e afirmou seu nome, sobretudo, como pesquisador incansável, enriquecendo a história da Medicina pernambucana e publicou, em 22 anos de atividade literária, em média um livro por ano, tornando-se com mérito membro atuante da Academia de Artes

e Letras da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores de Pernambuco.

Tornar-me-ia enfadonho se persistisse na tentativa de enumerar com detalhes o que Pedro Veloso Costa nos legou em termos de produção intelectual e os frutos de suas profícuas atividades como administrador das coisas públicas e mestre universitário. Determe-ei naquilo que considero mais importante ao se traçar o seu perfil: o homem integral. Permita-me citar pronunciamento os mais variados sobre Pedro Veloso, o que enaltece sua percepção do mundo e das pessoas, é a riqueza de sua produção literária e científica. Ruy João Marques: “um dos mais ativos e inteligentes pesquisadores brasileiros como cultor da história”. Gilberto da Costa Carvalho: “A Medicina haverá de rejubilar-se como trabalho de Veloso Costa; Pernambuco se enaltece do filho que adotou”. Orlando Parahym: “estudando sem parar, numa verocidade intelectual espantosa, sem dúvida nenhuma, é o mais fecundo e substancioso dos nossos escritores médicos”. Roberto Pereira descreve “o intelectual e médico de sensibilidade” e conclui citando Drumond: “Do lado esquerdo carrego meus mortos, por isso caminho um pouco de banda; de banda, meu caro Veloso, vai andar Pernambuco inteiro”. Djalma Oliveira: “foi um homem inteiro, incapaz de um pensamento que não fosse para acrescentar, construir ou apaziguar; era uma dessas crianças que gostaríamos de ter como pai, como irmão ou como amigo”. Adalberto Bello: “És íntimo o irmão de todos nós, e que, com aquele sorriso manso de todos os tempos, recolhas a beleza de nossas mos eternizadas nos aplausos que são teus e que levas contigo por onde quer que vá”. José Geraldo Távora: “tornou-se o substancioso memorialista de nossa medicina, deixando cinco alentados volumes intitulados MEDICINA, PERNAMBUCO E TEMPO, obra de apreciável valor cultural”. José Rafael de Menezes: “uma personalidade da belle époque, com seu bom gosto e latinidade, se não prosseguiu o brilho dos seus mestres à Ulysses Pernambuco e à Ageu Magalhães, soube admirá-los e reeditá-

los, em sala de aula, nos seus numerosos escritos, na totalidade da vida harmoniosa, entre o provinciano e o universal, o doméstico e o cívico, numa continuidade e numa coerência de privilegiado que antes de tudo soube ser simples e generoso”. José Otávio Cavalcanti: “o espírito associativo foi um dos timbres que marcaram a sua rica personalidade”. Salomão Kelner: “dele fica a recordação: homem bom, humilde, solitário, apaziguador, e sobretudo ético”. Carlos Ferraz: “no jornalismo, o seguro explanador e o exímio debatedor de assuntos médicos e sociais”. Waldemir Miranda: “era assim nosso Veloso Costa, como se de costa vivesse para si mesmo. E ainda por cima, a maciez do segundo nome: Veloso – mais veludo que espinhos, mais amenidades que sisudez médica, mais suavidade que rijeza militar”. Geraldo Pereira: “a humanidade do almirante – ou contra-almirante, não sei muito bem – era de tal natureza que nunca pensei que possuísse tantas condecorações, tantas comendas, como aquelas que lá estavam, expostas na mesa de trabalho. Recebia certamente essas medalhas todas e as recolhia nas intimidades domésticas, no armário, sem a menor necessidade de exibi-las no palco da vida. Parecia-me, digo eu, guardar de i a alma de menino, da criança travessa da pacata Pirpirituba; parecia-me acreditar que a mocidade não se conta pelos anos que se tem mas pela criança que carregamos dentro de nós. Criança que se manifesta num sorriso de candura, num despretenso gesto de bondade. Parecia-me, finalmente, ser discípulo de Henry Thoreau, escritor norte-americano, socialmente rebelde e ecologicamente respeitoso, quando afirmava em seu livro *Walden ou Vida das florestas*: “Goodness is the only investment that never fails.” (A bondade é o único investimento que nunca falha). Faleceu em 20 de dezembro de 1993 às 4:30 horas. O velho almirante voltou ao mar e subiu ao céu nas cores do arco-íris e agora é estrela que fulgura no firmamento da benquerença.

A Academia Pernambucana de Medicina foi fundada a 17 de dezembro de 1970 por um grupo entusiasta e idealista, liderado pelo Professor Fernando Figueira. Criada e mantida pela conjugação de forças de profissionais altamente responsáveis que

consideram o conhecimento algo vivo e dinâmico e não um ajuntamento de doutrinas a serem simplesmente resguardadas e transmitidas. Médicos preocupados com as doenças e suas causas, com o sofrimento individual e com a desventura comunitária. Pessoas que sonham e lutam com fulgor primaveril, obstinadas na porfia sem preocupações com o esmaecer da luz crepuscular à láurea acadêmica certamente viveu mais que durou, tendo amadurecimento nesse processo, nada fácil, de envelhecer com dignidade e proficiência. Lembro que seu Estatuto reza:

1. Contribuir para o desenvolvimento e progresso da Medicina e Ciências afins;
2. Incentivar o aprimoramento da cultura médica em geral, da profissão, da ética, do ensino médico e da Medicina Social;
3. Responder a consultas das autoridades constituídas e apresentar sugestões e solicitar providências em benefício da saúde coletiva;
4. Promover ou estimular congressos médicos e cursos de pós-graduação médica.

As sociedades que esquecem seus mortos são indignas de seus vivos; as sociedades que não reverenciam seus heróis sofrem de tibieza física e moral; as sociedades que não aprendem como as lições do passado têm grande probabilidade de aumentarem as curvas de erros no futuro. Hoje pela manhã encontrei-me, casualmente, la embaixo na secretaria, com o professor Geraldo Gomes e ele me disse da penúria financeira em que se encontra nossa Academia. Não recebemos ajuda de qualquer órgão publico, seja federal, estadual ou municipal. Vivemos, ou sobrevivemos, seria melhor dito, das anuidades dos acadêmicos e do altruísmo de alguns colegas. Se ate o presente esses órgãos nos negaram qualquer auxilio de natureza econômica, dificilmente o teremos a partir de agora, com os cortes orçamentários que se pronunciaram e que visam, sobremaneira, os setores de educação e saúde. Nós, que lidamos diretamente com esses setores, seremos os mais atingidos, vulneráveis que se nos apresentamos. Possuem mais cérebros

que músculos. Faz-se necessário que aprendamos a nos coser com nossas próprias linhas. Somos e continuaremos sendo formadores de opiniões – prerrogativa que devemos explorar a exaustão em benefício de nossa Academia. Que nos aproximemos dos estudantes e dos médicos do modo geral, trazendo-os para nosso convívio através de cursos de pós-graduação, de simpósios, palestras, seminários, congressos estaduais e regionais, Sensibilizar e conscientizar as indústrias farmacêuticas que continuamos atuantes e influenciando na formação dos mais jovens, não é tarefa das mais difíceis. Permanecemos formadores de opiniões e isto pesa muito na captação de recursos, de maneira ética e proveitosa para nossa contabilidade. Necessário sermos criativos e mudarmos de postura num novo e imprevisível espaço que se delinea na alvorada do próximo milênio.

Encerro, agradecendo ao Professor Fernando Figueira que indicou o meu nome para membro desse Cenáculo, e aos acadêmicos por aceita-lo, a todos vocês que aqui compareceram prestigiando este vento, e, citando Fernando Pessoa, nos Poemas Completos de Alberto Caeiro: “Sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo”. Muito obrigado!

Saudação a Amaury Medeiros

Acadêmico:

Waldenio Porto

Recife, 20 de novembro de 1998.

Passos miúdos, indecisos, de menino. Passos inseguros de criança, o bracinho levantado, em alça, puxado, segurado, suspenso.

O chão não lhe pertence. É dos adultos. Passos à sombra, resignados, correndo quando o exigem, parando obediente na espera. Passos de menino do interior, que se contenta com o alfenim e arregala os olhos no assombro das coisas nunca vistas, quando vem à cidade.

Passos resolutos, que deixam as vazantes de capim, os aceiros das matas, banhos de rio, os canaviais, as estradas de barro sulcadas pelos carros de boi, pesados de cana, a cantar nos coções a cantilena triste e saudosa dos seus ais. Passos que abandonam o barro massapé da beira do Rio Pirangi, com que fizeste, Amaury Medeiros, os calungas de tua infância e modelaste a fantasia do teu futuro. A fantasia do teu futuro... As cores roubaste do romper do dia, enquanto furavas vidrilhos e lantejoulas das águas do rio, prateadas de sol. Para pontear o teu destino na tapeçaria do tempo.

E se perdem os teus passos na distancia do Recife, deixaram o rastro dorido na separação, o “magoado olhar, magoado pranto”. Ainda teus passos rompem, numa manhã perdida lá atrás, o aconchego familiar, extingue o menino, sem ainda forças terem para sustentar o homem.

Passos vigorosos pelas ruas do Recife, cheias de encanto e magia, retraçadas de rios, a refazerem a tua vida na vigília dos laboratórios e anfiteatros, das enfermarias e das dores solitárias.

Passos audaciosos que te levam a outras terras, de línguas estranhas, pata compensarem o perdido cheiro do melaço “dos engenhos da minha terra, que até os nomes fazem sonhar”.

E teus sonhos, Amaury, os realizaste todos, como paga do perdido amor de São Benedito do Sul, escondido entre as serras amativas de tua geografia sentimental.

Voltas agora à velha faculdade, depois de tantos anos, Amaury Medeiros, médico, professor e poeta. Retornas, cabelos

brancos, face vincada pelo tempo, mas o mesmo olhar, radiante de luz, feito de fé e entusiasmo com que avistaste pela primeira vez a Casa de Otávio de Freitas.

Vens, não mais para te submeteres a exames de suficiência ou mesmo para ensinar. Chega trazido pelo sufrágio honroso da Academia Pernambucana de Medicina, eleito, em demonstração de reconhecimento, pelas tuas exaltadas virtudes de médico e professor, para integrar o seletivo quadro de seus membros.

Ao transpores os umbrais desta Academia Pernambucana de Medicina, Amaury Medeiros, peregrino de extenso jornada, penitente do longo ofício, pede em oração ao venerando solar:

Abre teus oratórios e mostra-me teu santo tutelar! Baixa o véu da humildade e pudor em que se escondem, desvenda-me de que são feitos teus eleitos. Para que eu me agasalhe no saber de tantos, aqui acumulado, referencia e exaltação da Medicina Brasileira.

E prossegues na exortação de noviço:

Trago comigo toda a ingratidão do mundo, vergasta incessante do trabalho médico; trago-te também olhares aflitos e dores aliviadas, esperanças e desesperos, de permeio a reconhecimentos comovedores.

Venho da roça em que me afanei, com a teimosia dos meus ancestrais, me entreguei e doe à arte médica. Aqui me tens.

A horrores de noites indormidas, flagelos de ânsia incontidas, só aplacados em mesas de bar! Quando impressentidas e suaves mulheres, ignorantes de nossos íntimos dramas, nos trouxeram consolo e paz, sob a luz complacente do luar nas praias desertas! Lembras-te Amaury? Abre a Rosa dos Ventos do teu ventre, amada distante, para que eu reencontre o Norte dos meus dias que me deste naquele instante! O mar escuro. O escuro mar. Noite. Apenas a linha branca das ondas em espuma, se desfazendo na areia da praia... Longe um saxofone derrama emoções que brotam virgens no minuto que se esvai... Enquanto o mar se arre-

benta nos arrecifes, lava de prata a laje imensa, escorrega manso e vem curioso espiar os amantes abraçados.

Amontoados em pensões, os frágeis ombros desassistidos. O desespero da incerteza. Vestibular. Suores. A tensa expectativa do incerto resultado das provas. Metade feita de esforço, metade dos humores professorais, que se abatem sobre nós como caprichos de deuses do Olimpo. Caminhar sob o estigma compulsivo do ter que passar, sob os olhos esperançosos da família na expectativa gendarme de uma cobrança permanente e definitiva! Momentos de fé e autoconfiança. Instantes de depressão. O corvo de Edgard Allan Poe: nunca mais, nunca mais! No outro dia acordas com versos de Castro Alves boiando em oração de “ressurexit”: talhado para a grandeza, para a grandeza, para crescer, criar, subir, o novo mundo sente nos músculos a seiva do porvir!

E desces assoviando as escadas da pensão...

Quero a sombra amiga de tuas paredes, ó casa de Otávio de Freitas, a calma de teus recantos, a alegria aqui deixada. Restitui-me a juventude dos meus dias esquecida em teus cantos. Sonhos manhãs, auroras claras pintadas de entusiasmo e esperança.

Quero rever teus moveis vetustos da sala de honra do primeiro andar onde tantos memoráveis concursos se realizaram e a veneranda congregação de teus grandes mestres se reunia.

Quero rever o busto de Otávio de Freitas em seu pedestal, logo à entrada, em frente à escadaria, nome tutelar a impor respeito e dignidade a esta instituição de ensino.

Venho reclamar a rede dos meus sonhos, aqui tecida, dia a dia, para que nela volte a me embalar... Quando a tarde já esmorece, e a velha tamareira continua a pentear o meu rio Capibari-be, com seus longos galhos baixos, e a recolher histórias já contadas por João Cabral de Melo Neto.

Porque volto carregando com milho da minha roça, pintado da luz do sol do meu trabalho, da minha existência. Venho trazer o dizimo dos meus penares.

Ramos de Oliveira quero receber os fulgores de teu longo dia, Academia Pernambucana de Medicina, para que eu possa repensar tuas palavras, modelar maus atos e fazer-me participe da tua harmonia. Afagar teus ensinamentos com a brisa do levante. Que a poeira do tempo a minha visão e me faça clarividente.

Quero acolhimento do meu tempo no teu tempo, no teu templo, para que eu me faça também eternidade.

Discurso de posse na Academia

Acadêmico:

Hildo Cirne de Azevedo

Recife, 02 de junho de 2000.

Durante semanas e até meses, tenho sido atormentado pela responsabilidade e pela preocupação da elaboração da mensagem que nesta noite, para mim inesquecível, terei de transmitir a esta ilustre Academia e defronte de uma audiência tão prestigiosa.

Além da estruturação regulamentar de praxe, que deve nortear o discurso de cada novel acadêmico, quais seriam as palavras e as reflexões de vida a serem utilizadas, após mais de 30 anos de profissão? Como procederia a análise dos ilustres médicos relacionados com a cadeira 09 desta Academia?

Pensei bastante, minhas senhoras e meus senhores, perdi horas de sono e resolvi fazer uma alocução que refletisse, simplesmente, o que sou e no que acredito. Alocução que, ao invés de invocar frases e pontuações, elaboradas por autores famosos, às vezes convenientemente procuradas para o evento, pudesse se traduzir em um documento de utilidade para gerações mais novas.

Estou certo do risco que incorro, tenho conhecimento que poderei, em algumas situações, ser menos protocolar. Todavia, agindo dessa forma, respeitarei o compromisso maior de apenas exteriorizar o que o coração ordenar, após, naturalmente, passar pela censura do órgão, cuja manipulação e tentativa de entendimento tem me fascinado desde os bancos acadêmicos.

A primeira colocação que me fiz foi a interrogação da vontade de ser membro de tão honrosa agremiação. Seria o ego, que nos neurocirurgiões pode ser quase que patologicamente hipertrofiado, desejando mais uma láurea? Seria a necessidade da anexação de mais um item ao curriculum vitae? Seria a vaidade imatura, tentando mostrar à comunidade que conseguira mais uma vitória? Esses fatos podem até pertencer ao contexto, sou corajoso o bastante para externar. Contudo, a importância percentual desses sentimentos, algo menores, é ínfima, quando ausculto os segmentos mais nobres da alma humana.

Os sentimentos maiores nascem a partir da admiração, do fascínio e do encantamento que sempre me inspirou esta edificação. Como sou um saudosista convicto, ainda como acadêmico de Medicina, aqui pela frente passando, procurava vislumbrar os estudantes das décadas de 30 e 40, aqui vivendo e aprendendo. Tentava entendê-los, decifrar as suas reações, participando de uma era em que quase tudo era romântico. Anos após, para ajudar as minhas divagações sobre este prédio e essa época, fui auxiliado pela leitura agradável e amena que o querido amigo e acadêmico Rostand Paraíso sobre a faculdade escreveu.

Era importante, também, adentrar neste recinto quase sagrado e fazer parte desta Academia, porque aqui estudaram e desta Academia fazem ou fizeram parte os ícones deste sonhador estudante de Medicina da década de 60.

Certamente, houve uma exceção. Neste prédio, estudou, porém a esta Academia não pertenceu, meu ícone maior, o meu pai. Homem honesto, médico no mais profundo significado da palavra, excelente filho e irmão, marido e pai exemplar, poderia, talvez, ter sido um de seus pares se uma tuberculose pulmonar, adquirida quando do internato no Hospital Osvaldo Cruz, não houvesse carcomido parte do seu pulmão esquerdo e roubado, quase por completo, os primeiros 16 anos de sua vida profissional. Talvez eu esteja ocupando o lugar que o mesmo poderia ter ocupado. Com certeza, a vitória de hoje eu divido com ele.

Permitam-me, senhoras e senhores, relatar um dos muitos ensinamentos que de meu pai recebi. Quando do início de minha vida médica, costumava externar o desejo de seguir a carreira docente. Ele sempre dizia: “Filho, tão ou mais importante que ensinar Medicina, é ensinar a ser médico”. Sábio é esse conselho que profundamente marcou a minha vida de médico e professor. Nunca foi tão atual, quando nós, profissionais, no afã de nos mantermos atentos aos progressos da profissão, deixamos de lado o aprendizado constante de saber ser médico. Deixamos de entender que quando um indivíduo cai doente, toda sua família tam-

bém adoece e abandona o eixo da normalidade, inclusive comportamental. Sugiro, pois, aos médicos mais jovens que meditem sobre esse tópico.

Sem dúvida, a figura de minha mãe, enfrentando com galhardia as dificuldades iniciais de uma vida a dois e agredida pela presença de, àquela época, doença muitas vezes letal, foi o fulcro que manteve o equilíbrio através de uma atitude serena e resignada. Como católica fervorosa, tinha certeza que Deus nos mandaria melhores momentos.

Viveram juntos, os dois, para presenciarem bons tempos. Não viveram para se deliciar com esta noite. Indubitavelmente, seriam os mais alegres desta cerimônia, envaidecidamente ocupando as primeiras filas deste auditório. Como seria bom que aqui estivessem. No entanto, Deus, como sempre misericordioso, privou-os de presenciar algumas tempestades que, nitidamente, destroçariam os seus corações.

Deixando à parte divagações de ordem sentimental, tenho a convicção que ser membro da Academia Pernambucana de Medicina se reveste de uma grande responsabilidade. As Academias, como fórum maior das ciências médicas, têm o dever de nortear as atividades e o desenvolvimento da Medicina como um todo. Desta instituição devem partir análises e sugestões para aqueles que gerenciam a saúde, não só em nível local, mas, também, dimensionado-as para a realidade nacional.

Aqui neste fórum, imagino, longe dos interesses menos respeitados e pessoais, é possível se descortinar, com maior nitidez e clareza, a problemática que enfrentamos.

Pretendo, por conseguinte, fazer desses princípios a razão mestra da minha vivência nesta casa e, para defendê-los, pleiteei ser Acadêmico.

A dimensão desta Academia é facilmente perceptível, quando as figuras de seus presidentes, a saber, o fundador e o atual, são analisadas.

Fundada por Fernando Simão dos Santos Figueira, sem exagero, o maior scholar da nossa história médica. Com efeito, juntamente com Maciel Monteiro e Octávio de Freitas, compõem a tríade mais representativa da Medicina local. A seu tempo, todos foram fundadores de instituições que modificaram a nossa realidade.

Fernando Figueira soube, como ninguém, conviver com os abastados, ajudá-los sempre que necessário, angariando, por vezes, dos que mais detinham ajuda primordial para os desvalidos e humildes. Sua bravura, sobretudo quando se opunha ao regime autocrático, só é menor quando comparada àquela com que defende “as suas mulheres e crianças do IMIP”.

Sou admitido nesta instituição, com muito orgulho, sob seu prezadíssimo beneplácito, da mesma forma que, em 1978, recebi-me no IMIP, quando acreditou em um jovem neurocirurgião que, na ocasião, necessitava de um pequeno consultório para trabalhar. Ainda em 1978, a bravura de Fernando Figueira foi responsável por salvar incontável número de pacientes. Naquela ocasião, mandou transferir para o Hospital da Restauração, à época quase sem condições de operar, todo um equipamento neurocirúrgico, inclusive microscópio, que estava guardado e sem uso nas dependências do Hospital Oswaldo Cruz.

É dever de justiça, que teça, nesta noite, considerações sobre a personalidade do nosso presidente. Falar sobre Salomão Kelner é demasiado fácil. Cirurgião de respeito internacional, foi continuado da escola cirúrgica de Eduardo Wanderley, tendo-a sedimentado de forma indelével. Empreendedor incansável veja-se o mestrado em Cirurgia da Universidade Federal de Pernambuco. Paradigma de esposo, pai e avô.

César Montezuma de Oliveira Filho, antigo membro desta Academia, meu primeiro mentor cirúrgico e a cuja memória dedico especial carinho, talvez tenha sido responsável pelos adjetivos mais importantes sobre o querido professor. Ele dizia: “Salomão é sobremaneira um homem sério e amigo dos seus amigos”. Em tom de brincadeira, aduzia que sua seriedade o im-

pedia até de contar uma piada. Criei-me, portanto, no universo cirúrgico de Pernambuco, admirando o respeitadíssimo mestre. Foi Salomão Kelner um dos maiores incentivadores da minha admissão nesta instituição e estou certo que muito feliz hoje estaria se pudesse presenciar esta solenidade.

Se, como professor universitário e membro desta Academia, puder demonstrar lampejos da linearidade e da correção de Salomão Kelner, darei como concretizada a missão de médico.

Professor Geraldo Gomes de Freitas, muito obrigado por suas palavras carinhosas e elogiosas. Com que alegria ouviu sua saudação. Ao lembrar fatos da minha infância, momentos da juventude e os passos mais marcantes da minha vida, o ilustre acadêmico fez brotar dentro de minha alma um sentimento ambíguo, ou seja, alegria pelas recordações amenas, tristeza, porque o tempo depressa passou e a nossa querida Ilha do Leite não mais é a mesma.

Não fomos contemporâneos, seus irmãos o foram. Na época, Geraldo Gomes de Freitas já era médico. Filho de Sr. Euclides e Dona Josefa, ele, funcionário da Prefeitura e ela, dona de casa e mãe extremosa.

Geraldo Gomes de Freitas é verdadeiramente um vencedor. Não tinha pai médico, família de renome ou bens materiais que pudessem ajudá-lo. O que nós fizemos, caríssimo professor, foi nada mais que a obrigação. O que o prezado amigo realizou, isso sim, é mérito, é garra, é persistência, é valor. Mais uma vez, obrigado pelas gentis palavras.

Quando fui informado que ocuparia a cadeira 09 desta douta Academia, cujo patrono é o Dr. José Bandeira de Melo Filho, fui inundado por várias interrogações.

Quem foi Bandeira Filho, que, na ocasião, representava apenas o nome da maternidade de Afogados e um médico que imaginava ter sido obstetra? Que relação poderia ser estabelecida entre sua obra e minha pessoa? Que elaborações poderiam ser feitas, a partir de um especialista labutando em ares tão diversos?

De relance, devo dizer, que a personalidade de Bandeira Filho mais que cativou, entusiasmou-me.

Bandeira Filho nasceu em 1882, exatamente no dia 02 de setembro, na cidade do Recife, sendo seus pais o bacharel José Bandeira de Melo e D. Maria Amélia Bandeira de Melo.

Nesse mesmo ano, relatam os historiadores, a vida embrionária da neurocirurgia também se iniciava. Em novembro, Rickman Godlee, sobrinho do grande Lister, operava pela vez um tumor cerebral na cidade de Londres. O diagnóstico foi puramente clínico, e o paciente apresentava uma lesão por debaixo da área motora que produzia crises epiléticas parciais, tipo Bravais-jacksonianas. O diagnóstico houvera sido feito pelo próprio Jackson que convidara ainda Gowers e Ferrier para assistirem a cirurgia. Vejam, minhas senhoras e meus senhores, que tríade respeitável de neurologistas.

Ao final da cirurgia, os neurologistas se entreolharam e um deles comentou: “What a shame!”. Retrucou Jackson: Como pode tão bela cirurgia ser chamada de uma tragédia. Sim, confirmou o interlocutor, considero uma grande tragédia abrir a cabeça de um irlandês e não remover a caixa de bobagens existente dentro da mesma. É óbvio que se tratava de um inglês o autor dessas palavras.

Sempre recomendo aos médicos mais jovens o interesse especial pelo estudo da história da Medicina e da especialidade que abraçam.

Retornando a Bandeira Filho, realizou sua formação inicial no Recife e, ao raiar do novo século, transferiu-se para Salvador da Bahia, onde, em 1901, deu início ao curso médico. A vida boêmia era uma constante da juventude de então. Não se pode dizer que Bandeira Filho tivesse sido um grande adepto da mesma, porém, não de todo avesso. Na verdade, sua capacidade de interagir e liderar já se fazia presente, haja vista que foi eleito e reeleito presidente do diretório acadêmico.

Comecei, então, a vislumbrar um líder em ascensão.

Em 1905, torna-se doutor em medicina, e para os não-doutos, à época, por ocasião da formatura, exigia-se do graduando a feitura de uma tese. Já demonstrava interesse pela ginecologia e obstetrícia, visto que seu trabalho versou sobre “Das Laparo-Histerectomias no Brasil”.

Consta que sua tese, fato incomum há cem anos naquela faculdade, foi aplaudida de pé pela banca examinadora, tendo recebido o grau de distinção.

Impressiona-me positivamente o profissional interessado na produção científico. Recomendo sempre aos alunos e residentes que publiquem exaustivamente. O escrito científico representa a única forma de progredir na arte de ser médico, ensinando a pensar, a escrever o vernáculo e a ordenar o raciocínio lógico. Professor Mattos Pimenta, de São Paulo, um dos pioneiros da neurocirurgia brasileira, dizia sempre aos assistentes: “Ou se publica, ou se fenece”.

A láurea, caracterizada pelo grau de distinção obtido com sua tese, deve tê-lo deixado extremamente orgulhoso. Vejo com pesar, por outro lado, o exagero de graus dez que são conferidos nos cursos médicos e a inflação dos graus de distinção, nos cursos de pós-graduação. Não que, como professores, não gostemos de premiar o excelente aluno. Exatamente o contrário: para que mostremos respeito às láureas, devemos exercer, com mais firmeza a responsabilidade de educadores e pesquisadores, não premiando inadequadamente os menos diligentes. Devemos, acredito, por consequência, repensar as formas de aferição na via acadêmica.

Em 1905, Dr. Harvey Cushing se estabelece como o primeiro cirurgião da história a se dedicar exclusivamente à neurocirurgia, atuando no hospital Johns Hopkins, em Baltimore.

Ao voltar para o Recife, em 1906, o ilustre patrono da cadeira 09 teria forçosamente de se engajar às atividades do Hospital Pedro II, então um jovem nosocômio de apenas quarenta anos.

Associei-me mentalmente ao meu patrono e recordei, também, o início de minha vida profissional na sempre lembrada Enfermaria São Miguel. Imaginariamente, passeamos juntos pelos longos corredores do hospital, percorremos os vários serviços, adentramos o salão nobre e convenci-me que, cada um a seu tempo e a seu modo, havia embalado os mesmos sonhos e a mesma necessidade de servir como instrumentos modificadores estruturais.

Inexistindo na ocasião, é óbvia, residência médica, antes de exercer a especialidade que elegera, dedicou-se por quatro anos à clínica médica, freqüentando o serviço do Professor João Paulino Marques. Congratulei-me, por conseguinte, com Bandeira Filho por essa sábia decisão.

Na atualidade, é inadmissível que se conceba uma perfeita atividade médica sem o embasamento auferido pelos anos de residência. Defendo a residência médica em todas as áreas. Considero tarefa do gestor de Saúde a consignação dos recursos financeiros para contemplação de todas as bolsas que as Comissões de Residência Médica considerarem necessárias. Só poderemos salvar este país, mercê da promoção da educação e, para isso, devemos, primordialmente, bem treinar os nossos jovens médicos.

Em 1910, Bandeira Filho se transferiu para Clínica Obstétrica do Hospital Pedro II e também foi admitido como ginecologista do Real Hospital Português de Beneficência.

A clínica obstétrica era chefiada por Adolfo Simões Barbosa, que tinha como assistentes Nunes Coimbra e Oscar Coutinho.

Tentei vislumbrar, subindo as escadarias do hospital, as figuras venerandas de Simões Barbosa e Oscar Coutinho, todos adequadamente trajados com ternos escuros e camisas com colarinho alto.

Perguntei-me, então, houvera a sociedade moderna, com suas vertiginosas transformações, de alguma forma, apagadas um pouco da liturgia que deve revestir o ato médico? É evidente que o mundo mudou, o Recife se tornou mais quente, as dificuldades ficaram maiores. Contudo, não posso aceitar que essas modifica-

ções justifiquem, em nós médicos, profundas alterações comportamentais.

É, destarte, função dos professores universitários, das Academias e da elite médica dirigente o resgate da liturgia do ato médico. Tal objetivo não pode ser alcançado através de aulas teóricas, mas no contato diário com o preceptor, nos longos anos da residência.

A efêmera vida profissional do Dr. José Bandeira de Melo Filho foi marcada, entre os anos de 1910 e 1920, por uma febril atividade clínica. No Serviço de Obstetrícia do Hospital Pedro II alcançou o status de dirigente, sendo nomeado, em 1916, substituto ad hoc e, em 1920, assumia as funções de chefe de clínica.

Foi médico das famílias mais representativas de nossa capital. Era convocado, freqüentemente, por colegas, para realizar juntas médicas e operar seus pacientes.

No entanto, a dedicação à Medicina privada nunca o afastou, sob nenhuma hipótese, das responsabilidades no Hospital Pedro II. Novamente, ufanei-me do respeitável patrono, visto que é plenamente possível e mandatário que o médico se mantenha atrelado às suas atividades em hospitais públicos, por mais benevolente que a prática privada lhe seja. Não é admissível o jargão que a ausência de tempo induz o profissional a abandonar o serviço público. Ou pior, não se afasta oficialmente e não honra o salário que, embora diminuto, recebe mensalmente.

Entendamos que estamos sempre em débito com a sociedade que nos propiciou a educação auferida.

O professor Mozart Neves Ramos, brilhante e operoso reitor da Universidade Federal de Pernambuco, costuma reiterar que, mesmo sendo gratuita, a universidade é custeada pelos pagadores de impostos. Dessa maneira, de uma forma ou de outra, sempre recebemos ajuda da sociedade organizada, quer na graduação, quer na pós-graduação. Olvidamos, via de regra, que somos também ajudados, quando liberados, das funções públicas a fim de atendermos conclaves científicos. Essas benesses, também subvencionadas pelas camadas mais humildes do nosso universo

e que das mesmas não podem fazer uso, precisam ser entendidas e continuamente recordadas.

Compete ao médico não abdicar de suas responsabilidades sociais e servir como um catalisador positivo dos avanços comportamentais no meio em que se encontra inserido.

Relata Albérico Dornelas Câmara, ilustre fundador da cadeira em que hoje tomo assento, passagem marcante que bem retrata a personalidade do seu patrono.

Em 1911, já acostumado a lidar com casos difíceis e honrosas vitórias, sofre o dissabor da perda de uma paciente de grande representatividade social. Tratava-se da famosa atriz Dolores Rentini, companheira do notável artista Leopoldo Frois e estrela maior de sua companhia teatral. Em agosto daquele ano, a saúde da atriz foi gravissimamente abalada, talvez devido a sua intensa atividade profissional. No dia 15, Bandeira Filho disse francamente a Frois que o estado de sua companheira era desesperador. Se saísse para presenciar a performance de seus artistas, correria o risco de não a encontrar com vida. Tinha razão o médico. Um pouco antes da meia-noite morria Dolores no quarto 01 do Hotel Moderno. Não ter conseguido salvar essa paciente abalou profundamente o jovem facultativo.

Nesse episódio, vê-se que a atitude do digno patrono se coaduna perfeitamente com o comportamento que deve ser exigido do verdadeiro médico. Respeitoso deve ser, sempre, com a dor alheia. Porém, íntegro o bastante para, sobremaneira empregando palavras menos duras, transmitir a verdade para pacientes e familiares. As atitudes precisam ser corajosas, enfrentando a realidade, mas demonstrando a indelével cumplicidade com o bem-estar dos doentes.

Transportadas para os dias de hoje, situações quase idênticas são comumente vivenciadas no cotidiano. Confrontados com doentes terminais, ou quase, é preciso o discernimento para não transferi-los, como também os nossos problemas e dificuldades, para as Unidades de Tratamento Intensivo. Alguém já expressou,

e Gilda Kelner me lembrou, que com o advento das UTIs se perdeu a dimensão social e familiar da morte.

Se Frois houvesse ido ao teatro, perderia a oportunidade de estar junto ao ente amado durante seus momentos finais.

Quando descubro, no Dr. José Bandeira de Melo Filho, um forte compromisso para com o ensino, de pronto, alegro-me.

Em 1910, já o encontramos lecionando e dirigindo, no Hospital Pedro II, a Escola de Parteiras de Pernambuco, Em 1917, relatório da Santa Casa rezava que o Dr. Bandeira Filho tinha grande amor pelo ensino de sua especialidade. Com a extinção da Escola de Parteiras, em 1920, participou da fundação da Escola de Enfermagem.

Mil novecentos e quatorze foi um marco importante na vida do jovem obstetra. Para efeito de conhecimento, na cidade do Recife, naquele ano, nasceram em torno de 7.500 crianças. Apenas a metade atingiu o término do primeiro ano de vida. Nesse mesmo ano, nasceu meu pai, que teve, então, apenas cinquenta por cento de chance de sobreviver. Não aceitando, pois, os insucessos de alguns partos efetuados pela via tradicional, Bandeira Filho realizou em Pernambuco, pela primeira vez, uma operação cesariana, tendo mãe e filho sido salvos. Para nascer, meu pai poderia ter necessitado dessa personalidade líder, intrépida e corajosa bastante para propor e realizar novas técnicas cirúrgicas.

Ainda em 1914, ingressa, por concurso, na recém-fundada Faculdade de Odontologia, conquistando a Cátedra de Terapêutica, após defender tese intitulada “Soroterapia”. Sua mente não consegue manter-se desmotivada e imobilizada, exigindo transformações. Repassa constantemente informações aos menos experientes e ensina arduamente. Em 1915, submete-se a novo concurso e conquista a Cátedra de Química Metalúrgica.

Quando da fundação da nossa querida Faculdade de Medicina, foi um dos primeiros a se agregar ao elenco de professores. Recebeu a designação de reger a Cátedra de Clínica Obstétrica

que, infelizmente, não veio a ocupar. Mercê do seu prematuro falecimento em 1922.

O carinho demonstrado pelo Dr. José Bandeira de Melo Filho pelos escritos médicos é comprovado pelos inúmeros trabalhos publicados. De 1906, datam os seguintes: “Histeria e histerectomia”, “Acidente produzidos pelo fibroma do útero grávido antes da viabilidade fetal”, “Um caso de carcinoma do fígado” e “prehez tubária”.

Em 1908, produziu três contribuições inseridas no Jornal de Medicina de Pernambuco, cujos títulos eram: “retrodesvio do útero grávido”, “Noções de Clínica médica” e “Psicoses puerperais”.

Em 1909, continua labutando, tendo publicado no Jornal de Medicina de Pernambuco os seguintes artigos: “Do diagnóstico em Obstetrícia” e “Complicações extra-genitais das recém-paridas”. Nesse mesmo ano, durante o I Congresso Médico de Pernambuco, além de apresentar o tema “Diagnóstico em Obstetrícia”, toma parte ativa nos debates.

Nesse certame científico, foi Bandeira Filho a primeira voz a solicitar a fundação de uma nova maternidade e de uma Escola de Obstetrícia. Teve a primazia de conclamar que, nos serviços de obstetrícia, não poderiam conviver, em regime de promiscuidade, mulheres esperando o parto, as paridas e as portadoras de moléstias intercorrentes.

Em 1910, publicou inúmeros artigos científicos, a saber: “Da anti-sepsia e da assepsia em Obstetrícia”, “Médicos residentes na cidade do Recife”, “Um caso de Onfalocele congênita”, “Da proteção do períneo no parto a fórceps” e “Valor prognóstico da albuminúria gravídica”.

O jornal de Medicina de Pernambuco é, em 1911, mais uma vez aquinhoado com a publicação do trabalho intitulado “Diagnóstico da bacia normal da mulher”. Em 1912, retomando experiências publicadas no passado, escreve sobre “A inutilidade da proteção do períneo no parto a fórceps”.

O respeito pela figura do patrono exacerba-se quando se imagina as dificuldades, enfrentadas, a seu tempo, para a consecução de publicações científicas. A impressão deveria ser extremamente laboriosa. Quantas provas de revisão até que o texto final estivesse pronto? O que dizer da problemática revisão da literatura e do manuseio da bibliografia?

O ilustre médico pernambucano deve, por conseguinte, ser mais uma vez aplaudido. De outra maneira, fico entristecido, quando vejo que alguns jovens médicos de hoje, dispendo de computadores e da Internet, não colocam, por vezes, no papel e de forma cientificamente ordenada, suas experiências. Asseguro que a ausência de publicações no curriculum vitae é bem mais vexatória que a publicação de um artigo pouco consistente.

A partir de 1913, o Dr. Bandeira Filho é totalmente vocacionado pela idéia de construir um grande e moderno centro obstétrico. Dizia Octávio de Freitas em artigo assinado no Jornal Pequeno: “Se esse intento vingar, um nome deve ser colocado no frontispício desse estabelecimento que em breve se erguerá nesta cidade para servir de recolhimento às mulheres grávidas necessitadas dos recursos da ciência. Esse não pode ser outro que o do distinto parteiro Dr. Bandeira Filho”.

Analisando a luta do grande patrono para dispor a cidade de avanços tecnológicos na especialidade, mais que nunca, a personalidade do neurocirurgião identificou-se com a do parteiro.

Também, a meu modo e dentro das minhas limitações, tenho combatido o desnível cultural e tecnológico, repudiando o imobilismo e almejando uma era em que tivéssemos hospitais onde pudessem ser realizadas as novas e desafiadoras técnicas cirúrgicas emanadas do Primeiro Mundo.

Infelizmente, o sonho do Dr. José Bandeira de Melo Filho não se cristalizou, todavia os sonhos dos médicos de minha geração estão se materializando, mediante a liderança do Recife como pólo médico inquestionável.

Pressionar, no bom sentido, nossos dirigentes e fazer sugestões para que o avanço tecnológico na área médica não apresente solução de continuidade, posiciona-se, penso eu, como mais uma nobre função das Academias de Medicina.

Inúmeros poetas já apregoaram que é o amor à matéria-prima que rege as atividades do homem. A qualidade e a quantidade do trabalho agigantam-se quando o amor está fortemente presente, ou a dor de sua ausência é quase insuportável.

Com Bandeira Filho aconteceu uma exceção à regra. A morte de sua esposa, em 1918, após 11 anos de união, afasta-o de todas as atividades, deixando-o na mais profunda saudade. Desinteressa-se de suas atividades profissionais, perde o entusiasmo pela arte de escrever e viaja para o sul do país, a fim de tentar superar o golpe.

Sofre intensamente, mas o tempo é o bálsamo da alma. Em 1920, engaja-se novamente na perseguição da idéia, que agora é o alimento de seu espírito, ou seja, a construção da maternidade. Nesse mesmo ano, agora como diretor do projeto, consegue adquirir por 50 contos de réis uma casa com grande terreno, situada à Rua Fernandes Vieira, número 255. no dia 1º de maio, é lançada a pedra fundamental da tão almejada obra, tendo proferido discurso que causou profunda repercussão na comunidade local.

Respeito, mais ainda, o digno patrono da cadeira 09 desta Academia, quando vejo que a rudeza do golpe e o luto da perda não diminuíram sua força interior. É admirável a personalidade que acredita que a realidade é emanada e construída a partir de um sonho. Aquele que não pára de sonhar, nunca envelhece.

Infortunadamente, a inauguração da maternidade, a princípio marcada para 1922, não se verificou, talvez em decorrência da morte prematura de José Bandeira de Melo Filho, aos 40 anos de idade.

O ilustre médico pernambucano tinha 1 metro e 75 centímetros de altura, era de compleição robusta e dotada de invejável vigor físico.

Tento vê-lo, andando pelos corredores do Hospital Pedro II, sempre com as mãos para trás. Apresentava uma expressão de força e finura ao mesmo tempo. Não sei se o seu lado rebelde receberia o melhor de minha admiração.

Era adequado no discurso, implacável na argumentação e contagiava a todos por uma sinceridade e honestidade agressivas. Podia ser lógico e romântico ao mesmo tempo. Possuía uma inteligência viva e penetrante, sendo dotado de profundos sentimentos de justiça.

Discutindo a problemática dos seus pacientes, chegava rapidamente a conclusões diagnósticas e, como todo líder, possuía extrema e arguta capacidade de tomar decisões. Perseverança, coragem e autoconfiança alicerçavam as suas divagações idealísticas. Não duvidava do sucesso, nem conhecia o receio da derrota. Era respeitosamente reservado, não tendo hora limitada para trabalhar, infatigável, só se sentia bem quando estava produzindo.

Por fim, ao encerrar esta análise sobre alguns aspectos da vida do Dr. José Bandeira de Melo Filho, não posso deixar de externar, à Academia Pernambucana de Medicina, o mais profundo reconhecimento por ver meu nome associado à tão forte e respeitada personalidade.

Bandeira Filho viveu apenas 40 anos e não vivenciou a materialização da maior parte de seus sonhos.

Espero viver o bastante para presenciar a edificação de todos os meus castelos. Espero viver o bastante para ver um Brasil menos injusto, menos cruel, menos corrupto, menos traficante e menos pistoleiro. Estou convicto de que os sonhos podem ser transformados em realidade, quando são alcançados pela dignidade e pela honestidade, felizmente, ainda, atributos da maioria da população.

Por dever de justiça, devo ressaltar que a maior parte das informações, inseridas nesta oração a respeito de Bandeira Filho, advieram dos escritos do Dr. Albérico Dornelas Câmara.

Lamentavelmente, não posso dizer que privei da amizade do Dr. Albérico Câmara. Ainda estudante de Medicina, na presença de meu pai, fui ao mesmo apresentado por Dr. Luiz de Souza. Houvera terminado uma cirurgia no querido Instituto de Obstetrícia Dr. Freitas Lins, onde eu e meus irmãos nascemos pelas mãos competentes do amigo Luiz de Souza.

Revi-o mais algumas vezes em reuniões científicas e nos corredores de hospitais.

Fino no trajar, no falar e no convívio com seus semelhantes, sendo carinhosamente chamado de “Fininho”, por seus colegas, talvez, pela ausência de um maior panículo adiposo.

Nasceu em 1913, tendo colado grau pela Faculdade de Medicina do Recife em 1936. Desde o início da vida acadêmica, destacou-se entre seus pares, numa turma em que pontificavam, entre outros, Altino Ventura, Oldano Pontual, Caetano de Barros e Saulo Suassuna.

Faleceu no dia 08 de dezembro de 1983, data tão representativa para um fervoroso católico que era. Faleceu no dia em que colaram grau a maior parte dos médicos de sua e minha geração. Data mais que apropriada para o médico Albérico Câmara.

Desgraçadamente, mudaram não só o nome da nossa faculdade, como também modificaram a data tradicional de formatura.

Li o curriculum vitae e examinei o álbum sobre passagens de sua vida, gentilmente cedida por Albérico Junior.

Quanto amor eu vi naquele álbum, tão carinhosa e orgulhosamente organizado. Ao lê-lo, lembrei-me de meu pai e conjecturei que uma pessoa fora tão bom pai, teria forçosamente de ser excelente cidadão.

Tentei ter uma visão crítica da pessoa que estava pesquisando. Procurei não me influenciar pelas repetidas manifestações de apreço e elogio que encontrei. Que o Dr. Albérico era uma das reservas morais de nossa realidade, isso já ouvira antes, através do amigo Luiz de Souza, padrinho da minha queri-

da irmã caçula Rosa. pensei olvidar, se possível fosse, a admiração que meu pai nutria por esse digno médico. Impossível, pois me manter imparcial.

Voltei então ao curriculum vitae e constatei que, mesmo com pretensões se ser um profissional voltado para o lado acadêmico, não prestei a devida atenção ao fato de ter sido, Albérico Dornelas Câmara, um dos fundadores da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, aonde chegou a ser professor titular de Clínica Ginecológica.

Passei de relance sobre os 45 trabalhos científicos apresentados em congressos. Deveria ter me detido com mais profundidade nas 35 mesas-redondas de que participou e nas dezenas de palestras que proferiu. Deveria ter sido mais sensibilizado pelos 30 cursos que ministrou. Estranhamente, os 64 trabalhos que publicou, ente 1936 e 1978, não mobilizaram, fundamentalmente, uma mente direcionada para o interesse científico.

Por quê? Já sobressaltado, interoguei-me. A resposta veio rapidamente. Eu estava ávido para melhor conhecer o homem, e o homem estava no álbum de Albérico Júnior, não no curriculum vitae.

A figura do scholar era admirável. Todavia, mais admirável era o ser humano que se encontrava dentro do médico. Raras vezes, pode-se detectar tamanha unanimidade. Marido zeloso, pai extremoso, médico caridoso, cristão piedoso, são adjetivos que, em Albérico, parecem sobrenomes atrelados a seu nome e que se repetem pelas linhas de todos os seus cronistas.

Dentre dezenas de peças que li sobre Albérico Dornelas Câmara, escolhi três para homenagear o fundador da cadeira que hoje passo a ocupar.

Transcrevo o depoimento de um seu colega de turma, Edézio Paes Barreto. “Albérico, católico por convicção, inspirado em São Vicente de Paula, foi exemplo máximo do filho extremado, do irmão dedicado, do esposo insubstituível, do pai amoroso, do colega correto e do amigo para todas as horas”.

De Leduar de Assis Rocha, também médico, porém fundamentalmente jornalista, retirei: “Profundamente católico, admirável Vicentino, era incapaz do mínimo procedimento que pudesse conflitar a sua consciência reta de homem de bem, respeitando a vida como uma dádiva de Deus. Sempre amável e discreto, sóbrio de gestos e atitudes, sem arrebatamentos e arroubos, na sua alma pura só havia lugar para os sentimentos de conciliação e concórdia”.

De Albérico Júnior que, como eu, ostenta orgulhosamente o nome do pai, fui tocado, entre outras, pelas seguintes palavras: “Tudo que é matéria, nunca é eterno. O que faz a eternidade é a história”. E a história é feita de ações e lembranças, aduzo.

Tomei a liberdade de usar seus versos, para que, emocionado, pudesse também dizer para meu pai:

“Quando me lembro,
que tanta paz vinha de você,
que tanto amor você tinha para dar,
que com tanta sapiência e serenidade você
resolvia meus conflitos,
que a sua humildade me fortalecia,
quando me lembro,
que ainda hoje choro sua ausência,
Ah! Quando me lembro,
Definitivamente você não morreu”.

É, por conseguinte, privilégio maior sentar na mesma cadeira outrora ocupada por Dr. Albérico Dornelas Câmara. Peço a Deus que me dê forças para honrar esse galardão.

Incontestavelmente, os 118 anos que separam os nascimentos de Bandeira Filho e da neurocirurgia da realidade atual denotam transformações avassaladoras.

A medicina tornou-se além de arte, ciência, e a cirurgia neurológica adquiriu status de especialidade líder no emprego do progresso tecnológico.

De forma imaginária, avaliemos como poderia se comportar, ao longo dos anos, Dr. Harvey Cushing, verdadeiro fundador da especialidade.

Dr. Cushing faleceu em 1939, aos 70 anos de idade. Naquela ocasião, para a confirmação diagnóstica, tinha-se, além da propedêutica clínica apenas o raio-X simples, a mielografia e a ventriculoencefalografia. O eletroencefalograma dava os primeiros passos, as transfusões sanguíneas eram problemáticas, a eletrocoagulação transoperatória, rudimentar, e os antibióticos estavam em período embrionário.

Se trouxéssemos o grande neurocirurgião para a realidade de 1959, acredito que, sem maiores dificuldades, poderia desenvolver a especialidade. Veria, com entusiasmo, o advento das UTIs, o aparecimento da penicilina e o avanço da antibioticoterapia. Admirar-se-ia com o avanço das técnicas angiográficas e ficaria contente em constatar o desenvolvimento das derivações valvulares para pacientes com hidrocefalia. A neurocirurgia deixara, então, de lidar somente com patologias traumáticas e tumores. Mas se aprofundara no tratamento das patologias vasculares, degenerativas e congênitas.

Migramos mais 20 anos e coloquemos Dr. Cushing no interior de um hospital em 1979. O mestre ficaria regozijado e atônito com o aparecimento da tomografia computadorizada, método que revolucionou a medicina e que foi responsável por extraordinário avanço da cirurgia neurológica. Com a tomografia computadorizada, o tratamento cirúrgico das epilepsias e dos movimentos anormais puderam ser melhor planejados. Obviamente, também, os tumores, os traumas, as hidrocefalias, os abscessos e as doenças degenerativas e infecciosas da raque tiveram uma melhor investigação e uma terapêutica mais condizente. Acharia fabulosamente inacreditável o mundo novo descortinado pelo emprego do microscópio. A neurofisiologia apresentava-se como elemento fundamental no tratamento das afecções cirúrgicas do sistema nervoso periférico. O advento da monitoração da

pressão intracraniana, do metabolismo cerebral e a utilização de manobras de proteção encefálica ajudavam a reduzir a morbimortalidade.

Em chegando, Dr. Cushing, ao fim do século XX, o respeitado mestre ficaria atônito com a parafernália tecnológica. Poderia ter dificuldades em entender os aspectos físicos da ressonância magnética e, sobretudo da ressonância funcional. Ficaria extasiado com a tomografia por emissão de prótons. Verificaria que a angiografia cerebral tridimensional poderia, às vezes, mostrar as patologias vasculares.

Melhor do que “ao vivo”. Observaria o estabelecimento da neurorradiologia intervencionista, como uma subespecialidade. Apreciaria a chamada cirurgia minimamente evasiva e o renascimento da neuroendoscopia. Talvez tivesse dificuldade para conviver no meio das sofisticadas aparelhagens que hoje povoam as nossas salas cirúrgicas e as UTIs.

Ficaria satisfeito, me suponho, com tamanho progresso.

Porém, sem a menor dúvida, mudança maior haveria de deixar Harvey Cushing pesaroso e estarrecido. O velho neurocirurgião poderia conviver com a tecnologia, mas não conseguiria aceitar a determinação da relação médico-paciente.

Ficaria perguntando onde estariam as mensagens para tantos repassadas e baseadas no bem-estar e na recuperação dos pacientes como objetivos fundamentais da profissão médica. Ficaria aturdido com o excessivo número de exames complementares, em detrimento da boa prática do exame clínico detalhado. Evidenciaria, com pesar, que, para alguns profissionais, o sofrimento humano e o seu alívio não mais os sensibilizavam. Detectaria que as doenças se transformaram em fontes de dividendos, os pacientes, o meio de consegui-los e os familiares, inimigos em potencial. Recomendaria, correndo o risco de não ser ouvido, que não se deve tratar ou operar um exame, e sim, doentes.

As novas gerações de neurocirurgiões agora se aglutinavam, sobretudo nos Estados Unidos da América, em firmas pomposas chamadas “Neurosurgical Associates” e teria, o professor dificuldade

para entender a contratação de gerentes financeiros e advogados consultores.

Comprovaria que os interesse das companhias de seguro sobrepunham-se às necessidades fundamentais do ser humano. Os pacientes, as patologias, os resultados cirúrgicos, sobretudo os maus, eram agora, apenas números para serem usados na busca de menores custos. Os doentes tinham sido rotulados, agora, de casos, o que poderia também ter a significação de problemas. Os seus nomes foram esquecidos, sendo referidos, apenas, pelas enfermidades que abrigavam.

Embora sendo emitente neurocirurgião, Dr. Cushing mantinha inabalada sua crença no papel social do médico e da medicina. Harvey Cushing discordaria das greves em hospitais públicos, o que teria, de pronto, o meu suporte. Interrogaria se essas greves não seriam orquestradas, por vezes, levando em conta interesses políticos e pessoais. Chamaria a atenção para o fato de essas paralisações apenas penalizarem uma fração da população que não merece, não pode e não deve ser mais penalizada.

Enfim, não estou certo que tipo de sentimento prevaleceria no famoso neurocirurgião, se euforia ou se depressão.

Não poderia terminar esta oração sem agradecer aos meus familiares, em especial a Alita, Renata, Fernanda, Paula e Hildo Neto que, ajudando no que lhes era possível, quase sempre aceitaram os longos períodos de ausência, entendendo a extensão dos compromissos profissionais assumidos. Aos amigos, antigos e novos, sobretudo àqueles sempre juntos e presentes, o compromisso solene de honrar esse sentimento.

Muito obrigado, e que Deus nos abençoe.

Saudação a Hildo Cirne de Azevedo

Acadêmico:

Geraldo Gomes de Freitas

Recife, 02 de junho de 2000.

A escolha do meu nome para vos saudar nesta solenidade festiva de vossa posse na Academia Pernambucana de Medicina, foi grande honra para este humilde médico e Membro desta Casa de Cultura Científica.

Inicialmente meus sinceros agradecimentos. Este prêmio foi muito gratificante, pois me fizestes conhecer à vida do vosso Patrono – o Professor Dr. José Bandeira de Melo Filho, cadeira nº 09, da nossa Academia. Relembrei ainda os saudosos colegas Alberto Dornelas Câmara e Mozart Bezerra Alves, que vos antecederam nesta cadeira Acadêmica.

Acadêmico Hildo Azevedo, hoje a festa e a palavra são vossas, mas na qualidade de vosso recipiendário irei em pinceladas rápidas fazer um retrospecto do Vosso Patrono e dos senhores antecessores nesta Cadeira nº 09.

O Professor Bandeira Filho tem o seu nome imortalizado em uma Maternidade da nossa Cidade do Recife, nasceu em dezembro de 1882, nesta cidade Maurícia e estudou Medicina na Faculdade da Bahia, onde foi Diplomado em 1905, após defender a tese **“Da laparohisterectomia no Brasil”**. Foi aluno brilhante e atuante na vida política da Academia, tendo sido eleito 05 vezes para Presidente do Diretório Acadêmico, e sempre participou das orgias Acadêmicas que naquela época eram divertidas e agradáveis. Logo após a Diplomação voltou à cidade natal, o Recife, iniciando atividades Clínicas de Toco-ginecologia no Hospital Dom Pedro II, e em 1910 também trabalhou no Hospital Real Português, desenvolveu intensa atividade assistencial humanitária aos mesmos favorecidos e também clínica particular para as elegantes da elite pernambucana e do nordeste. Foi Professor da Escola de Partejas do Hospital Pedro II. Após Concurso Público, em 1914 foi nomeado Professor de Terapêutica na Escola de Odontologia – Cátedra de Química Metalúrgica com a Tese – **“Soro-terapia”**. Em 1918 o Mestre Octávio de Freitas fundou Faculdade de Medicina do Recife anexando-a à Faculdade Odontológica já existente, então o Mestre Bandeira Filho foi

convocado para reger a Cátedra de Obstetrícia, o que não chegou à ministrar face ao prematuro falecimento em fevereiro de 1922.

Bandeira Filho deixou vários trabalhos científicos publicados em períodos o jornal de Medicina de Pernambuco, e entre eles destacam-se “Histeria e histerectomia”, “Prenhez tubária”, “Pstchoses puerperais”, “Aparelhos de urgências para infecções vaginais e intrauterinas”, etc. este mestre da ginecologia pernambucana e brasileira, foi também jornalista, escrevendo freqüentemente no Jornal Pequenos assuntos de interesse da população recifense e do nosso Estado. Finalmente este mestre teve participação ativa na Sociedade de Medicina de Pernambuco, eleito que foi para 1ª Secretaria da Instituição Científica-Cultural da Medicina Pernambucana.

Caríssimos Acadêmicos, Meus Senhores, Minhas Senhoras, Colegas e Amigos.

Os colegas que ocuparam esta cadeira nº 09, Albérico Dornelas Câmara e Mozart Bezerra Alves, atuaram sempre na cidade do Recife, quer no magistério ou assistencialmente na Faculdade de Medicina do Recife, instituições providenciárias da época, nos Hospitais da Santa Casa Misericórdia – Pedro II, Santo Amaro, entre outros.

Lembramos uma frase do Acadêmico Perceu Castro Lemos, referida no seu discurso de posse nesta Academia, em 27 de agosto de 1976, sobre o saudoso Dornelas Câmara “Albérico, a que não precisava completar com o Dornelas Câmara, tanta força que emana d sua personalidade boa, do jeito manso, amigo e sorridente”.

Caríssimos Membros desta Academia, Meus Senhores e Minhas Senhoras, Evocarei neste momento o novelista Sinclair Lewis, quando enfatizou.

“Ser um homem de ciência não é algo que se possa submeter à própria eleição... É viver uma teia de emoções obscuras como as que envolvem os místicos ou aquelas que se vêem impelidos a escrever poesias”.

Ao ler e reler o Memorial do nosso Acadêmico Hildo Azevedo Filho ficamos emocionados pela grandeza de títulos apresentados, pela sólida formação estudantil, profissional, humanística e competência profissional.

O ilustre médico e professor de Medicina têm tradição familiar. Filho primogênito de Sr^a Mariêta Lins de Albuquerque Cirne de Azevedo, professora diplomada pelo Colégio Nossa Senhora do Carmo do Recife, tendo exercido a função pública de fiscal de ensino no Colégio São José – Curso Pedagógico. Seu genitor, o médico Hildo Rocha Cirne de Azevedo, se Diplomou em 1941 pela Faculdade de Medicina do Recife, dedicando-se à doenças do tórax, especialmente Tisiologia.

Hildo residiu por muitos anos no bairro da Boa Vista, particularmente na Ilha do Leite, onde também aí residiu o seu recipiendário nesta esta Acadêmica. Informações de vários colegas da época referem que nosso companheiro hoje, sempre foi um rapaz educado, de boas maneiras e de bom relacionamento com a turma. Adorava esportes e fazia parte de um time de futebol, “O arco-íris” e também de Basquetebol. Entre seus colegas d época todos residentes na Ilha do Leite, cito o meu irmão Euclides Filho, engenheiro, seu irmão Marcelo, formado em Medicina, João Ricardo, médico, entre outros. Seus colegas o chamavam de Hildinho.

Era uma juventude sadia e estudiosa, sempre pensando num futuro tranqüilo e brilhante.

Hildinho realizou o Curso Primário no tradicional Grupo Escolar João Barbalho, entre 1953 a 1956. Após exame de Admissão no Colégio Nóbrega, em 1957, fez Ginásial e Científico, entre os anos 1957 a 1963.

Em 1964 prestou exame para o vestibular nas duas Faculdades de Medicina do nosso Estado de Pernambuco. Na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, aprovado no 7º lugar. Sem nenhum desmerecimento fez opção pela Escola Federal.

Ao iniciar o Curso Básico foi atraído por tudo que dizia respeito ao Sistema Nervoso. Frequentava voluntariamente os laboratórios de Neuroanatomia e neurofisiologia, onde se estudava e se pesquisava em animais. Chegando no Curso Clínico interessou-se pelas atividades cirúrgicas, sendo admitido – Acadêmico estagiário da 3ª Clínica Cirúrgica do Hospital César Montezuma, que lhe entusiasmou e também ensinou conviver com ambientes de Salas Cirúrgicas. O nosso Hildinho chama o Mestre Montezuma de “misto de amigo extremado e tutor devotado”, acompanhado-o também no Hospital Geral do Recife da 7ª Região Militar, entre os anos de 1966 e 1969, na qualidade de Acadêmico Interno.

Foi Acadêmico Bolsista entre 1968 a 1969 do antigo Hospital do Pronto Socorro do Recife, hoje, Hospital da Restauração, até sua diplomação em 1969.

No velho Hospital Pedro II, se dedicou a Clínica Neurológica e Neurocirúrgica, em tempo integral, Cátedra regida pelo Professor Manoel Caetano Escolar de Barros, na Enfermaria São Miguel, como estagiário voluntário. Foi ali onde deu os primeiros passos para o aprendizado da Cirurgia do Sistema Nervoso Central e Periférico. Aprender a examinar, ver, discutir casos clínico-patológicos com os Mestres Luis Ataíde e Alcides Codeceira Júnior. Naquela ocasião já bem seguro de sua conquista científica foi indicado para o cargo de Neurocirurgião plantonista da Unidade de Emergência Neurocirúrgica do Hospital da Restauração.

Em 1971 o Prof. Manoel Caetano indicou-o para Auxiliar de Ensino da Disciplina de Neurocirurgia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Pernambuco, quando então começou a desenvolver atividades Médicas e assistenciais, bem como magistério no Hospital Oswaldo Cruz.

Em 1972 foi aprovado em primeiro lugar no Concurso Público para a vaga de Professor assistente de Neurologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, tendo

declinado para continuar na sua cidade natal, o Recife. Sentindo necessidade de uma maior especialização na sua área de conhecimento, mercê de sua amizade com o Eminentíssimo Mestre da Cirurgia Pernambucana e Brasileira, o saudoso Professor Luiz Tavares de Silva, conseguiu a vaga de “Sênior House-Office” no Departamento de Neurologia da Universidade de Oxford, Inglaterra, sob a direção do Professor Allison, onde estudou e trabalhou, entre os anos de 1973 a 1975, com a ajuda financeira da CAPES e da Pró-reitoria de pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco. Após Concurso Público de provas e títulos foi aprovado em 2º lugar para o Cargo de Professor Assistente da Disciplina de Neurologia e Neurocirurgia, da UFPE, em 1978, sendo imediatamente contratado. No mesmo ano obteve o título de especialista em Neurocirurgia pela Associação Médica Brasileira e admitido membro titular da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia. Na década de 80, mediante análise Curricular foi promovido à Professor Adjunto na Faculdade de Ciências Médicas, e também Adjunto do Centro de Ciências da Saúde da UFPE. Em 1981 recebeu o honroso título de “Fellow of the Royal Journal of Surgeon of Edimburgo”, sendo o primeiro brasileiro a possuir este título. O periódico “British Journal of Neurosurgery” fundado em 1987 na Inglaterra, o colega Acadêmico Hildo Rocha Cirne Azevedo Filho foi indicado para participar como representante de Línguas Portuguesas do “Editorial Advisory Board”. Participando em 1987 do congresso Europeu de Neurocirurgia em Barcelona e Espanha, resolveu estagiar na Clínica do Prof. Magid Sanki de Hanover, Alemanha, onde obteve conhecimento da cirurgia dos Aneuristas do Acústico e das Lesões dos Nervos Periféricos, bem como das má formações artério-venenosas intracranianas. Somente em 1988, deixou o serviço do Hospital da Restauração, e de imediato organizou com vários colegas, também especialistas, uma clínica que foi denominada Neurocentro, com o patrocínio do Hospital Santa Joana.

Durante o ano de 1994, realizou a primeira Ventiloscopia Endoscopia do Norte-Nordeste do Brasil e, após analisar os resultados, e “follow-up” adequado, escreveu a Tese para Doutorado em

Medicina da Ufpe, em 1997, sendo Aprovado com distinção. Já com o título de Doutor, foi convidado para a Banca Examinadora de Cursos de Mestrado na Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo e, para Professor Assistente do CCS da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde foi Presidente da Banca Examinadora.

O Acadêmico Hildo Rocha Cirne Azevedo Filho, juntamente com o seu Colega Arthur Cunha, publicou em 1998 um livro intitulado – **“Traumatismo cranioencefálico em pediatria”**, com 70 paginas, pela Editora Bagaço, em 1997, além de possuir 4 (quatro) capítulos de livros, quer como autor ou como co-autor, entre eles **“Hidrocefalia”**, como co-auto do Dr. Geraldo Furtado – Revistas Pedriata, no Instituto Materno Infantil de Pernambuco (IMIP), em 1990.

Nesta mesma década de 1990 – foi eleito Vice-Presidente da Academia Brasileira de Neurocirurgia, para o biênio 1997/2001, e indicado para Presidente da mesma instituição para o biênio de 1999/2001.

O professor Hildo Rocha Cirne de Azevedo Filho se submeteu à Concurso Público para o cargo de Professor Titular da Disciplina de Neurocirurgia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Pernambuco, em abril último, defendendo a tese **“Lesões da medula espinhal e da cauda equina produzidas por projéteis de arma de fogo”** - Estudo de 248 pacientes, teve sua aprovação por unanimidade da Banca Examinadora, com distinção e louvor.

Este nosso colega catalogou no seu Currículo trabalhos publicados em períodos internacionais em numero de 09, por exemplo, no Journal of Neurology, Acta Neurocirúrgica, Excepta Médica, Child’s Nervous System, British Journal of Neurosurgery, entre outros. Em periódicos nacionais, publicou na Neurobiologia Arquivis Brasileiros de Neurocirurgia, Jornal Brasileiro de Neuro-Cirurgia, num total de 44 trabalhos científicos, bem como, cerca de 14 Monografias, inclusive 02 para a Associação dos Diplomatas da

Escola Superior de Guerra, e a Monografia “**Contribuição ao estudo das hidrocefalias**” – procedimento referente a 422 cirurgias realizadas no IMIP, entre janeiro de 1993 e setembro de 1996.

Nos Congressos Brasileiros da especialidade, apresentou 113 contribuições da sua experiência clínico-cirúrgica e, nos Eventos Internacionais, 08 trabalhos de envergadura científica. Tem atividade muito intensa no magistério Nacional e Internacional. Tudo que a Lei do ensino no Brasil exigiu foi seguido pelo nome eminente do Acadêmico Hildo, desde auxiliar de ensino, até Titular, através de Concursos Públicos, como demonstra seu currículo.

Colegas, Membros da Academia Pernambucana de Medicina.

Meus Senhores, Minhas Senhoras, Familiares, Autoridades presentes ou Representadas.

O Acadêmico Hildo Rocha Cirne de Azevedo Filho é exatamente o que Haxley definiu em proféticas palavras:

“Nós somos aquilo que os outros moldaram, que as circunstâncias fizeram e que a vida determinou e ficamos plasmados com aqueles que nos moldaram e nos prepararam para a realidade da vida”.

Prestem bem atenção, em todos os setores das atividades desenvolvidas pelo nosso nobre Médico, Professor e hoje Acadêmico desta Casa de Cultura, sempre se mostrou líder, pois, liderança não se cria, não se inventa e não se faz, o homem já nasce Líder, evidente que no decorrer da sua vida, nunca esqueceu dos seus genitores, dos seus familiares, dos seus colegas, dos seus amigos e dos seus descendentes.

Caríssimo colega Hildinho seja bem vindo a nossa Academia.

Tenho dito.

Discurso de posse na Academia

Acadêmico:

José Weydson Carvalho de
Barros Leal

Recife, 04 de maio de 2006

Permitam-me, retroceder ao meu passado, quando há 55 anos aqui cheguei, vindo da cidade de Salvador, onde estudei meu curso científico e anos antes, do estado do Espírito Santo, onde realizei meus quatro anos ginasiais. Aceitem retroceder mais ainda para que eu possa me aproximar de meus pais, pelo menos de coração, de meus irmãos e parentes envolvidos pelo poder de muitas recordações.

Os senhores haverão de compreender que essa introdução, embora “sui generis”, simbolize e sintetize meu passado, criado até os onze anos no estado do Ceará, nascido na cidade de Quixeramobim, a mesma terra natal do professor Monteiro de Morais e que na adolescência foi amigo de meu pai. De lá parti para a cidade de Colatina, às margens do Rio Doce, este nascido no estado de Minas Gerais.

Mas, para chegar até aqui, precisei de algo que me direcionasse em atitudes por certo vitoriosas, ajudadas pela figura divina do Mestre ou pela força de alguns movimentos espirituais, que sem relutar ou duvidar, os manobrei exitosamente. Estimulado por minha irmã Weydes, matriculei-me precisamente nos últimos dias de fevereiro de 1951 no vestibular da Faculdade de Ciências Médicas, pois que na Universidade Federal já havia acontecido o magno desafio estudantil.

Logo depois, vi-me laureado com o honroso terceiro lugar na escala de notas entre os 150 vestibulandos, com aprovação de somente 45, comemorando tal felicidade com minha irmã que estava prestes a retornar ao Ceará para iniciar sua vida profissional, onde meus pais e minha família se encontravam de corações abertos, para recebê-la como ilustre médica. Eis ela entre nós, e para minha maior satisfação entre duas outras irmãs. E foi assim que pisei nesta terra, onde outrora havia sido descoberta pelos portugueses e governada pelos holandeses, séculos depois conhecida como terra dos judeus de onde partiram em direção à Nova York, deixando traços marcantes de suas proveitosas presenças. Na Rua do Benfica estudei meus seis anos como acadê-

mico, quase de costas ao prédio onde agora estamos e que hoje nos alberga graças a pertinaz obstinação do Prof. Fernando Figueira, ex-presidente de nossa Academia e ex-professor das nossas duas Faculdades. Anos depois, nos misturávamos alunos e professores, praticamente com ambições comuns, de levar a Faculdade de Ciências Médicas ao patamar de nossos ideais, ou seja, o melhor lugar de estudar e de aprender medicina. Ali, a “Anatomia Descritiva de Testut” foi minha primeira paixão. Durante o dia estava envolvido por ela, pois morava com um colega da Universidade que me convidara a enfrentar as primeiras descrições do corpo humano através da Osteologia. Décadas depois, relembrei daquele famoso Livro de Anatomia, quando paginei uma das mais importantes obras de toda medicina através de Andréas Vesallius, publicada em 1543 e formada por 7 (sete) volumes, “sacudindo o meio médico por 14 séculos de torpor que até então dominava o mundo”, segundo Meyer Fridyman ao relatar aquela incrível obra intitulada “De Humanis Corporis Fabrica”.

Mas a vida me reservara acontecimentos transcendentais: por concurso de tese e títulos, me tornei talvez o primeiro professor assistente de medicina do Brasil. Três anos depois, professor livre docente, com tese, títulos e demonstração cirúrgica, tendo ainda alcançado a titulação de professor adjunto e de doutor em medicina até assumir o de Professor Titular da Disciplina de Ginecologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. E então, com persistente esforço, cheguei até aqui entre vós, envolvido pela magia da natureza amiga dos pernambucanos, consolidando quatro grandes e sagrados títulos: o de Professor Emérito da nossa Universidade Federal, “Maestro de la Gineco-Obstetricia Latinoamericana”, título concedido pela “FLASOG” – Federação que congrega 20 países da América do Sul.

Título de Cidadão Pernambucano pela Assembléia Legislativa do Estado e Membro da Academia Pernambucana de

Medicina, esta que acaba de me envolver pelo manto de vossas amizades e onde hoje se encontra sediada outras entidades, simbolizada pelo nome de Memorial da Medicina.

Nosso brilhante colega acadêmico, Rostand Paraíso, em um de seus artigos intitulado “A Velha Faculdade”, lembra que para sua sobrevivência, teve a participação ativa de ilustres batalhadores, o primeiro deles Fernando Figueira, o timoneiro, o segundo, Paulo Maciel, o negociador, e o terceiro, Éfrem de Aguiar Maranhão, o restaurador, colocando o prédio à disposição da Academia Pernambucana de Medicina, quase que completamente apto a sediá-la, tendo como símbolo a Casa de Otávio de Freitas construída em 1927, e nossa Academia, acrescento eu, inaugurada em 17 de dezembro de 1970, não aqui, mas na sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco por uma plêiade de colegas, entre os quais, Bruno Maia, Pedro Velozo Costa, Leduar de Assis Rocha e outros não menos ilustres colegas que assinaram a histórica ata.

A demais senhoras e senhores é justo lembrar nesta altura dos acontecimentos que o convite feito a mim para que pudesse adentrar nesta Casa foi de autoria do nosso presidente Prof. Geraldo Pereira de um modo peculiar e “sui generis”, pois estávamos em pleno vôo de São Paulo para Recife há cinco anos, quando o colega sorratamente me indagou sobre a hipótese de ingressar nesta Casa, embora sujeito a apresentar um trabalho científico ou literário que seria aprovado ou não pelos membros desta Academia. Assim fiz modestamente o solicitado, denominado “Endometriose Pélvica e suas Repercussões” munido de cento e cinquenta casos, diagnosticados e tratados e que será publicado sobre as ordens e orientação dessa Moradia do Saber.

Mas alguém aqui se levantou, indo para os céus, para que eu pudesse sentar-me. Este alguém foi um respeitado e grande amigo, meu mestre e Professor Marcionílo de Barros Lins.

Marcionílo de Barros Lins nasceu na cidade de Escada no dia 20 de março de 1919. Casado com a senhora Maria José Gui-

marães Lins no dia 27 de março de 1942 com a qual teve quatro filhos. Formado em 1943, tornou-se Livre Docente da Cadeira de Bioquímica e posteriormente Professor Catedrático da Universidade Federal de Pernambuco. Foi presidente da Comissão Central de Pesquisa da mesma Universidade, implantou o Centro de Ciência do Nordeste, tendo posteriormente cursando sua Pós-graduação na Universidade de Pensylvania e seu Doutorado na Universidade de St. Andrews.

Foi reitor da Universidade Federal de Pernambuco de 1971 a 1975 e posteriormente Membro do Conselho Diretor da Fundação Joaquim Nabuco e ex-presidente Regional do CNPq. De seus trabalhos publicados, enalteço três deles: “Os Institutos e a Integração Universitária”, “A Bioquímica no Nordeste” e o “Papel das Universidades no Desenvolvimento dos Sistemas de Ciência e Tecnologia”.

Marcionílo de Barros Lins aqui sentou como acadêmico, tendo para isso enaltecido e com justas razões a figura do patrono da Cadeira 32, Professor Ernesto Silva, figura impoluta que todos os pernambucanos da época teriam que forçosamente o conhecer como símbolo de uma existência dedicada à ciência, ao país e a humanidade. Farmacêutico e médico passou boa parte de sua vida contribuindo para os diagnósticos das doenças, através de suas pesquisas médicas na Enfermaria de Clínica Médica do inesquecível Hospital Pedro II. Por razões que a própria história desconhece, vivendo seus últimos anos no Rio de Janeiro. Embora alguma alegria lhe adviesse pela publicação de seu livro intitulado “Estudo da Química”, de co-autoria com o Professor Ricardo Ferreira e de quem tive o prazer de ter sido seu aluno na Cadeira que pertencia ao Professor Marcionílo Lins, então titular da Faculdade de Ciências Médicas, tendo como segunda assistente a colega Sulamita Gomes.

Tenho plena convicção de estar prestando uma homenagem das mais justas a dois filhos ilustres de Pernambuco, como exemplo a ser seguido pelas novas gerações. Mas não serão essas

as últimas palavras emitidas nesta solene homenagem, que as dirijo ao mestre Marcionílo. Depois de alguns anos sem vê-lo pela labuta de nossas próprias vidas, pude acompanhá-lo no desempenho de suas nobres missões, principalmente na qualidade de Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, muitas vezes sozinho, mas em algumas oportunidades acompanhado pelo meu padrinho de casamento o Professor Paulo Maciel, nosso também magnífico ex-reitor.

Lembro-me que ao iniciar o segundo ano médico, dirigi-me a uma sala repleta de frascos contendo substâncias químicas e balanças especiais. Era a sala da Disciplina de Química Orgânica, cujo professor estava retornando dos Estados Unidos onde realizara seu curso de pós-graduação, orientado pelo mestre Ernesto Silva, seu patrono nesta Casa. Marcionílo de Barros Lins, posteriormente em 1956 e 1957, afastou-se novamente do Recife, convidado pela Fundação Americana Rockfeller para estudar com profundidade química orgânica. Muitos anos depois aparecia o professor na minha sala no Hospital das Clínicas solicitando-me orientações para pessoas humildes que o próprio trazia. Na última vez em que nos abraçamos foi para parabenizar-me pelo Título de Professor Emérito no Salão Nobre da Reitoria, ao lado dos professores Adonis Carvalho e de Bianor da Hora, esses também dois ilustres colegas esteios da medicina pernambucana.

Não pretendo alongar-me a não ser para afirmar que me orgulho modestamente, de ter sido timoneiro por anos seguidos, de um grupo universitário do mais alto nível científico: os que fazem a Disciplina de Ginecologia, agora sob a orientação do colega Sabino Pinho Neto, que por certo continuará a produzir outros frutos para a nossa Universidade Federal. Ao inesquecível mestre Rosaldo Cavalcanti, que orgulhosamente substituí na difícil missão de levar cada vez mais alto a Disciplina de Ginecologia da UFPE, minhas saudosas e respeitosas recordações. Obrigado aos senhores acadêmicos, por terem proporcionado a mim esses instantes que se multiplicarão “ad eternum”.

Obrigado também à medicina, a mais nobre das profissões, arte milenar da cura, pois na verdade nada é capaz de substituir o médico que abastece seu paciente de esperança, de carinho e consolo, profissão que cura algumas vezes, mas consola sempre.

Mas seria por demais injusto não agradecer publicamente ao colega Miguel Doerth que se adiantou à frente dos colegas de nossa diretoria, solicitando sua indicação para ser orador oficial dessa cerimônia, colega com quem tive meu primeiro contato, digamos professoral, orientando-me nos primeiros dias de plantão-acadêmico, do antigo Pronto Socorro do Recife, em uma intervenção que deveria executar, qual seja reconstrução de um tendão palmar e logo depois parabenizando-me pelo resultado. Obrigado por ter-me como amigo e ainda lembrando que juntos fomos agraciados pela Sociedade de Medicina de Pernambuco com a “Medalha Maciel Monteiro”, tendo ao lado naquela ocasião, a extraordinária professora Eridan Medeiros, para quem, aliás, proponho neste instante fazer parte de nossa ilustrada Academia.

Finalmente e como não poderia deixar de acontecer, a louvação à minha iluminada mulher Antonieta, braço direito de meu passado, companheira afável de toda minha vida. A ela, devo meus ilustrados filhos, dando aos mesmos toda uma carga de altivez e de personalidade. A ela respondo: muito obrigado por ter-me como seu marido.

E a todos os acadêmicos deste sodalício, como diria meu pai, meu profundo reconhecimento e a certeza de meu inabalável apoio.

Muito obrigado.

José Weydson Carvalho de Barros Leal

Saudação a José Weydson Carvalho de Barros Leal

Acadêmico:

Miguel John Zumaeta Doherty

Recife, 04 de maio de 2006.

Hoje, 04 de maio de 2006, noite de regozijo e de honra da Casa pela aquisição de um referencial da Medicina, abrem-se as portas da Academia para receber o novo Acadêmico, portador de uma vida repleta de intensas e variadas vivencia desde suas origens que ultrapassam os limites de um currículo acadêmico.

A vida seria pouca para relatar seus títulos. Desejando poupar nossos convivas será melhor resumir tantos troféus conquistados, coletados em dois livros de seu currículo com 1000 títulos, e buscar outros dados que retratem melhor sua personalidade não analisados.

Inicialmente traz no sangue vocações herdadas e transmitidas aos seus descendentes.

Do pai Antenor, herdou a inquietação da busca da cultura geral e sua vocação literária e poética, transmitida ao filho, poeta insigne, Weydson.

Da mãe Francisca Amélia, herdou a persistência de suas atividades docente e profissional.

Sua vocação docente tem raízes nos seus tios, do lado paterno, Aluísio e do materno, José Cândido, professores respectivos de História no Espírito Santo e de Direito Penal na Bahia.

A sua busca de aprimoramento profissional em centros de excelência, repetiu em seus filhos, o engenheiro civil Renan e o administrador de empresa, George.

Sua vocação médica, perseguindo a trajetória de sua irmã Weydes. Não satisfeitos, enriqueceu sua genética, unindo-se a bibliotecária e bacharel em História Natural, Maria Antonieta.

Sempre em busca do algo mais.

Sua formação acadêmica desde as primeiras letras o levou como andarilho a peregrinar pelos recantos do Brasil. Migrante da cidade natal de Quixeramobim para Boa Viagem e dessa para Fortaleza, logo se tornou capixaba, indo para Colatina e retornando quatro anos depois para a capital cearense. Mas volta a peregrinar indo para a capital baiana, durante dois anos, para afinal fixar-se na capital pernambucana, iniciando sua vida médica e docente. Nosso

acadêmico, cearense de nascimento, da cidade de Quixeramobim. Recifeado há 56 anos por opção pessoal e pernambucanizado há três anos por decreto e homenagem da Assembléia Legislativa do Estado, com o título de “cidadão Pernambucano”, traduzindo sua vocação médica no seu discurso de orador da turma de concluintes da faculdade de Ciências Médicas em 15 de dezembro de 1956, abraçou a Ginecologia já como acadêmico, reforçada essa escolha quando apresentado ao seu tutor, Rosaldo Cavalcanti em 1954.

Sedimentou sua base de conhecimentos em cursos nacionais e internacionais de Aperfeiçoamento.

Trilhou gradativamente os degraus da carreira docente desde 1971, como Professor Assistente de Ginecologia da Universidade Federal de Pernambuco, conquistando a titulação de Doutor e de Livre Docente em 1978, passando a Professor Adjunto em 1984 e ascendendo ao ápice da carreira docente como Professor Titular de Ginecologia, por concurso, em 1987, aposentando-se em 2001.

Teve intensa atividade docente como membro de bancas examinadoras de concursos de carreira universitária de Professores Assistentes, Mestrados, Doutorados, Livre Docentes e Titulares, além de atividade associativa e participação atuante em eventos nacionais e internacionais, proferindo conferências, além da produção de trabalhos e pesquisas em periódicos nacionais e internacionais, capítulos de livros e livros da especialidade, galgando os cargos desde associado ao de presidente de sociedades tanto locais como nacionais e internacionais da especialidade.

Sua atenção sempre esteve voltada para a Ginecologia e seu espírito especulativo e empreendedor traduziu-se em iniciativas pioneiras como fundador de Sociedades de interesse da área como de Citologia, Reprodução Humana, Mastologia, Ginecologia Infanto-Juvenil; ou de publicações como Anais Nordestinos de Ginecologia e Obstetrícia (ANGO); Informativo da Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia; ou projetos como o de Reciclagem, convênio da FEBRASGO, Serviços Universitários do

Brasil e a Fundação dos EUA, Population Council de Amparo à Mulher na Fase Reprodutiva e o Projeto Internacional da Johns Hopkins Program for International Education in Gynecology and Obstetrics visando selecionar candidatos para cursos na instituição; Projeto Ensino e Serviços de Reprodução Humana aprovado pela ProAcad da UFPE; organizador dos ambulatórios de ginecologia Psicossomática e de Esterilidade Conjugal, fundando ainda o 1º Ambulatório no Brasil de Ginecologia Pediátrica, esta no Hospital das Clínicas da UFPE. Finalmente funda o Centro de Reprodução Humana e a Clínica de Fertilização in vitro, tornando-se o pioneiro no Norte e Nordeste a ter o 1º bebê de proveta em 15 de janeiro de 1992 e a produzir ainda o 1º bebê Norte/Nordeste por doação de embrião a fresco em 27 de setembro de 1997.

Desculpem-me ter excedido o tempo de exposição, mas a culpa é do Prof. Weydson que se excedeu na produção de empreendimentos.

Finalmente, desejamos destacar suas honrarias. Reconhecidos seus méritos por todas as Sociedades científicas locais, nacionais e internacionais; em nível universitário pela UFPE como Professor Emérito; pelos seus pares pela Medalha Maciel Monteiro, pelos órgãos públicos, pelos aplausos da Câmara Municipal do Recife e pela titulação de Cidadão de Pernambuco pela Assembléia Legislativa de Pernambuco.

José Weydson Carvalho de Barros Leal pelo seu brilhante currículo e principalmente pela integridade de sua vida profissional e pessoal é detentor do mérito de integrar nossa Academia Pernambucana de Medicina, para a qual não se propôs a esse ingresso, mas foi proposto pelos membros da Academia como preceitua nossa legislação.

Finalmente, em reconhecimento por todos da casa, a Academia o premia e homenageia neste ano de seu jubulado médico com seu ingresso no quadro desta Academia Pernambucana de

Medicina, mas também sente-se premiada com essa escolha. Parabéns Prof. Weydson!

Mas, você já foi regiamente premiado. Graças ao seu saber, suas mãos deram a Mulher o dom supremo da criação, quando concebeu artificialmente a criança que toda mulher e todo homem aspira. Você já foi premiado como homem e como médico e abriu o caminho para que outras mulheres desfrutassem do mesmo sonho e por isso, parabéns! Concretizador de sonhos.

Obrigado.

Discurso de Posse na Academia

Acadêmico:

Edvaldo da Silva Souza

Recife, 21 de março de 2007

Excelentíssimo Senhor Presidente, Prof. Geraldo Pereira, prezado Prof. Bertoldo Kruse, senhores acadêmicos, demais autoridades, familiares e todos os grandes amigos aqui presentes. Boa noite!

Agradeço ao Prof. Bertoldo pelo excelente discurso e saudação.

A honra de me tornar membro deste sodalício me impele a refletir sobre a trajetória de minha vida e analisar fatores determinantes do statu quo que me conduziu até esta sessão. Dir-se-ia que se trata de um estudo de desenho mal definido, onde se tentou identificar variáveis explicativas que possam ter associação com o desfecho atual, ou seja, tornar-me membro da Academia Pernambucana de Medicina. Convido-os a realizarem comigo esta viagem mneumônica e conhecerem, assim, um pouco da minha história. Porém antes, solicito que todos reflitam sobre dois pensamentos, um de Goethe e outro de Delacroix que acho muito adequados para exemplificar meu pensamento e o motivo da escolha desta abordagem. Sobre o tema ‘Não percamos de vista nossos antepassados’ Goethe afirmou “Tudo o que em nós há de original conservar-se-á tanto melhor e será tanto mais apreciado, quanto mais formos capazes de não perder de vista os nossos antepassados”. Sobre educação continuada Delacroix disse “A educação prolonga-se por toda a vida. Defino-a da seguinte maneira: a maturação da nossa alma e do nosso espírito graças aos cuidados e às circunstâncias exteriores. Do convívio com pessoas más ou com pessoas respeitáveis é que resulta a má ou boa educação de toda a vida. O espírito fortifica-se no convívio com os espíritos retos; sucede o mesmo com alma. Endurece-se no convívio com pessoas duras e frias”. Diante do exposto, saúdo meus antepassados e identificarei fatos e pessoas que acredito influenciaram minha vida, educação, escolha e trajetória profissional.

Bem, comecemos então esta viagem. Nasci em 1960, e preciso, desde já, agradecer a meus pais, Francisco Viana de Souza (in

memoriam, aqui representado por seu irmão Edvaldo, de quem herdei o nome) e Janeth da Silva Souza (aqui presente), por terem sido pais por escolha e não por chance. Com certeza absoluta eles modificaram desde o início todo o rumo de minha vida. Meu pai era advogado e tinha uma biblioteca farta. Ainda na segunda infância, quando tinha entre 4 a 6 anos, descobri na estante da biblioteca um livro de difícil acesso que meus pais consideravam proibido para minha idade e achavam fora do meu alcance. O livro era sobre medicina legal vinha recheado de fotos de acidentes e autópsias. Não somente contente de ver uma vez, eu revia as fotos ao compartilhá-las com os amigos que geralmente ficavam horrorizados. Acho que esse fato teve repercussão na minha escolha profissional.

Estudei parte do primário, ginásio/1º grau no Colégio Leão XIII, já extinto e localizado no Espinheiro. Neste educandário tive como Professor de Ciências, Dr. Walter de Oliveira, reconhecido entre os alunos e seus pares pela sua sabedoria e rigor nas avaliações. Este fato provavelmente me impulsionou a estudar mais sua disciplina e tenha direcionado meu interesse para sua área de estudo. Ainda no Colégio Leão XIII, aos 14 anos, eu participei de um curso de férias de taxidermia. Este curso foi motivo de dores de cabeça em minha mãe devido ao fato de eu ter de trazer animais vivos para casa antes das aulas e mortos e inacabados depois, com forte cheiro de formol e sem os olhos. Também, lembro de ter participado de feira de ciência do colégio, nossa equipe se destacou pelo trabalho sobre fisiologia cardíaca. Na realidade o maior mérito repousa na ajuda de bedéis da Faculdade de Ciências Médicas que nos forneceram animais (sapos e ratos) para experimentos e peças do Departamento de Anatomia Patológica, como um coração com doença de Chagas. Este foi o meu primeiro contato com a Faculdade de Ciências Médicas.

Cursei o 2º grau no Colégio e Curso União e destaco a influência dos Professores Ângela, Guido e Kramer, responsáveis pelas

disciplinas de português, matemática e química respectivamente. Infelizmente, biologia, a matéria de maior peso para candidatos ao vestibular de medicina, não ficou marcada na minha vida neste período.

Em 1978 ingressei no Curso de Medicina da Faculdade de Ciência Médicas, primeira escolha em concurso de vestibular unificado. A escolha foi decorrente da proximidade de minha residência e a intimidade que eu já tinha com as instalações físicas do Hospital Oswaldo Cruz, do biotério e das peças de Anatomia Patológica. Durante todo curso tive excelentes professores, alguns reconhecidos hoje, com muito orgulho, que são membros desta Academia. Do curso de graduação, trago um tesouro muito precioso, que é a amizade sólida e amor fraternal dos colegas turma, dos quais destaco a Dra. Lorella Marinucci (Itália), Dra. Fátima Pontes (Bahia), Dra. Kátia Rejane (EUA) e Dr. José Wanderley de Siqueira, este último aqui presente.

Até o início do internato eu estava decidido a fazer curso de residência médica em São Paulo capital. Contudo, outro fato modificou completamente minha vida. O primeiro estágio como doutorando foi no IMIP, onde encontrei tudo que imaginava encontrar em São Paulo, com um detalhe a mais, uma visão mais holística e humanitária da prática médica. Conheci primeiramente a obra e depois o homem por trás da obra, o Professor Fernando Figueira, que entre inúmeras realizações, criou e foi o titular-fundador da cadeira número 1 desta Academia. Meu primeiro contato com o IMIP e o Professor Fernando Figueira teve repercussão semelhante a uma infecção viral, vírus este que se integrou rapidamente ao genoma de minhas células, produzindo modificações e mutações permanentes que ajudaram a completar a formação de meu caráter, definiram minha postura profissional e modificaram minha visão de mundo. Conhecer, conviver e aprender com o Professor Fernando Figueira foi uma das maiores experiências da minha vida. Sua audácia, visão de mundo e eterna inquietação com as disparidades sociais e sofrimento da população carente, em especial a criança e a mulher

nordestina, ficarão sempre em minha lembrança. Ainda durante o internato lembro-me da contribuição de alguns residentes, dos quais destaco: Dra. Helena Cananéia, Dra. Lygia Carmem, Dra. Cynthia Braga (hoje minha co-orientadora de curso de doutorado), Dr. Francisco Spinelli, e Dr. José Pacheco. Este último, recordo-me bem, ensinou-me pacientemente a calcular as diversas fases de hidratação parenteral, já demonstrando desde o início de sua carreira a preocupação com volemia e sais.

Desisti completamente de ir para São Paulo, fiz residência no IMIP, e tive o privilégio de ter como preceptores os seguintes profissionais de acordo com setores: na Emergência, Dra. Gisélia Alves e Heidi de Deus; no Ambulatório de Pediatria, Dra. Márcia Campina, Dra. Haiana Charifker e Dra. Sandra Axiotes; no Hospital Geral de Pediatria, Dr. Marcelo Pontual, Dr. João Guilherme, Dr. Otelo Schwanbach e Dra. Ivanise Torres. Ressalto também que um dos meus colegas de Curso de Residência Médica em Pediatria pela Universidade Federal de Pernambuco foi o Dr. Ruben Maggi, hoje diretor clínico do IMIP a quem dedico franca admiração pelo seu trabalho, empenho e postura profissional.

Em 1987, logo após a conclusão curso de residência, fui contratado pelo IMIP. Inicialmente assumi as enfermarias F. G e H do 4º andar de Pediatria. Este desafio revestido de árduo trabalho seria impossível de ser encarado sem amizade e colaboração de Dra. Andréia Rezende que compartilhou o andar comigo quando assumiu e ficou responsável pelo berçário interno.

Como tema de monografia de término de residência escolhi a infecção pelo HIV/Aids na infância. Naquela época já começava a se multiplicar os relatos e séries de casos publicados na literatura científica. Escolhi o tema por se tratar de uma doença nova, que necessitava atenção imediata e com muito ainda a ser desvendado e conhecido. Reconheci também que era uma área nova a se expandir e que poucos se aventuravam por medo, preconceito, ou ignorância. Ainda em 1987 e em enfermaria sob minha

supervisão no IMIP, juntamente com Dra. Gerlane Alves, diagnosticamos o primeiro caso de aids em criança do Estado de Pernambuco. Este caso se tornou conhecido por boa parte dos profissionais de saúde que trabalhavam no IMIP na época, devido a seus internamentos repetidos para realizar infusão de gamaglobulina. Este caso índice completará 20 anos de idade este ano. O envolvimento precoce com infecção pelo HIV modificou completamente não somente minha carreira profissional, mas também minha vida pessoal. Ao mesmo tempo em que era chamado para participar de comitês de consenso para o Ministério da Saúde, sofria com o preconceito de colegas de profissão e de pacientes por conviver e lidar com pacientes de aids. Preconceito este encarado de frente e, penso, hoje totalmente superado. Na trajetória de 20 anos de trabalho com o tema, destaco a contribuição da Enf. Wilma Araújo e da auxiliar de enfermagem Neide Correia, e a influência primordial de Dra. Lair Guerra, que foi Coordenadora do PN de DST/Aids, de Dra. Marinella Dellanegra, infectologista de São Paulo, e Dra. Norma Rubini, imunologista do Rio de Janeiro, as duas últimas grandes amigas e companheiras de comitê de consenso pediátrico.

A partir de 1997, o trabalho com a prevenção da transmissão materno infantil do HIV propiciou um maior contato e intimidade com a equipe de ginecologia e obstetrícia do Centro de Atenção à Mulher do IMIP da qual destaco as colaborações de Dr. Luís Carlos Santos, Dra. Sônia Figueredo, Dra. Ana Porto, Dra. Gláucia Guerra, Dra. Telma Cursino, Dra. Melânia Amorim e Dra. Ariani Impieri. Contudo preciso destacar a contribuição inestimável de Dra. Cecília McDowell, primeira profissional do IMIP a atender sem preconceito ou medo as mulheres grávidas com infecção pelo HIV/Aids e que o faz até hoje de forma voluntária e humanística.

Ainda em 1997, ampliamos a assistência para o âmbito familiar, com o atendimento simultâneo de crianças e seus pais com infecção pelo HIV/aids. Destaco nesta ocasião a contribuição de

Dr. Luís Cláudio Arraes e, atualmente, de Dr. Carlos Eduardo Padilha.

A partir de 2000, o trabalho como consultor e instrutor do Programa Nacional de DST/Aids me levou a participar de cursos de metodologia de ensino e contato com a metodologia da problematização, que tem como ícone maior o Pernambucano Paulo Freire. O construtivismo freiriano me fez rever conceitos e aspectos não somente restritos na esfera da pedagogia, mas me fez refletir e modificar a forma de ver e encarar minha vida pessoal e profissional. Posso resumir estas modificações em torno do tema “humanização do técnico”. Destaco a influência e colaboração das Profas: Silvana Rossi (Duda), Wânia Carvalho, Larissa, Bete Correia, Lígia Purana, Bethânia Cunha, e Carmem Lúcia de Oliveira (amiga de curso, consenso e de oficinas).

A última e mais contemporânea influência na vida minha profissional foi produzida pelo Curso de Doutorado em Saúde Materno Infantil do IMIP, do qual faço parte do corpo discente em sua primeira turma. Primeiramente preciso destacar o papel importantíssimo e influência da Profa. Ana Falbo, colega de faculdade e hoje minha orientadora, a qual agradeço o fato de ser seu aprendiz. Segundo, a contribuição do Prof. José Eulálio que me infectou com o vírus de alto poder de virulência num organismo debilitado pela mediocridade e ávido pelo conhecimento e saber, este vírus se chama Filosofia. Em terceiro, destaco o Prof. José Natal Figueroa que me infectou com o vírus da Estatística, vírus este com período de incubação longo e necessitando inoculações repetidas para que ocorra a infecção primária propriamente dita para que uma imunidade adquirida persistente seja atingida. Por fim, o Prof. João Guilherme que me infectou com o vírus da produção científica, vírus este que parece ter mutado e ter menor efeito em meu organismo.

Todos estes anos 20 anos de trajetória profissional no IMIP e no Ministério da Saúde, somente foram possíveis pelos ensinamentos e exemplos profissionais que tive do Prof. Fernando

Figueira, Dr. Bertholdo Kruse, Dr. Orlando Onofre, Dr. Malaquias Batista Filho, Dr. Gilliatt Falbo, Dr. Inaldo Melo e Dr. José Mendes; da amizade e colaboração de especialistas como: Dra. Vilneide Braga, Dra. Geisy Lima, Dra. Tereza Selma, Dr. José Pacheco, Dr. Pedrosa, Dr. Murilo Brito, Dra. Zelina Barbosa, Dr. José Vilarim e Dra. Anna Cleide Vallois. Na parte administrativa tenho o dever de agradecer e reconhecer o estímulo, compreensão e apoio recebido por Dr. Antônio Carlos Figueira (Superintendente do IMIP), Dra. Silvia Vidon, Dr. Alex Caminha e Também destacar a ajuda e apoio da Fundação Alice Figueira em todas as empreitadas desenvolvidas (cursos, seminários, congressos), para qual escolho a Presidente Silva Rissin e Sra. Renata Garcia como receptoras de meus sinceros agradecimentos. Ainda na Fundação, destaco em especial a atenção, carinho e amizade de uma jóia rara que me foi muito recomendada pelo Prof. Fernando Figueira, a bibliotecária Miriam Cavalcanti.

Diante do até agora exposto, as variáveis explicativas que se mostram associadas ao desfecho relacionado à admissão nesta Academia com significância estatística foram: meus pais, o IMIP, o Prof. Fernando Figueira, Paulo Freire e a Filosofia. Gostaria também de esclarecer que se alguma pessoa não foi mencionada e ache que tenha contribuído para este statu quo, não se trata de mero e simples esquecimento. É mais provável que o desenho do estudo não tenha sido adequado, pode ter ocorrido viés de seleção, ou a amostra não foi corretamente calculada. E caso alguém não se ache merecedor do destaque aqui dado, não se culpe, isso pode ser um simples fator de confundimento não adequadamente previsto e analisado.

Após completar este ciclo pessoal e histórico, continuaremos a sessão de posse, com o momento de louvar o patrono da cadeira número 49 desta Academia, Prof. Isaac Salazar, oftalmologista que muito contribuiu para o avanço, desenvolvimento e reconhecimento da especialidade em nosso Estado. O Prof. Isaac Salazar participou ativamente da criação da Faculdade de

Medicina do Recife, ficando responsável pela disciplina intitulada na época de clínica oftalmológica em 1920. Dentre os vários fatos que marcaram a vida profissional de Prof. Isaac Salazar, gostaria de destacar o seu renome em outros Estados e coragem ao realizar cirurgia de catarata no Padre Cícero. Este procedimento cirúrgico foi realizado no dia 17 de junho de 1934 e com remuneração de 20:000\$000 (vinte contos de réis). Encontrei relatos, depoimentos e documentos registrados em cartório que comprovavam que a circunstância delicada que se encontravam os médicos do Cariri em relação à prestação de assistência ao Padre Cícero nos momentos finais de sua vida. A maioria dos médicos se recusa a atender ao Padre com receio que sua morte iminente pudesse repercutir em dano a própria vida do médico assistente pelos romeiros fanáticos. A verdade é que os médicos estavam temerosos frente à possibilidade de um descontrole das massas populares. Em documento registrado em cartório encontrei declaração que confirma a ida do “Professor da Clínica Oftalmológica de Recife, Dr. Izac Salazar da Veiga Pessoa, que diante do resultado satisfatório de exames, veio a esta cidade e operou com grande êxito a catarata de que era portador o Reverendíssimo Padre Cícero Romão Batista; documento datado em 2 de agosto de 1934”. Uma das testemunhas que assinam o documento é a Sra. Joana Tertulina de Jesus, conhecida como Beata Mocinha.

O acadêmico titular-fundador da cadeira de número 49 foi o Prof. Sylvio Campos Paes Barreto, oftalmologista, com importante contribuição para a medicina de Pernambuco, de cuja obra destaco a Tese de Cátedra intitulada “Terapêutica tecidual pela placenta em algumas afecções oculares”, tese esta elaborada no Departamento de Oftalmologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais em 1950. Dentre suas publicações, o relato de caso intitulado “Doença de Zinsser, Engman e Cole, juntamente com os Dr. Jorge Lobo e Dr. Márcio Lobo Jardim, publicado nos Anais Brasileiro de Dermatologia em 1964. Como conferencista registro sua

participação no Seminário de Tropicologia na IV Reunião Ordinária realizada no dia 25 de agosto de 1970. A referida conferência teve como tema: Olhos e Trópicos e foi presidida pelo pintor Lula Cardoso Ayres, coordenada pelo sociólogo-antropólogo Gilberto Freyre e comentada pelo Pintor Arraldo Baldine e tendo ampla repercussão na mídia local.

Finalizo este discurso agradecendo a honraria de me tornar membro da Academia Pernambucana de Medicina, que com absoluta certeza terá marcante influência em meu aprendizado e aprimoramento profissional no futuro. Nesta casa buscarei aprender com os pares e compartilhar o que pouco sei. Para isto, ousou usar e adaptar parte final do discurso proferido por Dr. Oswaldo Cruz por ocasião de posse na Academia Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro em 1899, quando ele dizia “Resta-nos agora agradecer a esta douta corporação a subida honra que nos conferiu recebendo-nos carinhosa em seu seio e terminamos hipotecando toda nossa atividade em prol de engrandecimento de nome científico de Pernambuco, trabalhando com coragem, sem outra preocupação que não a de descobrimento da verdade, suprimindo a incompetência pela perseverança e imprimindo sempre em nossos estudos o cunho da mais intransigente honestidade que foi e será sempre característico de todos os nossos atos e que constitui o apanágio hereditário que mais prezamos”.

Agradeço a todos os pacientes através de meu sincero agradecimento a Presidente da Organização Não-Governamental Viva Rachid, a Sra. Alaíde Silva.

Agradeço imensamente a colaboração, torcida e dicas das amigas: Miriam Asfora, Francisquinha e Lúcia Cavalcanti. Termino agradecendo a todos que prestigiaram e engrandeceram esta sessão com sua presença em especial ao meu pequeno núcleo familiar que tanto me apóia, conforta e compreende as ausências em função da minha vida profissional: D. Janeth, Renata, Francisco, Luíza e Sr. Ronaldo.

Muito obrigado pela atenção.

Saudação a Edvaldo Souza

Acadêmico:

Bertoldo Kruse Grande de
Arruda

Recife, 21 de março de 2007

Julgamos pertinentes estas reflexões para identificar o novo acadêmico com a cultura desta Casa, onde não nos limitamos a reverenciar aqueles que fazem parte do nosso patrimônio de saudades, igualmente nos dedicamos às múltiplas páginas que abrem caminho para compreender a sociedade contemporânea, a qual busca superar os antagonismos entre humanismo e avanço tecnológico, entre solidarismo e as violências, injustiças e incompreensões acontecíveis no convívio humano. Desta maneira nos aproximamos da essência da sociologia, que Leopoldo Waizbort, da USP, entende como o “diagnóstico do presente, pressupondo compreensão do passado e abertura para o futuro”. Permitam-nos, agora, recordar o trajeto de vida intelectual de Edvaldo Souza a partir da conclusão do curso médico, em 1983, na Universidade de Pernambuco.

Na seqüência da sua formação em medicina prossegue na aquisição de capacitações distintas: a residência médica em Pediatria, concluída em 1987, o mestrado em imunologia de doenças infecciosas, como bolsista do Conselho Britânico, na London School of Hygiene and Tropical Medicine (Inglaterra), em 1994, e atualmente está cursando o doutorado em saúde materno infantil, no Imip. Um aspecto a destacar, conforme referido na sua monografia para candidatar-se à Academia, é que a sua carreira profissional se confunde com a escalada da epidemia de Aids no Brasil e no mundo, pois em 1987 diagnosticou o primeiro caso de Aids em criança, neste Estado e em 1988 participou da primeira definição de caso de Aids em criança, realizada pelo Ministério da Saúde. Desde então, é membro de comitês assessores específicos desse Ministério: do Comitê Técnico Assessor para Terapias Anti-retrovirais e Profilaxia para Crianças, do Programa Nacional de DST/Aids; do Comitê Técnico para Terapia Anti-retroviral e Profilaxia em Gestantes, do Programa Nacional de DST/Aids; do Comitê da Rede Nacional de Genotipagem, do Ministério da Saúde. Daí as suas linhas de pesquisa direcionarem-se predominantemente para a Aids, DST e HIV, e para as imunodeficiências primárias, a imunologia clínica e a transmissão vertical do HIV. Inclinou-se, assim, proficientemente e com perfeita se-

gurança do seu ofício, para uma especialidade que requer sentir as dores e os dramas de seus personagens, para uma especialidade que exige elevada dose de solidariedade humana e constitui o fulcro de suas atividades no serviço público, como médico da Prefeitura da Cidade do Recife e do Estado, com vínculo funcional de médico e de docente no Imip, atuando no serviço de imunologia clínica e no Hospital/dia.

No plano da produção técnico-científica é valiosa e diversificada a sua contribuição, voltada maiormente para o problema da Aids: 7 artigos em periódicos nacionais e internacionais; 25 resumos em anais de congressos e outros eventos; 16 capítulos de livros, pautas técnicas e manuais de diagnóstico, e vários textos para jornais e revistas leigas. Vale salientar a sua participação como consultor pedagógico do Curso Básico de Manejo Clínico de HIV/Aids do Ministério da Saúde; como docente facilitador de aprendizagem e preparador de material didático e instrucional utilizado em 85 cursos de atualização, aperfeiçoamento, extensão e oficinas pedagógicas, na orientação monografias de residentes de medicina e de enfermagem e como co-orientador da dissertação de mestrado sobre “Os efeitos da terapia anti-retroviral em crianças e adolescentes”. No plano associativo, é membro efetivo da Sociedade Brasileira de Pediatria e da Sociedade Brasileira de DST – Regional de Pernambuco, e recebeu, como reconhecimento do seu desempenho, o Prêmio dos 10 Anos, do Grupo Viva Rachid, do Recife, e o Prêmio Sheila Cartopassi de Oliveira – Categoria Medicina, da Associação para Prevenção e Tratamento de Aids, de São Paulo. Por outro lado, convém referir a sua sensibilização artística, refletida na apresentação teatral da peça “Paz, Paz, Noel”, em 2004.

Então, nesta noite de consagração acadêmica, temos a alegria de saudar um médico que é exemplo de dedicação na luta contra a infecção pelo HIV/Aids, uma doença infecciosa que constitui, pela sua característica epidêmica, pela magnitude da mortalidade e pela possibilidade de atingir qualquer grupo social sem distinção de religião ou raça, um dos grandes problemas sociais e de saúde do mun-

do. Isto porque, no seu entendimento, trouxe uma série de mudanças: comportamentais, científicas, culturais, farmacêuticas, sanitárias, humanitárias, éticas e jurídicas. A seu ver, uma entidade nosológica nova, que despertou o interesse da comunidade científica mundial, acerca da qual nunca se estudou e se descobriu tanta informação em tão pouco tempo. Enfim, uma doença que estimulou o exercício da cidadania e do respeito aos direitos humanos, com a formação e articulação de organizações não governamentais, cujo objetivo principal é assistir pacientes e familiares de portadores da infecção pelo HIV/ Aids. Prezado Edvaldo Souza: é com imenso prazer que o recebemos na Academia, onde encontrará um ambiente de convívio com estudiosos, livros e idéias. Os aspectos evolutivos da sua formação indicam que esta Casa lhe será propícia para estimulá-lo na ascensão contínua da inteligência para o saber, da experiência para o conhecimento, porque aqui estamos conscientes do que afirmava o célebre romancista russo Leon Tolstoi: “Todo e qualquer acontecimento, seja na vida do indivíduo, seja nas sociedades humanas, tem sua origem no pensamento”. Assim, ansiamos por uma convivência prazerosa e enriquecedora, que reclama assiduidade, compartilhamento e compromisso.

Seja bem-vindo.

Discurso de posse na Academia

Acadêmico:

Fernando Pinto Pessoa

Recife, 02 de junho de 2006.

Ilmo. Sr. Presidente da Academia Pernambucana de Medicina
– Professor Geraldo Pereira.

Ilustres componentes da Mesa e autoridades presentes
Senhores Acadêmicos

Prezados familiares do patrono da cadeira nº 2 desta ilustre Academia, Joaquim de Souza Cavalcanti, no seu cinquentenário de falecimento,

Colegas, senhores e senhoras:

Estou sinceramente sensibilizado e honrado com o convite que recebi do acadêmico Dr. José Grinberg para ingressar na Academia Pernambucana de Medicina. Na ocasião da proposta não concordei. Era um imprevisto que, confesso, de imediato me preocupou, não por desacreditar esta grande instituição científica fundada pelo notável empreendedor médico Fernando Figueira, mas, ao contrário, por não estar preparado para tão nobre título. No entanto, o Dr. José Grinberg acabou me convencendo que eu teria condições de ocupar uma cadeira na Academia. E maior foi a minha surpresa quando o Sr. Presidente, Geraldo Pereira, me designou para ocupar a cadeira do patrono, um dos maiores, senão, ao meu juízo, o maior dos cirurgiões de Pernambuco, Joaquim Cavalcanti. Porém, grande foi a minha satisfação quando verifiquei que o evento ocorre no ano do cinquentenário da morte do pranteado mestre, razão por que preferi escolher o dia 4 de junho de 2006 para o meu ingresso na Academia, necessariamente antecipado para um dia útil, hoje. Por quê este contentamento? Porque fui seu discípulo e assistente e ter escrito um livro sobre a sua vida, sobretudo o seu cotidiano.

Outra satisfação foi saber que o titular da cadeira nº 2 era o saudoso Bruno Maia, um brilhante médico, amicíssimo de Joaquim Cavalcanti, que muito me apoiou na vida médica.

Meus senhores e minhas senhoras, estou agora na obrigação de obedecer a uma praxe de posse, considerando o sentimento de dignidade com que fui agraciado pelas ilustres Comissões Permanentes desta Casa, assim como pela Assembléia Geral na eleição de acadêmico por esta egrégia Academia.

Não costumo me alongar na palavra. Vou seguir a referida praxe de memoriar os primeiros titulares, porém, do modo mais simples possível.

Estabelecerei uma ordem inversa na exposição dos titulares falecidos, para terminar com o patrono da cadeira, lembrando o cinquentenário do seu falecimento.

Temos então, previamente, uma breve biografia do segundo titular Breno da Cunha, seguida da biografia simples do primeiro titular Bruno da Silva Maia.

Não conheci Breno Duarte da Cunha. Foi um ortopedista do exército brasileiro, tendo alcançado o posto de General Médico. Como era (ou ainda é) permitido, o médico militar também podia exercer função médica na área civil, inclusive universitária. Por isso, Breno Cunha foi assistente de ortopedia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, sob a direção do Prof. Barros Lima. Também foi assistente de cirurgia ortopédica do Hospital São Zacarias do Rio de Janeiro e professor de cirurgia na Vila Militar nos anos 50. Em Recife, foi chefe dos serviços de ortopedia e traumatologia do Hospital Getúlio Vargas. No hospital dos militares do exército em Recife, que é o Hospital Geral, Breno Cunha foi o seu diretor. Foi Gerente de Saúde da 7ª Região Militar, Diretor de Saúde da Prefeitura do Recife, e, anteriormente, Secretário de Saúde do Estado da Paraíba. No exército Breno Cunha recebeu 4 importantes medalhas: medalha de Pacificador, medalha de Guerra, medalha de Campanha e medalha do Mérito Militar. Em essência Breno Cunha foi um líder, culto, um chefe por índole, comandante de militares, e de funcionários públicos de saúde na área civil. Formou-se na Faculdade de Medicina do Recife em 1934. Em 1935 fez concurso na Escola de Saúde do Exército e foi brilhantemente aprovado entre os primeiros colocados. Formou-se também em Filosofia na Universidade da Paraíba, para estender o seu intelecto cultural como médico e filósofo, atingindo a meta de escritor. Publicou assuntos médicos sobre gangrena gasosa, hérnia cerebral, cirurgia de guerra e sobre gases de combate. Outros traba-

lhos publicados foram: A Problemática de Deus; Tobias Barreto em abordagem psicanalítica; Medicina — Magia, Mito e Misticismo; e A Medicina e o Social. Breno Cunha faleceu em 1º de março de 2003.

O primeiro titular da Cadeira nº 2, patrono Joaquim Cavalcanti, foi Antônio Bruno da Silva Maia, um grande ortopedista de Pernambuco. Conheci Bruno Maia em 1951 quando eu era estudante estagiário do antigo Hospital do Pronto Socorro. Em 1952 o conheci mais de perto, pois passei a julgá-lo um médico de alta responsabilidade que chegou ao cargo de diretor do HPS. Bruno Maia era um homem muito bem educado, fino em seu comportamento, de uma delicadeza extraordinária. Nunca o vi esbravejar ou falar grosseiro e pronunciar palavras sórdidas. Era muito atencioso no seu relacionamento. Seus principais títulos foram: Professor Adjunto de Ortopedia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco; prof. Emérito da mesma Faculdade; presidente do Capítulo Regional do Colégio Internacional dos Cirurgiões; fundador da Seção Regional da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia; membro da Sociedade Internacional de Cirurgia, Traumatologia e Ortopedia; presidente por 3 vezes da Sociedade de Medicina de Pernambuco; sócio da Associação Médica Brasileira; um dos fundadores desta gloriosa Academia Pernambucana de Medicina e membro da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos.

Bruno Maia escreveu vários trabalhos ortopédicos para revistas médicas. Deixou inacabada uma História da Ortopedia e Traumatologia no Brasil. Aposentou-se em 1974 após ser o chefe, durante 7 anos, da Clínica Cirúrgica de Traumato-Ortopedia do Hospital Santo Amaro, em substituição ao prof. Barros Lima aposentado.

Bruno Maia morreu em 1984, quando lutava pela implantação e ampliação do prédio da antiga Faculdade de Medicina do Derbi, esta casa onde estamos. Dizem que ele morreu de saudades de sua simpática esposa Sílvia.

Bruno Maia, além de ser um grande ortopedista — lembrome dele dando aulas no Hospital de Santo Amaro, quando eu era estudante — foi também um cirurgião geral competente e dedicado. Operou altas horas da noite a minha esposa de apendicite, numa crise de abdome agudo, graças à minha confiança na sua competência.

Bruno Maia foi amigo inseparável de Joaquim Cavalcanti.

Joaquim e Bruno eram quase irmãos, aquele de grande velocidade no tempo e no espaço; este lento, mas cuidadoso e paciente, e às vezes, em reuniões, até apresentava momentos de cochilos, o resultado da fadiga decorrente do grande trabalho cotidiano.

Quanto a Joaquim de Souza Cavalcanti, o patrono da cadeira nº 2 desta augusta Academia, que hoje solenizamos no seu cinqüentenário de falecimento, possuía, entre outras, as seguintes virtudes: responsabilidade, determinação (certa vez um cirurgião inglês, Alphonse d'Abreu, me disse a respeito de Joaquim: um homem determinado), grande inteligência, memória excepcional, caridade, habilidade técnica, honestidade, o dom da palavra (era uma fala fluente e agradável), sociabilidade (não faltando a reuniões grandes ou pequenas, particulares ou oficiais; e até gostava de dançar). Joaquim Cavalcanti, esse intelecto admirável, mente brilhante, espírito empreendedor, hábil cirurgião, professor perfeito e moderno, avançou tanto no tempo que perdeu a longevidade. Em apenas 18 anos de vida médica fez o equivalente a 50 anos de trabalho produtivo. Morreu aos 38 anos de idade. Conseqüência de uma doença coronariana hereditária, quando ainda não existia nenhum dos procedimentos modernos de tratamento. Morreu dias após uma cirurgia de grande bócio, emocionante, quando estava na convalescença tardia de um infarto do miocárdio. Morreu dizendo: “morrer é náusea”. Isto está desenvolvido no capítulo XXX do livro que publiquei. Nele estão transcritas cartas emocionantes. Na hora de partir para o eterno deu-se todo a Deus, sem temor.

Joaquim Cavalcanti nasceu no engenho do seu pai em Ipojuca. Aos 12 anos morava na antiga Casa de Detenção com toda a família. O major comandante da penitenciária era o seu pai Joaquim do Rego Cavalcanti, que, com sua mãe, D. Augusta, foram os dois, heróis da Revolução de 30, pois resistiram bravamente aos revoltosos. O menino Joaquim presenciou e sentiu no seu coração o cerco dos militares. Aos 20 anos de idade foi laureado na turma de médicos de 1939. Foi ortopedista, cirurgião geral — e naquele tempo o cirurgião era para tudo, e com competência —, neurocirurgião (principalmente em relação à psicocirurgia), cirurgião de tórax, sendo pioneiro, entre nós, das cirurgias torácicas mais importantes, inclusive as primeiras cirurgias cardíacas em Pernambuco. Publicou 50 trabalhos científicos e 3 teses. Participou com trabalhos em 27 congressos. Foi professor docente da Faculdade de Medicina do Recife e professor catedrático da Faculdade de Ciências Médicas. Foi bolsista residente nos EUA e Fellow do Colégio Internacional dos Cirurgiões. Diretor do Hospital Oswaldo Cruz por duas vezes. No Hospital Oswaldo Cruz criou o Centro de Cirurgia Torácica Malaquias Gonçalves — que foi um notável cirurgião do passado —, e fundou o Centro de Patologia Torácica — o embrião do que é hoje o Hospital Universitário Oswaldo Cruz —, no qual era importante que se formasse em Pernambuco um centro de esclarecimento de diagnóstico de doenças torácicas. O fator importante da vida médica de Joaquim Cavalcanti foi, na expressão do grande jornalista Olívio Montenegro, ser ele médico médico. Que significa isto: Médico médico? Significa médico sacerdote. Porque medicina obrigatoriamente é um sacerdócio: tratar o pobre com amor e devoção, sem pensar no vil metal. Neste ponto Joaquim era um sacerdote, era um médico médico. Vejam as palavras do referido jornalista: “Não é fácil, sobretudo nestes tempos que atravessamos de um egoísmo sombrio, um médico, médico. Um médico que junte à competência da sua profissão uma alma com alguma coisa da alma dos missionários. Que não faça da sua ciência uma pura técnica de comércio, despojada de todos os valores espirituais e humanos que tendem a dignificá-la acima de

todas as outras”. Belas palavras, verdadeiras e sublimes. Joaquim se casou com uma paulista, D. Norma, que muito lhe amou e apoiou na vida, que aqui se acha presente nesta comemoração, que gerou 4 filhos, Joaquim (falecido), Fernando, Alberto e Marcos, também presentes, todos brilhantes profissionais.

No capítulo 25 do livro sobre Joaquim Cavalcanti está a história de uma moça tuberculosa operada em hospital particular, cujo marido a abandonou e desapareceu. Conseqüência: Joaquim pagou todas as despesas hospitalares. Um ato de altruísmo. Em outros capítulos vemos o caso em que, por falta de energia elétrica, Joaquim teve de aspirar com a boca, através de um broncoscópio, que é um tubo, o conteúdo purulento do pulmão de um paciente sufocado, um ato de magnanimidade; vemos o caso da resposta áspera a um juiz de direito em um inquérito de fundo político sobre o assassinato de Demócrito de Sousa Filho; e também o caso de um dia de cirurgias em Recife, Garanhuns e de novo em Recife, quase sem parar (naqueles tempos isto não era fácil); vemos ainda a sua aversão à uma cirurgia que muitas vezes praticou, a psicocirurgia; e tantos outros episódios que fizeram Joaquim lutar triunfante e bravamente contra as adversidades do meio médico de outrora.

Meus senhores e senhoras, antes de concluir esta fala, devo dizer que Joaquim Cavalcanti deixou para o Centro de Patologia Torácica do HOC, um depósito de doações que existia no antigo Banco Comércio e Indústria de Pernambuco, no valor de 4.169,30 cruzeiros, que foi entregue pelo inventariante ao hospital. Isto ocorreu em julho de 1956, conforme este anexo de autoria do advogado José Paulo Cavalcanti, que entrego à Academia juntamente com cópia do discurso.

Meus senhores e senhoras, deixo o meu grande agradecimento a todos os presentes. Sou grato à saudação do acadêmico José Grimberg e à Academia Pernambucana de Medicina, que muito me honrou ao me aceitar como acadêmico. Tenho dito.

Saudação a Fernando Pinto Pessoa

Acadêmico
José Grimberg

Recife, 2 de junho de 2006

Saudar o professor Fernando Pinto Pessoa, quando assume a cadeira número 2 da Academia Pernambucana de Medicina, cujo patrono é o brilhante e inesquecível cirurgião Joaquim de Souza Cavalcante, desperta em mim a emoção do privilégio da escolha feita pelo próprio homenageado, entre tantos ilustres acadêmicos.

Conheci Fernando Pinto Pessoa no ex-INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social), quando éramos auditores médicos. Sempre admirei sua retidão de caráter, sua simplicidade e cordialidade no convívio com os colegas, sua firmeza e segurança nas decisões. Ficamos amigos.

Meu empenho em trazê-lo para esta Academia não foi apenas um gesto de amizade, mas a certeza de que possui os valores que acredito serem referencial desta instituição: elevado nível de competência e cultura médica, ilibada moral e inegociável ética, profundo respeito e dedicação ao doente, preocupação com os problemas médico-sociais e, enfim, o compromisso de zelar por esses valores e levá-los a instituições outras que, direta ou indiretamente, influem na formação técnico-científica do médico e na sua compreensão da importância humanística e social da profissão.

A vida do cirurgião Fernando Pinto Pessoa é um espelho que reflete esses valores cristalizados nas incansáveis horas dentro das enfermarias e salas cirúrgicas do Hospital Oswaldo Cruz (HUOC), atendendo, em sua maioria, pacientes pobres e sem preocupação com o retorno financeiro de seu trabalho. Foram mais de três décadas dedicadas a salvar doentes, evitar seqüelas, diminuir sofrimentos, manter esperanças.

Abonando este perfil do novo acadêmico, são palavras do professor Enio Lustosa Cantarelli, da Faculdade de Ciências Médicas e ex-Diretor do Hospital Oswaldo Cruz: “Fernando Pinto Pessoa sucedeu Joaquim Cavalcanti no Serviço de Doenças Torácicas do Hospital Universitário Oswaldo Cruz, destacando-se pela sua competência, dedicação, assiduidade e pioneirismo no diagnóstico e tratamento das patologias torácicas, obtendo

excelentes resultados e tornando-se um orgulho para os companheiros do nosso Hospital, entre os quais me incluo.”

Fernando Pinto Pessoa nasceu no Recife, em 5 de junho de 1927. Casou com a senhora Veleide Vilanova Pinto Pessoa. Tem três filhos e cinco netos. Formação escolar em colégios do Recife e Olinda. Laureado no segundo ano científico no Colégio Marista. Diploma de médico em 1953. Dois anos depois, pós-graduação em Londres no Institute of Diseases of the Chest no Brompton Hospital (Bolsa do Conselho Britânico).

Durante sua permanência na Inglaterra, fez curtos estágios em vários hospitais. No Queen Elizabeth Hospital, em Birmingham, No United Leeds Hospitals, Department of Thoracic Surgery em Leeds. Três meses de residência no Leicester Chest Unit em Leicester. Também estagiou no Sanatório Guenes em Buenos Aires (1973). No Texas Children’s Hospital em Houston (USA - 1975) e, na mesma cidade, fez um curso sobre câncer do pulmão no Anderson Hospital (1978).

Foi chefe do Centro Cirúrgico do Hospital Oswaldo Cruz e do Pavilhão de Pneumologia e Cirurgia Torácica do mesmo hospital (FCM, hoje Universidade de Pernambuco). Professor Assistente de Pneumologia da Faculdade de Ciências Médicas da FESP (atual UP). Chefe da Unidade de Circulação Extracorpórea do Hospital Oswaldo Cruz (1973 a 1982). Título de Especialista em Pneumologia pela Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia e pela Associação Médica Brasileira (1976).

Título de Especialista em Cirurgia Torácica pelo Departamento de Cirurgia Torácica da SBPT em convênio com a AMB - Associação Médica Brasileira (1981) (ambos por concurso). Título de Assessor Científico da Sociedade de Medicina de Pernambuco.

Chefe do Núcleo Médico I de Cirurgia Cardiorácica do INAMPS (1960-1981). Cirurgião-chefe da Secretaria de Saúde de Pernambuco. Em seu longo caminhar pela especialidade, acumulou dezenas de títulos e fez importantes contribuições à cirurgia torácica.

Membro da International Academy of Physicians and Surgeons.

A memória que apresentou para seu ingresso na Academia, um ensaio sob o título “Aspectos Sui Generis de Operações Cirúrgicas em Pernambuco”, refere-se a 34 casos que, na época, eram casos de difícil diagnóstico e abordagem cirúrgica, alguns inéditos no País e possivelmente na literatura mundial, obtendo sucesso em todos.

Como é compreensível, não cabe nesta ocasião expor em detalhes o seu extenso currículo, com dezenas de títulos, trabalhos publicados, participação em cursos e mesas redondas, cartas elogiosas de médicos estrangeiros e outros itens.

Já aposentado, dedicou-se a transmitir sua valiosa experiência clínico-cirúrgica das patologias pleuro-pulmonares em dois livros publicados: Clínica Cirúrgica Torácica (em 1996) e Pneumologia Clínica Cirúrgica (em 2000).

Recentemente (2001), publicou a biografia do Professor Joaquim de Souza Cavalcante. Excelente livro, que retrata a vida de seu antigo mestre e amigo.

Enfim, Fernando Pinto Pessoa pode ser considerado um “clone” de seu antigo mestre, de quem foi assistente e amigo, que, por feliz coincidência, é o patrono da cadeira número 2, que agora ele assume, com o mesmo grau de competência, o mesmo rigor ético, a mesma preocupação e dedicação ao doente, a mesma sede, até compulsão, em adquirir novos conhecimentos, perfeccionista e detalhista, como bem revelam seus escritos.

Ele demonstrou que o sucesso profissional pode e deve ser conseguido através da competência, da ética e do respeito à dignidade do doente, qualquer que seja sua origem, sexo, idade ou condição socioeconômica.

São médicos como Fernando Pinto Pessoa que honram e dignificam a Medicina.

Parabéns, amigo Fernando. Seja bem-vindo nesta Academia Pernambucana de Medicina, também chamada Casa Fernando Figueira.

Discurso de posse na Academia

Acadêmico

João Sabino de Lima Pinho
Neto

Recife, 22 de outubro de 2003

Excelentíssimo Prof. Dr. Geraldo Marques Pereira, digníssimo Presidente da Academia Pernambucana de Medicina, Doutores Acadêmicos – meus caros colegas – em especial o Prof. Miguel Doherty, responsável pela generosa locução ao meu respeito, digníssimas autoridades presentes ou representadas, minhas senhoras e meus senhores, amigos e familiares.

Sentimo-nos bastante honrados e agradecidos ao sermos admitidos nesta ilustre e histórica casa, que tem “compromissos somente com a cultura médica e o seu significado para a comunidade” – palavras estas proferidas pelo saudoso Professor Fernando Figueira, no dia 17 de dezembro de 1970, data em que foi fundada a Academia Pernambucana de Medicina.

Ao sermos convidados pelo nosso diletto amigo, Presidente desta Academia, Professor Geraldo Pereira, fizemos-lhe, de pronto, alguns questionamentos, preocupados que estávamos com a missão de conviver com tão ilustres colegas, cultores de nossa medicina. Após algumas necessárias explicações, candidatamo-nos à vaga.

Escrevemos uma monografia sobre um tema de interesse nacional – “Planejamento familiar” – abordando os 40 anos da Pílula Anticoncepcional no Brasil e sua importância científica e social. Procedemos à entrega, também, do nosso Memorial e Curriculum Vitae para que fossem analisados. Após legítimo julgamento destes documentos, nos foi transmitida a informação, por escrito, que tínhamos recebido a distinção para ocupar a cadeira de número 26, cujo patrono é o Professor Cosme de Sá Pereira e o Acadêmico Titular Fundador é o Professor Arnaldo Marques.

Gostaríamos, neste momento, de agradecer ao Professor Edmundo Machado Ferraz, escolhido como Relator, pelo parecer favorável que ensejou a aprovação do nosso nome pelos demais insígnis membros desta Academia, aos quais, desde já, firmamos o nosso reconhecimento.

Eis-nos aqui, incluídos na convivência sadia dos seus ilustríssimos componentes, profissionais que se destacam no meio

médico, não apenas em decorrência de suas capacidades científicas, mas também, e principalmente, pela grande cultura em distintas áreas. Através destes predicados, adquiriram o respeito, o reconhecimento e a confiança da sociedade pernambucana e brasileira.

Assumimos com muito orgulho e diria que, até mesmo, com um pouco de vaidade, esperando partilhar das atividades com muito entusiasmo, correspondendo, dessa maneira, a confiança de todos os senhores. Iremos agir na defesa do patrimônio ético e da qualidade profissional do médico.

Este prédio, palco de tantas histórias e abrigo de grandes nomes da medicina, para os que não têm este conhecimento, foi restaurado no Reitorado do Professor Éfrem de Aguiar Maranhão que entregou a Cidade do Recife, no dia 23 de novembro de 1988, o Memorial de Medicina de Pernambuco, sede definitiva da Academia Pernambucana de Medicina.

Gostaríamos de tecer algumas homenagens a todos os membros desta honorável Casa, mas não devemos nos alongar muito. Portanto, em nome de todos os senhores, faremos algumas deferenças em nome da personalidade que escolhemos para a saudação de praxe, uma figura exponencial da medicina brasileira, o Professor Miguel Doherty.

O professor Miguel John Zumaeta Doherty, nasceu na Inglaterra, em South Port, cidade pequena, próxima a Liverpool, onde nasceram pessoas de grande expressão e deve ser este o motivo de seu perfil nobre. Naturalizou-se brasileiro e concluiu o seu Curso Médico na Universidade Federal de Pernambuco, em 1954, configurando-se numa inestimável aquisição para o nosso povo, uma vez que com o seu trabalho, conhecimento e empenho tem ajudado sobremaneira nossa sociedade.

Especializou-se em cirurgia geral e pediátrica, desempenhando uma dinâmica atividade profissional em Órgãos Públicos Assistenciais e Beneficentes, Clínicas e Hospitais de Pernambuco. Forjou uma geração de cirurgiões pediátricos na nossa Região e, mesmo na atualidade, continua a inspirar os jovens médi-

cos como exemplo a ser seguido no que concerne à dedicação ao paciente e à busca incessante do conhecimento científico indispensáveis à boa prática médica.

Exerceu atividade docente do ano de 1958 ao de 1993, como Professor Livre-Docente e Doutor em Medicina pela UFPE, tendo o mérito de dirigir a Disciplina de Clínica Cirúrgica Pediátrica, em 1965. Participou de mais de 40 bancas examinadoras de teses de pós-graduação, publicou e apresentou dezenas de trabalhos científicos, em mais de 70 Congressos Médicos, nos quais a sua presença era, e continua sendo, sempre muito festejada.

É membro de 16 entidades médicas e associativas no Brasil, tendo desempenhado encargos dos mais qualificados, sempre com grande destaque.

É detentor de inúmeras honrarias como paraninfo, patrono e foi agraciado com merecidas medalhas e diplomas de reconhecimento.

Fundou e consolidou mais de 20 serviços e ações de natureza social.

Trata-se do mais claro exemplo de que, de fato, “a grandeza do homem não se mede apenas por suas intenções, mas sim por suas obras” parafraseando Vitor Hugo.

Este “gentleman”, querido de todos, com seu espírito bonachão, é cidadão de Recife e de Pernambuco, o mínimo que se poderia fazer por alguém que muito realizou por nossa Cidade e por nosso Estado.

Miguel, fica aqui o nosso sincero agradecimento por suas generosas palavras. Você não consegue falar mal de alguém. Foi muito bom convidá-lo para nos saudar, o que veio a abrilhantar este evento. Este foi nosso grande mérito na escolha do orador.

Esta personalidade médica admirável é membro da Academia Pernambucana de Medicina desde fevereiro do corrente ano. Muito obrigado Prof. Miguel Doherty.

Sem dúvida, não poderíamos deixar de prestar homenagens, traçando os perfis do Patrono da Cadeira de número 26, que ora assumimos, o Professor Cosme de Sá Pereira, bem como do Profes-

sor Arnaldo Marques, Acadêmico Titular Fundador, o qual ainda tivemos o privilégio de ter como professor da Disciplina de Clínica Propedêutica Médica, na Universidade Federal de Pernambuco.

O nosso Patrono, Prof. Cosme de Sá Pereira, nasceu na Cidade de Igarassu, no Estado de Pernambuco, no dia 10 de setembro de 1817. Os seus familiares tentaram fazê-lo sacerdote, sem que tivessem conseguido esse intento, orientavam-no a seguir um curso jurídico, em Olinda. Porém, ele sempre revelara a intenção de cursar medicina, na Bahia.

Em 27 de novembro de 1845, defendeu tese, sendo-lhe conferido o título de Doutor em Medicina.

Iniciou suas atividades na clínica médica na cidade de Goiana, aqui em Pernambuco, e, pouco tempo depois, transferiu-se para Recife, local no qual clinicou galhardamente durante 50 anos. Foi dono de uma vasta e conceituada clínica. Antecedeu os oftalmologistas, sendo o primeiro médico pernambucano a operar catarata por extração. Fez observações quase experimentais sobre a etiopatogenia do Beribéri. Escreveu o livro sobre “Conferências médicas à cabeceira do doente”, demonstrando toda sua sensibilidade profissional. O estilo do autor era de uma simplicidade encantadora. Era o responsável pelos Anais do Instituto Médico, a hoje Sociedade de Medicina de Pernambuco, do qual foi fundador e presidente, no ano de 1874. Sua fotografia encontra-se afixada na Galeria dos Presidentes, na nossa querida Sociedade de Medicina.

Segundo dados colhidos pelo Professor Arnaldo Marques, era um homem alegre e folgazão, sempre de muito bom humor, além de um grande piadista. Desempenhou funções públicas com elevado destaque, tendo militado por um bom tempo na política. Em 1853, foi eleito membro da Câmara Municipal do Recife e, no ano seguinte, foi eleito Deputado à Assembléia Provincial. Foi também Senador eleito pelo Estado de Pernambuco, em 1892.

Em 1900, presidiu os trabalhos sobre a importância da água potável no Recife, problema este ainda muito atual.

Faleceu aos 97 anos, na sua chácara em Caxangá. Deixou a todos um rico exemplo de médico e homem público.

O Acadêmico Titular Fundador da Cadeira de número 26, Professor Arnaldo Marques, nasceu no dia 10 de agosto de 1903, na Cidade de Recife. Estudou no Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal. No período universitário foi interno do Serviço de Clínica Médica, chefiado pelo Professor Miguel Couto. Formou-se em Medicina, no ano de 1924, pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ao longo de sua brilhante trajetória profissional, exerceu diversos cargos relevantes, desde assistente de clínica médica no velho e sempre lembrado Hospital Pedro II, com os Professores João Marques e João Amorim, no Real Hospital Português, como Chefe de Clínica Médica e, no Hospital Centenário, trabalhou com o professor Fernando Simões Barbosa. Foi Professor Livre-Docente de Clínica Médica, na Faculdade de Medicina do Recife, exercendo depois, por concurso, em 1936, o honroso cargo de Professor Catedrático de Clínica Propedêutica Médica, na mesma Universidade.

Fez várias viagens de estudo à Europa, sempre em busca das fronteiras do conhecimento, participou de inúmeros congressos nacionais e internacionais, tendo publicado mais de meia centena de trabalhos científicos, entre estes, destacam-se as seguintes obras: Manual de Semiologia (1959) em dois volumes e o Manual de Diagnóstico Clínico (1970), também em dois volumes.

Em 1953, chefiou uma delegação de médicos brasileiros e argentinos a Áustria e União Soviética, sendo recepcionado, em sessão especial, pela Academia de Medicina de Moscou.

Foi membro de várias associações científicas, com destaque para a Sociedade Brasileira de Cardiologia, da qual foi Presidente, e da Society of Internal Medicine.

Além da Academia Pernambucana de Medicina, ocupou Cadeira na Associação Brasileira de Médicos Escritores.

Escreveu várias biografias, das quais destacamos as de Osvaldo Cruz, Cosme Sá Pereira (nosso Patrono), Miguel Couto, Joaquim Nabuco e Josué de Castro.

Dentre suas distinções honoríficas, ressaltamos o “Cartão de Prata”, concedido pela Sociedade Brasileira de Cardiologia, em 1978; a Medalha do Mérito Médico de São Lucas, também no ano de 1978; além do título de Professor Emérito, concedido pela Universidade Federal de Pernambuco, no ano de 1985.

Como nota triste, por ocasião do Regime Militar, em 1964, o Professor Arnaldo Marques foi detido e afastado da Cátedra de Clínica Propedêutica Médica por decreto de aposentadoria compulsória.

Faleceu na Cidade do Recife, em 1989. Seus familiares, alguns aqui presentes, recebam de todos nós o reconhecimento pela grande figura ética e humana que foi o Professor Arnaldo Marques.

Finalmente, gostaríamos de expressar nossa eterna gratidão aos muitos profissionais, que direta ou indiretamente contribuíram na nossa formação médica e humanística, forjando-nos para o exercício ético da medicina, tanto no magistério superior quanto na clínica privada.

Alguns não estão mais entre nós, como os Professores Rosaldo Cavalcante e Djair Brindeiro. Outros, estão nesta sala, e citaríamos os nomes do Professor José Weydson Leal e Cícero Ferreira Costa.

Queremos dedicar este honroso título que acabamos de receber à minha família. Aos meus saudosos e queridos pais, que sempre partilharam das nossas alegrias, à minha esposa Maria Sílvia, às minhas filhas Giovana, Fabiana e Sílvia, assim como aos meus netos Eduardo, Marcelo e Amanda, também aqui presentes, renovação de vida do avô coruja.

Agradecemos a atenção e a presença amiga de todos.
Muito Obrigado.

Saudação a João Sabino de Lima Pinho Neto

Acadêmico
Miguel Doherty

Recife, 22 de outubro de 2003

Ilustre acadêmico João Sabino de Lima Pinho Neto.

Noite solene de nossa Academia Pernambucana de Medicina.

Ingressa em nossa Academia uma ilustre geração médica iniciada em 1820 com Sabino Olegário Ludgero Pinho. Fundador da Homeopatia no Norte e Nordeste do país e da Farmácia Homeopática Dr. Sabino Pinho no Recife, a mais antiga da América do Sul em funcionamento até os dias de hoje.

Saga continuada por seu filho, João Sabino de Lima Pinho, médico continuador da tradição homeopática, autor do vademecum “Thezouro Homeopático”. Tradição mantida pelo neto do gerador médico dos Sabino Pinho, João Sabino Filho, fundador nos idos de 1907 do Instituto de Proteção à Infância e do Dispensário, responsáveis pela assistência à criança, à nutriz e ao fornecimento de víveres e medicamentos à população pobre, entidade situada na antiga Rua do Sebo, atual Barão de São Borja, e que foi local de visita dos congressistas de nosso 1º Congresso Médico.

Sabino Filho, defensor da Homeopatia e membro de nossa Sociedade de Medicina de Pernambuco, teve debates polêmicos como Padre Carapuceiro sobre o tema.

Tradição mantida pelos seus filhos, o médico alopata e fisiologista, João, e Luiz, responsável pela continuidade da farmácia.

Finalmente, chegamos à 5ª geração do clã médico dos Sabino Pinho, o nosso colega João Sabino de Lima Pinho Neto.

Nosso acadêmico traz, além dessa plêiade de ilustres membros da família, outras figuras de nossa tradicional História médica, o patrono Cosme de Sá Pereira e o fundador da cadeira 26, Arnaldo da Gama Marques, os quais também carregam uma brilhante geração de médicos e ilustres membros de nossa cultura. A responsabilidade dessa carga ilustre do nosso Acadêmico é por demais pesada, mas faz jus aos atributos por ele possuídos.

Passemos ao nosso Sabino Pinho. Embora não albergue a herança homeopática, pois é de formação e atuação alopática, no entanto carrega o atavismo da tendência herdada, além de ter tido o destino predestinado e abençoado traçado pelas linhas de um determinismo de sua atuação profissional.

Atavismo traduzido pela sua atuação médica em benefício da mulher, à semelhança de seus ascendentes, evidenciado pela contribuição de seus trabalhos apresentados em congressos nacionais (97) e em internacionais (5), somados aos 110 trabalhos publicados em revistas nacionais e 7 em internacionais, além de ser autor de capítulos de livros nacionais (18) e internacional (1), afora seus trabalhos de pesquisa e especialidade, 15 concluídos e 5 em andamento. Embora tenha seguido a linha alopática, não abandonou a farmácia, evidenciada em seus trabalhos de terapêutica, além de terem sido temas de suas teses de Doutorado na Escola Paulista de Medicina e de Livre-docência na Faculdade de Medicina da Bahia, por coincidência escolas por onde se graduaram seus ascendentes.

Destino traçado para a Ginecologia e Obstetrícia desde o seu nascer, pois foi trazido ao mundo pelas mãos do Professor de Obstetrícia da Maternidade da Encruzilhada, onde iniciou seu treinamento na especialidade, e ainda mais logo substituído por seu sucessor na Cátedra, Prof. Iremar Falcone.

Sua trajetória profissional seguiu a linha da especialidade nas maternidades da Encruzilhada e hospitais de Olinda, Itambé e Paulista e nos hospitais Getúlio Vargas e Barão de Lucena, logo abandonados quando aprovado em concurso para ingressar na cadeira docente na Universidade Federal de Pernambuco. Carreira docente em contínuo progresso, assumindo funções de comando e de orientação formadora das novas gerações, na graduação, residência e pós-graduação da área médica, além da Fisioterapia.

Ascensão gradual por concursos aos vários níveis docentes, de Auxiliar de Ensino a Professor Adjunto da área desde o início escolhida, a Ginecologia.

Na área associativa, não deixou de abraçar sua vocação docente, haja visto que o seu primeiro curso organizado de atualização em ginecologia, logo após seu ingresso na Universidade, teve continuidade até os dias de hoje, sendo o curso de ginecologia mais antigo do país.

Foi eleito pelos seus pares Coordenador da Disciplina de Ginecologia e ainda por duas vezes chefe do Departamento Materno-infantil, além de ter sido eleito na atividade profissional, de Secretário geral a Presidente da Sociedade Estadual de Ginecologia e presidente do próximo congresso brasileiro da especialidade. Fundador de 5 (cinco) sub-especialidades a nível nacional e uma íbero-americana.

Seu currículo é vasto, mas não cabe nesta festa exceder a tolerância dos presentes.

É um privilégio ter nesta Academia um digno representante do clã Sabino Pinho, não só pelo seu currículo, mas principalmente pela sua história, fidelidade aos seus mestres e pelo seu conceito em termos éticos e morais, condições primordiais para integrar uma Academia.

Com alegria saúdo o novo acadêmico, integrante como aluno de uma brilhante turma, da qual fui professor homenageado e, como mestre, estou podendo assistir e compartilhar de mais uma conquista de um dos integrantes dessa turma.

De parabéns o novo acadêmico, seus familiares, seus antecessores e a Academia.

Discurso de posse na Academia

Acadêmico:

Gustavo Trindade Henriques

Recife, 14 de agosto de 2003.

Ilmo. Sr. Prof. Acd. José Grimberg, representando neste ato o Magnífico Vice Reitor e Reitor em Exercício Prof. Geraldo Marques Pereira, Presidente da Academia Pernambucana de Medicina. Ao nomeá-lo, eu saúdo os demais ilustres membros da mesa.

Caros Acadêmicos, Meus Colegas, Senhoras e Senhores.

Houve por bem me concederem a honra de tomar posse na Academia Pernambucana de Medicina. Sinto-me extremamente honrado, por estar certo de que para tanto não os levou somente o coração, como também acredito, que existe um significado bem maior que não cabe numa simples homenagem acadêmica ou meramente profissional. Por esta expressiva homenagem desejo inicialmente agradecer primeiro, a profissão Médica que me deu a vocação como extensão de servir a humanidade e em especial aos que fazem a Academia Pernambucana de Medicina, representada pela figura impar de seu Presidente o prof. Geraldo Pereira. As palavras, aqui ditas, calaram bem fundo no meu coração, pelas referências generosas e afetivas a minha pessoa.

Aceito essa homenagem, como mais um estímulo a todos os meus intentos, sem granjear méritos, apenas surpreendido, reconheço a minha pálida contribuição em prol a esta casa, repousaria dos conhecimentos científicos e intelectuais.

Desejo inicialmente, neste instante solene de profunda alegria, marco histórico na minha existência de homem e médico, prestar em primeiro lugar a homenagem a aqueles que inteligentemente e amorosamente souberam me moldar, criar e preparar para vencer os inúmeros percalços da vida. Antonio da Trindade Meira Henriques, meu pai e amigo e Maria Alice da Trindade Henriques minha dileta e carinhosa mãe. Hoje os dois repousam na transcendental vida espiritual e olham embevecidos os seus descendentes.

Quero também estender esses meus agradecimentos a todos os integrantes desta casa, com quem tive o privilégio de conviver mais de perto e manter uma amizade inviolável nesses quarenta e cinco anos de profissão.

Sempre nutri por esta Academia e pelos seus ilustres e dignos integrantes a maior consideração, por enxergá-los, não somente, como iminentes colegas, mas, sobretudo, por reconhecer em cada um o papel importante que desempenharam ou que ainda desempenham na Medicina Pernambucana.

Em cada recanto de nossa cidade, em cada bairro, em cada esquina, conhecemos as necessidades, as angústias e a dor dos pacientes como pedaços de nós mesmos. Esses pacientes, ocupando palacetes, ou mesmos grandes e pequenos apartamentos ou ainda, aqueles escondidos por trás de fachadas insalubres, enterrados por vezes na lama, nas palafitas a beira de rios e mangues, nas encostas de morros, suplicando a Deus que não chova, vivendo na miséria indigna da pior condição humana.

A profissão médica olha todos esses aspectos e torna-se transcendental porque foge a dimensão do homem comum, por que não nos basta somente o Saber temos que professar o Querer, o Ousar e o Calar, Esses quatro verbos, formam o tetragrama da Medicina Universal.

A Medicina não se faz somente com inteligência e sabedoria, aplicando drogas, tóxicos e alguns venenos, ela necessita de algo maior, talvez algo mágico, um “que” sobrenatural que a diferencia das outras profissões, um que “arte” e aqueles que entenderem isto, vão compreender que a Medicina é uma arte e como arte, ela é divina.

Ocupo agora a cadeira número trinta e um, cujo patrono será sempre a figura ímpar do Prof. Geraldo de Andrade. No pensamento de Jamesson Ferreira Lima, Geraldo de Andrade permanecerá inesquecível pela sua sensibilidade, pela sua inteligência e, principalmente pela sua ascendência distinguida.

Neto do Conselheiro Imperial Romualdo Paes de Andrade e filho do Desembargador Geraldo de Sousa Paes de Andrade. Seu pai exerceu a Secretaria da Fazenda e da Segurança Pública no Estado do Pará e, por inúmeras vezes, governou o Estado. Seu Tio Braz de Andrade, orador incansável e renomado, exerceu o

cargo de Cônsul do Brasil em Glasgow, sem pertencer ao corpo diplomático, por ser agraciado pelas suas reconhecidas qualidades intelectuais.

Geraldo de Andrade nasceu no Recife, em 25 de janeiro de 1903. Aquariano nato é aquele que traz as sementes da Nova Era e tem os olhos no futuro e um grande ideal no coração. Seu desejo é trocar o velho pelo novo e construir um mundo diferente, melhor e o seu sonho é de uma humanidade mais justa, onde prevaleçam os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Em tudo que tocam os aquarianos deixam sua marca original, por isto, se tornam líderes e quase revolucionários. Geraldo de Andrade foi o exemplo do aquariano nato.

Órfão de pai e mãe, aos quatorze anos, transferiu-se para o Rio de Janeiro onde continuou seus estudos. Como universitário, trabalhou e escreveu inúmeros artigos nos Jornais A Rua, A Província e no Diário da Medicina. Concluiu com distinção seu curso médico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a sua tese de doutorado foi selecionada entre as melhores publicações nacionais sobre Eugenia.

Trabalhou como interno no Hospital Central da Marinha na Ilha das Cobras. Aproximou-se do ilustre clínico Prof. Miguel Couto, sendo seu discípulo, assistente e distinguido colaborador. Fez carreira como clínico e cardiologista renomado e dignificou a Medicina pela sua lealdade e grandeza como verdadeiro apóstolo hipocrático. Preocupou-se ainda com os temas médicos sociais, representando Pernambuco em Congressos Brasileiros de Higiene, apresentando os seguintes trabalhos: Primogenitura e Mortalidade Infantil e Concepcionismo Inconsciente e Mortalidade Infantil.

Dirigiu o Serviço de Higiene Social do Departamento de Saúde Pública em Pernambuco com maestria e nesse período, escreveu vários trabalhos sobre Antropologia, Investigações Biométricas em classes Domésticas, Higiene Industrial, Estudo Médico Social do Tabagismo, Higiene do Trabalho e Registro de Sanidade.

Foi Presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco, em 1939, onde teve positiva atuação. Médico por concurso do IAPC, Prof, Docente de Propedêutica Médica e Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife, Chefe de Clínica do Hospital Pedro II, dirigindo a enfermaria Nossa Senhora do Bom Conselho. Foram seus assistentes: Djalma Vasconcelos, Jamesson Ferreira Lima, Gilberto Costa Carvalho, Fernando Moraes, entre outros, hoje, todos eles, figuram ou figuraram como expoentes da Medicina Pernambucana.

O prof. Samuel Levine da Universidade de Harvard, considerado na época um dos maiores cardiologistas do mundo, declarou-se surpreso e maravilhado com a segurança e a experiência de Geraldo de Andrade no seu livro, Aneurismas Aórticos. Seu trabalho sobre Pulso Incongrues atravessou o Atlântico e impressionou a Medicina Anglo-Franco-Americana.

Tribuno eloqüente para o Sociólogo Gilberto Freire.

Em 1949 foi homenageado pelo Instituto Pernambucano de História da Medicina e ocupou a cadeira do saudoso higienista Amaury de Medeiros, sendo na ocasião saudado pelo seu assistente e amigo João Rufino.

Por medida puramente política, Geraldo de Andrade, foi afastado do Serviço de Higiene Social. Professor da Cadeira de Sociologia da Escola Normal de Pernambuco, obtendo o primeiro lugar, concorrendo com competidores de grande porte intelectual. Projetou-se como educador e sociólogo, escrevendo o ensaio A Escola e a Formação da Mentalidade Popular no Brasil.

Atuou com político no Partido Republicano e na UDN, fazendo oposição ao governo revolucionário. Em 1936 como vereador na Câmara Municipal do Recife. Democrata atuante, consciente da causa dos Aliados na Segunda Guerra Mundial, aliou-se a vários intelectuais, na criação em abril de 1943 da Sociedade dos Amigos da Língua Inglesa. Foi seu primeiro presidente, proferindo palestras com Gilberto Freire, e promoveu um melhor entrosamento entre os médicos americanos presentes no Recife.

Naquela época, meu pai, Antonio da Trindade Meira Henriques, amigo fraterno de Geraldo de Andrade, por seu intermédio ou por sua interferência, conseguiu doses suficientes de Penicilina Sódica Cristalina, para ser aplicadas em sua mãe, minha saudosa avó, Maria Luiza da Trindade Meira Henriques, que sofria de infecção crônica pulmonar com associação de estafilococos e fungos. Não houve cura completa, mas sua sobrevida valeu as aplicações dolorosas de três em três horas.

Atuante em vários campos, Geraldo de Andrade jamais deixou de clinicar. Na Academia Pernambucana de Letras, foi aceito em 18 de fevereiro de 1936, ocupou a cadeira de Vitoriano Palhares que era seu parente. No parecer para seu ingresso, foi dito que: “É considerável o acervo atestador da intelectualidade do Prof. Geraldo de Andrade”. Quem consultar suas obras, não foge a impressão magnífica de estar diante de uma excepcional atividade a serviço de uma mentalidade vigorosa”.

Geraldo de Andrade casou com a professora Carolina Cavalcanti de Andrade e teve quatro filhos; as professoras Maria Auxiliadora de Andrade Melo e Tereza Cristina de Andrade Vasconcelos, o vitorioso empresário José Mario de Andrade e o Bacharel em Direito Braz de Andrade, fundador da Academia Jurídica de Pernambuco.

Clinicou no Recife durante longo período sempre com o idealismo de ajudar o próximo e o servir desinteressadamente, sem esquecer o interesse pelo ensino, pela pesquisa, pela atuação universitária, sempre preservando a valorização do Serviço Público.

No dia 08 de julho de 1979, numa madrugada chuvosa de Lua Nova, morre Geraldo de Andrade, cercado de seus familiares e amigos. Na véspera após discursar no termino do Congresso Internacional de Cardiologia, realizado no Recife, no almoço de encerramento, após eloqüente discurso, sofreu distúrbios gástricos, sinais impiedosos de um enfarte do miocárdio sorrateiro. Por assim dizer, seu embaraço gástrico tornou-se mais tarde um embaraço médico.

Morreu e partiu Geraldo de Andrade para a eternidade. A morte é apenas libertação do espírito, transmutação da vida e a continuação de nós mesmos. Ela determina o fim de uma jornada material e o começo de outra caminhada transcendental e estranha. A dor da morte não é só mágoa e saudade, mas também benefício por seus efeitos e resultados, pois ela educa, constrói, consola, redime e ilumina o homem. Diz o poeta “Os grandes homens nunca morrem apenas eles se encantam”.

Meus Colegas, Senhores e Senhoras:

Passo com o meu olhar cerrado, como num sonho ou como um pesadelo, a ver desfilar na minha retina os corredores deste velho casarão, a minha Faculdade de Medicina da Universidade do Recife, os mestres e seus assistentes, que com tanta dedicação se esforçaram na esmerada arte de ensinar, a prática e a teoria, importantes para a formação de um profissional que se dedica a velar pela vida alheia.

Aqui, conheci os Profs. Hindenburg Tavares de Lemos e Hoel Sette As circunstâncias da amizade e da vida determinaram, que meu destino se cruzasse com a desses dois Eméritos Acadêmicos. O primeiro que agora tenho a honra de sucedê-lo, ocupando a cadeira numero 31 desta Academia e o segundo O prof. Hoel Sette, que me encaminhou na vida acadêmica e me incentivou na prática de uma medicina essencialmente científica e humanística.

Sobre o Prof. Hindenburg Lemos seria muito fácil falar sobre o amigo dileto se não fora o aperto no coração, o travo na garganta, o pranto do olhar e o impacto de sua morte, tragédia ocorrida na Tunísia, no ano passado, quando meu amigo Hindenburg foi inesperadamente arrebatado de sua vida.

Do seu currículo, anotei alguns dados mais importantes:

Formado em Medicina em 1945 pela Universidade do Recife. Neste mesmo ano já como assistente da Primeira Clínica Cirúrgica, cujo catedrático era o Prof. Joaquim Cavalcanti. Logo em seguida em 1946 viajou a São Paulo para estagiar com o prof.

Eurico Bastos, catedrático de Clínica Cirúrgica da Universidade de São Paulo. Eurico Bastos, primo legítimo de minha saudosa mãe, foi um baluarte da cirurgia abdominal naquela época.

Fundou os bancos de sangue dos Hospitais do Pronto Socorro e Centenário e da Casa de Saúde Santa Inês da Faculdade de Ciências Médicas.

Dedicou-se a Cirurgia Geral, trabalhando em vários hospitais, Santa Casa de Misericórdia, Pronto Socorro e Agamenon Magalhães. Escreveu e apresentou 34 trabalhos científicos sobre diversas patologias cirúrgicas.

Prof. Assistente da Cadeira de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife.

Titular das disciplinas de Bases da Técnica Cirúrgica e da Anestesia e Clínica Cirúrgica Abdominal da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco.

Professor Livre Docente da Faculdade de Medicina da UFPE.

Presidente da Sociedade de Medicina de PE, onde tive o privilégio de ser o seu 1º Vice Presidente. Na sua profícua gestão, criou a Medalha do Mérito Médico Maciel Monteiro.

Prof. Regente da Cadeira de Cirurgia Abdominal da Faculdade de Ciências Médicas da UPE.

Vice Diretor da Faculdade de Ciências Médicas UPE.

Prof, Emérito da Faculdade de Ciências Médicas.

Membro da Academia Pernambucana de Medicina, titular da cadeira nº 31, que agora ocupo com a maior honra.

Reitor da Universidade de Pernambuco, onde tive mais um privilégio de ser o seu Vice Reitor. Juntos transformamos a Fundação do Ensino Superior de Pernambuco em Universidade.

Hindenburg tinha 10 anos a minha frente, sempre elegante e vaidoso, vestia-se impecavelmente. Com o seu caminhar célere, quase nas pontas dos pés, impressionava pela rapidez de raciocínio e pela sua forte individualidade. Os librianos são refinados,

buscam constantemente a harmonia com o outro, são grandes diplomatas, possuem um senso ideal de justiça, ética e amam a beleza.

Seu regente é Vênus, a deusa do amor. Como libriano refinado, Hindenburg regia as formas mais nobres e puras do amor e da arte, desde a atração sexual até ao amor cortês, simbolizando o ideal sutil do amor espiritual. Com seu convívio alegre e fraterno, convívio dos amigos para sempre, nos trouxe a certeza de que ainda poderemos confiar no outro.

Casou-se com Maria Inah Tavares de Lemos, em segundas núpcias. Não teve filhos, mas seu amor de pai, transferiu para os filhos de seus amigos e de seus parentes.

Hindenburg como profissional, encontramos nele o esculápio por natureza, opção e destino. Sacerdote por convicção, ética e prática, encontramos nele, o cientista por formação, conhecimento e dever. Mas, sobretudo, ele se revelou o grande médico com sua brilhante inteligência e senso prático.

Com o seu desaparecimento drástico, eu dizia aos meus confrades na Sociedade de Médicos Escritores: Morreu um poeta sem letras e sem rimas, morreu um pintor sem pinceis e telas, um escultor sem formas e espátulas, porém ele tinha nas suas mãos abençoadas, um bisturi de ouro, onde desenhou, riscou e moldou, na pele e órgãos de seus pacientes, a esperança, a recuperação e a vida. É mister repetir: Os grandes homens, nunca morrem, apenas eles se encantam.

O homem jamais esgota o seu potencial de conhecimentos e esta é a razão maior que me honra agora a Academia Pernambucana de Medicina, em ocupar a cadeira numero 31 pertencentes a duas expressões da Medicina Pernambucana: Profs. Geraldo de Andrade e Hindenburg Lemos.

Caros Acadêmicos, Meus Colegas, Senhores e Senhoras:

Os anos 2000 a 2003 marcaram tanto o fim do século como o início do novo milênio, quanto ao anuncio de que o Genoma humano tinha sido seqüenciado, fracionado e ampliado os seus

segredos. Isto implicará numa profunda modificação para a Ciência Médica.

Apesar de tudo, ainda há muito que se entender sobre estes verdadeiros tijolos ou mapas de instrução da biologia humana, com a sua imensa multiplicidade de funções. Sabemos que as conseqüências para a prática da Medicina, serão no futuro necessariamente revisadas e aprofundadas.

A previsão dos riscos ou dos possíveis benefícios, individuais ou coletivos de cura das doenças e respostas às futuras drogas e medicamentos serão também uma vertente crucial da Medicina, principalmente nessas próximas décadas.

O bom ou o mau uso dessas informações terá de ser tratado com o máximo de ética, honestidade, de cientificidade e de firmeza e determinação, pois a Medicina genômica carrega em si, a promessa final de revolucionar o diagnóstico e o tratamento de várias doenças, hoje ainda consideradas incuráveis. “Obter-se a seqüência do genoma humano é o fim do começo” como disse um poeta. E ainda como afirmou Knoppers: “Quanto mais se aumenta o raio do conhecimento, mas se alarga a circunferência do desconhecido”.

Nesse assunto vivemos um momento de mudança dramática da Medicina. A bioengenharia e a clonagem, que pareciam a todos os olhos uma ficção, um sonho, torna-se realidade incontestada. Mas o dedo de Deus a apontar para Adão no paraíso, representados na pintura de Miguel Ângelo na Capela Sistina, reflete a nossa grande fragilidade, o nosso receio e impõem a clonagem e a engenharia genética uma maior e grave reflexão.

O homem tenta se igualar a Deus de uma maneira mais fácil, procurando abordar e interferir na intimidade da vida e procurando também um jeito predestinado de sermos, talvez no futuro, os novos pequenos deuses.

A evolução prosseguirá independente de nossas crenças, de nossa cor, da cidadania ou de nossas diferentes raças, triturando sem precedência os velhos e tradicionais conceitos. Para tanto necessitamos de paciência, muita paciência.

O ufanismo humano da vitória da vida sobre a morte, requer a paciência da Teoria de Darwin, quando gastou bilhões de anos para evoluir. As adaptações e mutações progrediram de uma maneira de-veras surpreendente. De uma simples ameba com prolongamentos e pseudópodes surgiram finos filamentos, depois fimbrias sexuais, delas apareceram tentáculos e sub barbatanas, deles nasceram duplas asas, dessas progrediam, ora para pernas com cascos ou pés, ora para braços com garras ou mãos divididas em dedos e unhas.

O mapeamento do DNA humano será num futuro bem próximo o novo despertar médico. Despertar na correção de inúmeras doenças hereditárias, corrigir defeitos e talvez permitir que células ou órgãos heterólogos injetados e impregnados de genes humanos possam ser transplantados com maior segurança.

Desde menino, tomando e saltando dos bondes em movimento, como jovem estudante de Medicina, ou ainda como médico, andei as ruas desse meu Recife, pelas suas pontes e pelos seus recantos encantados, eternizando na minha memória os desejos e as carícias desse meu vento que sopra nos coqueirais, sob a luz da lua cheia e que traz a brisa e o cheiro do nosso verde mar.

Vivi o meu Recife de um modo poético, iluminado pelos lampiões e pelos seus reflexos de luz a dourar e pratear as águas tranquilas do Capibaribe, que abraçam os manguezais na sua calma correria ao juntar-se com o Atlântico.

Na Medicina e principalmente nesses meus Recifes e Pernambucos invisíveis procurei servir da melhor maneira que pude, como médico clínico, como professor e algumas vezes como dirigente. Imaginei sempre alcançar os meus inúmeros objetivos.

Os alcançados estão aí e falam por si mesmos, os outros se perderam nos ventos e nos meus sonhos, desses mais de setenta anos de idade e nesses quase quarenta e cinco anos de profissão.

Dessas atividades alcançadas eu não esqueço, não só porque, me sinto parte delas, mas porque, elas, com seu cheiro, ficaram impregnados dentro de mim.

Sempre nutri pela Medicina os mais elevados princípios da ética, da dignidade, do respeito pelos meus pacientes e pelos nossos órgãos de classe. Assim nasceu entre nós uma convivência harmoniosa, uma colaboração afetiva e efetiva, porém, as pequenas e poucas divergências, jamais as comprometeram.

Meu verbo alto, meu sorriso largo e feliz, a minha passada firme, nunca impositiva, traduzem neste instante, uma trajetória feita de trabalho, de alguns sacrifícios, de devoção à vida e entusiasmo pela profissão médica.

Eu faço parte de uma família hipocrática, senão pela genética, pelo amor. Meu pai, minha esposa, meus quatro filhos, duas noras, um genro e inúmeros primos, todos eles almas de médicos, vidas de médicos e corações de médicos, carregam a responsabilidade de se manterem fiéis aos princípios de respeito e honestidade, de cientificidade e solidariedade ao próximo.

Antes de terminar essa pálida mais sincera oração, quero agradecer ao prof. Geraldo Gomes de Freitas, a honra que me concedeu, fazendo a saudação desta noite. Suas palavras elogiosas a meu respeito refletem o sentimento da amizade não somente material, mas principalmente espiritual. O médico é um artista sensível por natureza, transmite o sentimento como se fora uma arte e toda arte é e cria uma personalidade. A finalidade da arte, Geraldo é altamente construtiva: desperta o senso educativo, dignifica o ideal e contribui para o aperfeiçoamento. Conheço você desde a época de estudante de Medicina, aprendi com você a arte de curar, nos estreitos corredores de Terapêutica Clínica, Serviço do Prof. Hoel Sette, ao lado do velho casarão do Hospital Pedro II, procurando exaustivamente pacientes portadores de Lupus Eritematoso Disseminado. Com você, Geraldo, aprendi a ter as grandes idéias. O artista não se preocupa com a forma exterior, interessa-lhe unicamente a forma interior, a beleza da idéia, infundindo em sua obra de arte a centelha do gênio.

Sensibilizado também, desejo agradecer em particular a minha querida esposa Carminha, companheira extraordinária e

inseparável, aos meus 4 filhos, 2 noras, 2 genros e 9 netos, e a todos os meus familiares, aos meus amigos verdadeiros, que estão sempre ao meu lado neste mundo ou alguns que em outra dimensão se encontrem e aos tantos colegas e amigos aqui presentes, que compartilham e dividem comigo a alegria deste momento e a saudade eterna dos tempos que já se foram e que não voltam nunca mais.

Minha família e o meu lar são os aconchegos dos que vivem sob o nosso teto, e onde o amor, a paz, o sentimento e o espírito de compreensão, existem solidariamente para o bem de todos.

Diz um poeta que o Triunfo de uma batalha é mais sensacional e mais intenso nas danças da vitória do que no momento real da conquista. Hoje, nesta noite, estamos dançando todas as vitórias. Vitória da batalha da educação, batalha do amor e a batalha da vida.

A presença de cada um de vocês confirma que dentre as melhores coisas da vida está, sem dúvida, o ato de criar, construir e consolidar as amizades, Que elas permaneçam para nós sempre invioláveis.

Disse.

Discurso de posse na Academia

Acadêmica:

Ronice Franco de Sá

Recife, 10 de julho de 2006,

Exmo. Sr. Professor Geraldo Pereira, Presidente desta Casa.

Prezados Acadêmicos presentes, demais autoridades, meus familiares, meu marido Jimmy, meus filhos Arthur, Rafael, Caio, Jimmy e Diogo, demais familiares, colegas do NUSP, amigos, senhoras e senhores,

Esta é de fato uma noite memorável e de muita honra para mim. Por isso, ela é principalmente uma noite de agradecimentos.

Antes de começar de fato a agradecer, eu gostaria de dizer que após ter sido eleita, eu senti uma imensa vontade de conhecer a origem das Academias, para poder compreender o significado dessa honra e ter um pouco de sabedoria, pois como dizia Plotino “tudo manifesta símbolos e sábio é aquele que em qualquer coisa, pode ler outra”.

Assim, descobri que a primeira Academia foi fundada por Platão em 387 a.C. em Atenas e esta era dedicada às Musas e se propunha a um ensino informal com diálogos e lições trocadas entre mestres e discípulos. Platão pretendia reunir diversos campos do saber como filosofia, matemática, música, astronomia, legislação e colocar a arte e a letra no mesmo patamar. A escola possuía uma biblioteca, uma residência e um jardim. O jardim pertencia ao herói ateniense da guerra de tróia ACADEMUS. E assim, pasmem todos, devido ao jardim da escola, ou ao dono do jardim, nasce o termo ACADEMIA, o que nos dá uma pista que as Academias são locais de florescimento, de primavera, da beleza, da contemplação, enfim um jardim para o saber ou para a integração dos saberes como pretendia Platão.

Assim, eu gostaria de começar meus agradecimentos pelo presidente desta Academia, Professor Geraldo Pereira, por ter o privilégio de trabalhar ao seu lado há mais de uma década e por poder ter lições de humanidade, de compromisso social e de ética a cada dia. Preocupado com as questões sociais e com a violência que assola o país, é um incansável participante de conse-

lhos, grupos e trabalhos sobre o tema, além de possuir grande sabedoria para o convívio entre os diferentes.

Agradeço aos acadêmicos que recebem nessa casa uma médica que milita na seara da Promoção da Saúde, um campo não muito convencional, uma vez que se preocupa com a questão de saúde e do desenvolvimento, das políticas públicas, da avaliação em saúde, da educação em saúde, da gestão intersetorial e da participação social como fatores promotores de qualidade de vida. Muito me honra poder trazer esse tema para esta Casa e compartilhá-lo com ex-professores como o professor Bertoldo Kruse que me saudou e que é um modelo para mim, ex-professores como Adonis Carvalho, Fernando Cordeiro, Esther Azoubel e tantos outros que fazem com que eu perceba o quanto tenho que aprender com esta privilegiada convivência.

Tomou posse hoje da cadeira 24 desta Academia Pernambucana de Medicina, e preciso homenagear e agradecer os que me antecederam nessa mesma cadeira: Dr Francisco Montenegro e Dr Euclides de Oliveira Leite. Antes de homenagear os dois, é preciso apresentar Dr. Antonio Austragésilo, patrono dessa cadeira.

Antônio Austragésilo, se vivo fosse teria exatos 130 anos. Recifense do Espinheiro era filho de família católica fervorosa e um apaixonado pelas figuras de Joaquim Nabuco e de Tobias Barreto, para ele um titã. Diz-se que Antonio Austragésilo iniciou sua vida de maneira “eclesiástica e colonial”, passou pelo “naturalismo científico” e terminou por um “ceticismo agnóstico”.

Começou a escrever aos 15 anos e admirava Eça de Queiroz, Zola, Maupassant, Gonçalves Dias, Castro Alves, Coelho Neto, entre outros. Aos 16 anos partiu para o Rio de Janeiro para estudar Medicina e morou no Convento Santo Antonio. Começou a lecionar português, física, química, história natural em colégios oficiais e particulares para poder fazer algum dinheiro e poder estudar

e continuar a escrever. Sua tese de doutorado, em 1899 chamava-se “Estudo Clínico do Delírio” e foi um sucesso.

Considerado o criador da Neurologia brasileira e mais ainda da neuropsiquiatria, sua clínica privada era disputada por muitos e foi lá que a recém-formada Nise da Silveira chegou para especializar-se em neurologia, e passou a ter aulas sobre o assunto com Antônio Austragésilo. Porém, quando surgiu um concurso para psiquiatria no Centro psiquiátrico da Praia Vermelha, o professor inscreveu a aluna à revelia dela. Nise, que tivera pouco contato com o tema, passou a estudá-lo para se preparar para o concurso e empolgou-se com os tratados de psiquiatria.

O trabalho no centro foi seu primeiro contato com os doentes. Devido à falta de dinheiro, Nise se mudou para o hospital e passou a conviver com os pacientes, 24 horas por dia. Ali, percebeu que o contato dos doentes com o mundo exterior poderia ser desencadeado por elementos significativos para eles. O uso de alguns desses elementos para estimular o contato com o mundo seria a base dos métodos de tratamento alternativo que a psiquiatria desenvolveria no futuro.

Antonio Austragésilo escreveu, entre outras obras: “Manchas”, “Novas Manchas”, “Velho Tema”, “Estudo Clínico do Delírio”, “Clínica Neurológica 1 e 2”, “Pequenos Males, o Mal da Vida”, “Neurose Sexual (1923)”, “O Meu e o Teu, Forças Psicológicas”, “As Psiconeuroses”, “Ascensão Espiritual”, “Disciplina Espiritual”, “Pensar, Sentir e Atuar”, “Vidas desgraçadas”, “Afeto e Inteligência” e muitos outros.

Foi médico da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, do Hospital Nacional, professor catedrático de Clínica Neurológica da Universidade do Rio de Janeiro, fundador e presidente do Centro Pernambucano no Rio de Janeiro, Deputado Federal por Pernambuco de 1922 a 1930, professor do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, Presidente da Conferência Internacional de Neurologia em Paris, Representante da Universidade de Medicina no centenário da Universidade de Toronto, Professor

Emérito da Universidade do Brasil, Presidente da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, Presidente da Academia Nacional de Medicina, presidente da Academia Brasileira de Letras e tantos outros cargos. Recebeu as condecorações da Legião de Honra, de Oficial da Ordem de São Tiago da Torre e da Espanha, de Oficial da Ordem de Portugal e de Oficial da Coroa da Bélgica.

Em sua posse na Academia Brasileira de Letras disse:

“Procurei a Academia não como um refúgio de descansos ou como um baronato da inteligência. Considero-a, pois, um corpo vivo, em plena seiva em franca assimilação, cujo biótomo intelectual será capaz de energias poderosas”.

Esse é o resumo de um perfil memorável que, ainda hoje, ao se digitar seu nome nos bancos de busca da Internet, inúmeras são as referências que surgem: ora aparece ele em 1939 influenciando na fundação da Faculdade de Medicina em Fortaleza, ora como um dos primeiros seguidores de Freud no Brasil.

Assim, tendo Antonio Austragésilo como patrono, sentou pela primeira vez na cadeira 24 o médico Francisco Montenegro, também conhecido como São Francisco Montenegro, amigo do Professor Nilo Pereira e padrinho do presidente desta casa, Professor Geraldo Pereira. Dr Francisco Montenegro era fisiologista, professor de Medicina em duas Escolas e Acadêmico em duas Academias Pernambucanas: a de Medicina e a de Letras. Formou-se em medicina no Rio de Janeiro e foi discípulo de Antonio Austragésilo.

Diversos são os depoimentos que o meu antecessor Dr Euclides Leite, de quem falarei logo mais, apresentou em seu discurso de posse, justificando o carinhoso apelido de “santo” para o colega.

Euclides Leite cita trechos do discurso do Acadêmico José Wamberto que sucedeu Francisco Montenegro na cadeira 31 da Academia Pernambucana de Letras:

“Permite que recorde como qualidade destacada a bondade. No depoimento de seus amigos, o que mais sublinha é a

brandura, a benevolência, um estado natural de boa vontade para com seus semelhantes, para com todos sem exceção e não apenas para os amigos”.

E ainda diz:

“A sua obra literária e cultural reflete diretamente essas preocupações ao voltar-se para a busca de valores (...) Francisco Montenegro circulou nos seus brevíssimos 64 anos de vida, de forma tão superior, sem atropelar ninguém, guiado pela tolerância e pela caridade na palavra unânime dos que com ele conviveram no dia a dia”.

O próprio Francisco Montenegro declarou:

“Os vagares acadêmicos podem mostrar que só existem um meio de escapar à melancolia do tempo: é nos refugiarmos no eterno para termos consciência da grandeza de Deus”.

Euclides Leite o descreveu como “um santo homem: aplicado como estudante; vibrante como desportista, caridoso como médico, diligente como professor, leal como colega, amigo fraterno como cidadão, compreensivo como esposo e pai. Em tudo transpirando elevada generosidade”.

Sobre Euclides de Oliveira Leite:

Nascido no Rio de Janeiro, filho de portugueses, a princípio pretendia ser engenheiro construtor, mas os pedidos insistentes da mãe, o levaram a buscar a medicina. Na verdade, a se entregar à medicina, pois sua marca era a total identidade com a profissão que abraçou.

Foi médico contratado da Colônia de Pescadores de Ponta de Pedras, local onde desfrutei tantos bons momentos de minha infância. Foi também médico do Serviço de Doenças Venéreas da Secretaria de Saúde do Estado, do Departamento de Saúde Pública, auxiliar técnico da 1ª Cadeira de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Recife, 2º Tenente Médico da reserva da primeira linha. Médico do antigo IAPI, do SESI, Supervisor dos Serviços Médicos e Sociais para o Nordeste da Inspeção de

Caça e Pesca. Médico voluntário da Seção de Mendicância da Secretaria de Segurança Pública do Estado, médico da LBA, da Federação Pernambucana de Futebol. Especialista em Cancerologia, foi médico do Hospital do Câncer de Pernambuco, onde se dedicou aos doentes terminais até o fim de sua própria vida, aos 90 anos de idade.

Pertenceu a inúmeras Sociedades Médicas nacionais e estrangeiras, diversas associações educativas, filantrópicas e desportivas, irmandades e confrarias, demonstrando elevado espírito associativo e promotor de “capital social” através de sua disposição em trocar, participar, construir novos saberes e experiências. Recebeu diversas honrarias como a Medalha do Mérito do Lions Clube do Recife e a Medalha do Mérito – Classe Prata outorgada pelo Governo do Estado de Pernambuco em 1967.

Euclides Leite demonstrava desejo de ser membro desta Casa, desde a sua fundação, tal era o seu amor e dedicação à medicina e assim foi por 29 anos.

Homem de bravura, determinação e fé imbatíveis, sofreu um infarto aos 40 anos de idade e submeteu-se a 5 pontes safena aos 78 anos, indo para São Paulo operar-se sem alardes para que a família não se preocupasse. Foi sábio, venceu a cirurgia e ganhou mais 12 anos de vida.

Casado por duas vezes, com Maria Carmem e Célia, teve três filhos do primeiro casamento e ganhou uma filha de coração com o segundo.

De sua filha Ana do Carmelo, também médica, ouvi: “Papai era um abnegado total, um exemplo, meu orgulho. Só tenho dele grandes mensagens e exemplos”.

De uma testemunha, que compareceu ao enterro de seu filho Geraldo Leite: “Impressionou-me a força, a dignidade e a presença marcante num momento que muitos sucumbiriam, ainda mais com idade tão avançada que não aparecia”.

Ana do Carmelo lamentou não poder estar aqui hoje, mas fez-se representar. Desejou-me sucesso e fez-me tomar consciência da

grande responsabilidade de sentar nessa cadeira, ao me relatar trechos da vida de seu pai que morreu por falência dos órgãos após ter trabalhado até fim.

Muito ressaltou sobre o papel de sua esposa e companheira das últimas décadas, d. Célia Sette de Oliveira Leite, aquela que o amparava nas visitas constantes que fazia ao Hospital do Câncer e que estava presente em todos os momentos de sua vida, seu braço direito, parcela de sua fortaleza.

Os filhos Geraldo e Manoel já se foram, mas restam todos os netos, noras, genros, filhas e sobrinhos que continuarão a preservar a memória e imagem desse grande médico, sanitarista, cancerologista, membro atuante de associações, sociedades, desta Casa, e presente aonde havia dor e necessidade de amparo.

Tendo agradecido e homenageado ao Presidente, aos Acadêmicos e a meus antecessores, gostaria de agradecer à minha família: meus filhos e enteados, marido, irmãos, cunhadas, sobrinhos, tios e tias, primos, amigos queridos. Queria registrar que esta honra estaria completa se meu pai Roberto Pinto Franco de Sá, minha mãe Cleonice Pereira Franco de Sá e meu irmão Edgard, estivessem aqui ao meu lado, não somente no coração, onde estão e estarão para sempre.

Finalizando, registro que a responsabilidade que antevejo em tomar posse nessa cadeira é muito grande: um patrono que de fato foi um catalisador do desenvolvimento da medicina nacional, alguém que ousou, que inovou e que criou. Um primeiro ocupante considerado “santo” e exemplo de bondade e generosidade e por último, Dr Euclides Leite, um abnegado, determinado e corajoso, um vencedor.

Como seguir essa trilha? Como honrar essa cadeira e esses homens? Pensando nesse desafio, lembrei-me do mito de Quíron, mito que me é muito caro. Quíron tem tudo a ver com essa noite e com essa Casa, uma vez que era um imortal e que foi o centauro professor de Asclépio ou Esculápio, Deus da Medicina. Quíron foi uma das figuras mais nobres e inteligentes da mitologia. Em

sua origem, Quíron era um deus da medicina na mitologia tessaliana, mas se tornou um centauro imortal na mitologia grega, que tinha maior aceitação. Apesar de os centauros geralmente serem selvagens e indomáveis, Quíron era exceção. Destacou-se por sua inteligência e seu conhecimento de medicina foi legendário. Quíron ensinava numa gruta sobre curas com plantas e através dos astros. Além de ensinar, curava as pessoas e pesquisava novas plantas e as estrelas. Assim, era a um só tempo um curador, um professor e um pesquisador, a inter-relação entre esses mundos estava garantida e unificada. Isso era visto no seu corpo, na sua metade animal, ligada ao mundo concreto, à vida prática, na sua metade homem, preocupada com o ensino, com a cognição e através da seta mirando o céu, significando a busca por novos saberes e conhecimentos.

Quíron, apesar de imortal, foi ferido por uma flecha impregnada de veneno, durante uma festa, onde irmãos centauros, após muita bebida, brigaram de forma selvagem. Quíron não morreu, mas ficou ferido. O veneno era tão forte que lhe abriu uma ferida incurável e de insuportável dor. Nem mesmo sua sabedoria foi capaz de curá-lo, ficou conhecido como o Curador Ferido. Em uma atitude nobre, pede a Zeus que lhe tire a imortalidade e a transfira a Prometeu (que estava sendo castigado por ter roubado o fogo dos deuses) para que possa morrer e acabar de vez com a dor de sua ferida. Apesar de liberado da imortalidade, Zeus não permitiu que ele de fato morresse e o catasterizou (transformou em constelação) na constelação de Sagitário.

Assim, eu espero não esquecer que, apesar de cuidadora, de médica empossada nessa Casa, existem feridas a serem encaradas: sociais, culturais e principalmente de valores. Existem também as feridas que os próprios curadores precisam tratar individual e coletivamente para preservar a tradição de imortalidade e a conexão entre o ato de curar, o ensino e a pesquisa.

Saudação a Ronice Franco de Sá

Acadêmico

Bertoldo Kruse Grande de Arruda

Recife, 10 de julho de 2006,

Presenciamos, neste mundo em que vivemos, a alvorada de uma civilização de alcance efetivamente global, em que não faltam progressos técnico-científicos e materiais. Assim, somos os espectadores e partícipes de uma sociedade demarcada pelo fluxo das contemporaneidades, que tenta superar os antagonismos entre humanismo e civilização tecnológica; uma sociedade voltada para um repertório de realidades, exemplificado pelas violências, as incompreensões e a submissão do indivíduo ao apelo sedutor da tecnologia. Este é o contexto que modula a época do ingresso de Ronice Maria Pereira Franco de Sá na Academia Pernambucana de Medicina, a Casa de Fernando Figueira, onde não apenas procuramos tornar verdade o rito do convívio humano; onde não nos limitamos às incursões pelo discurso da memória, também buscamos escutar os clamores de dois mundos – o das pesquisas e o das ruas; onde nos comprometemos a demonstrar que a vida humana vai mais além do cotidiano, é um projeto em constante desenvolvimento, pois a vida se tece de fios sem conta.

Portanto, esta Academia é uma instituição viva, atenta às transformações sociais e culturais desses novos tempos, que requerem a revivescência do humanismo, a focalização do homem em sua integralidade. Sob o impulso destas reflexões, cumprimos o ritual acadêmico de dar boas vindas à professora Ronice Franco de Sá, uma das intérpretes da ciência humanizada e da afirmação feminina no cultivo de uma temática ideologicamente humana, solidária, cuja vocação docente revela a cultura de um aprendizado social que se preocupa com a desproporção de realidades sociais e evoca o coro das vozes incompreendidas. Esta alusão à presença feminina no cenário médico-sanitário suscita recuarmos aos idos de 1880, quando uma jovem brasileira, Maria Augusta Generosa Estrela, que em vão tentara ser admitida numa escola de medicina do Rio de Janeiro, termina seu curso médico em Filadélfia, nos Estados Unidos. Pioneiramente, com seu gesto, derrubou a muralha que impedia o acesso de mulheres às nossas escolas superiores. Aliás, diga-se de passagem, consta do estudo dos Ministérios da Educação e da Saúde sobre “A trajetória dos cursos de graduação na saúde”, recentemente divulga-

do, ao analisar as tendências na medicina, que “a primeira tendência aponta para a forte presença da mulher no curso médico nos últimos anos – a feminização da medicina”.

Hoje, nesta noite de consagração acadêmica, Ronice Franco de Sá exemplifica uma trajetória de vida que guarda coerência com a percepção do sociólogo Alain Touraine, ao afirmar no seu recente livro, “Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje” (Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006), que “são precisamente as mulheres que conduzem e sustentam as transformações culturais atuais”. Assim, a sua inclinação pela saúde pública, revelada num extenso e rico currículo, é prova da sua curiosidade intelectual e disposição de trilhar caminhos novos, identificáveis na multiplicidade da sua produção técnico-científica, na sua capacidade imaginativa, nos recursos da sua argumentação e nas projeções futuroológicas, numa seqüência em que aparece a realidade brasileira. Este fato nos induz, senhoras e senhores, a um breve incursionar pelo currículo da nova acadêmica, a fim de ressaltar lances referenciais, esquematicamente aludindo três fases: a fase da formação, a fase da compreensão do social e a fase do humanismo.

Na fase de formação, destacamos a conclusão do curso médico, em 1983, seguindo-se em momentos distintos de sua vida acadêmica alguns saltos significativos. No ano de 1993, a especialização em Saúde Pública, na Ensp/Fiocruz, e defesa pública da monografia “Planejamento Estratégico de Financiamento da Saúde”; em 1999, na Universidade de Montreal, Canadá, concluiu o Mestrado em Administração de Saúde, com a dissertação sobre “A cooperação internacional em saúde como catalisadora de inovações na Universidade Federal de Pernambuco”, situando a cooperação japonesa com a UFPE, que culminou na criação do Núcleo de Saúde Pública, Nusp; em 2005, constata-se o momento da conclusão do seu doutorado em Educação, na Universidade de Sherbrooke, Canadá, objetivando a sua tese “compreender como foi construída a identidade profissional de jovens médicos generalistas,

formados pela UFPE, e quais os fatores que os fizeram optar por uma carreira menos prestigiada pelos seus colegas”.

Percebemos uma segunda fase com o seu interesse na visão progressiva da trepidação social e da crise contemporânea, voltando-se para identificar os reflexos na qualidade de vida das populações marginalizadas, e apontando os caminhos para solução. São dezenas de contribuições apresentadas em congressos, encontros e seminários, bem como trabalhos publicados em periódicos nacionais e estrangeiros, e livros que condensam o seu entendimento da promoção da saúde em termos mais amplos, como meio para transformar a realidade sócio-sanitária. Vemos essa preocupação quando aborda, por exemplo, o financiamento da saúde, em busca da produção do conhecimento enquanto instrumento de democracia; quando analisa o perfil socioeconômico e gerencial das cooperativas de Pernambuco, inclusive a participação feminina nessas cooperativas, indicando a necessidade de políticas inclusivas; quando revisita a temática do capital social – os conceitos, o olhar dos gestores municipais acerca da construção e o fortalecimento desse capital, e explora as relações sociais existentes entre as instituições formais e informais que operam na comunidade.

Nesta segunda fase, divisamos um lançar de luzes para a desconstrução de mitos e superar vieses de percurso, a fim de equilibrar o nível técnico com as questões sociais e comportamentais num cenário típico de atenção primária. Daí as suas perquirições relativas à promoção da saúde, magnificamente focalizadas em dois trabalhos – o primeiro, como postulante à vaga de membro titular desta Academia, intitulado “Um sobrevôo histórico, conceitual, axiológico e sobre as estratégias do campo da Promoção da Saúde”, e o segundo, o capítulo do livro “Promoção da Saúde na América Latina”, ainda no prelo, sob o título “Legitimando a Promoção da Saúde: a efetividade das práticas”, no qual aponta novas estratégias que poderão orientar a condução de ações integradas voltadas para a promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida.

A terceira fase que visualizamos é a do cultivo do humanismo, cujo ponto alto é a vontade de escutar as necessidades das periferias, das comunidades, por certo convicta de que é uma ilusão pensar-se que as pequenas cidades são paraísos terrestres. Daí a pertinência do projeto “Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil”, que preconiza, no seu ponto de vista, “a construção de mecanismos capazes de estimular a virada do protagonismo nas ações”, que passam a ter os atores internos, isto é, os munícipes, no desempenho dos papéis principais, refletindo novos rumos nessa convivência com os atores externos. Sem dúvida, um reflexionar relevante, em face das expectativas desalentadoras do fenômeno que os especialistas denominam “urbanização perversa”, caracterizado pela favelização generalizada e a proliferação do trabalho informal. Para a reversão desse quadro, as suas conclusões remetem no sentido da “construção de uma agenda eticamente comprometida com a transformação social”, incorporando “valores fundados na solidariedade, na cooperação, na tolerância, na confiança mútua e na justiça social”.

Isto, a nosso ver, é humanização, é criar condições para melhoria da qualidade de vida e reduzir a migração para as áreas urbanas metropolitanas, que resulta em aumento da favelização. Seria, então, converter todos esses atores – internos e externos – em protagonistas do aqui e do agora, numa sintonia de propósitos que levam à descoberta de novos horizontes para as populações desses municípios e seus entornos, tornando-os espaços para “alcançar a vida que vale a pena ser vivida”. Estas suas análises irão repercutir, por certo, nos domínios dos aspectos formativos no campo da saúde, com vistas a ser ministrado um ensino realmente operacional e efetivo, que contemple níveis crescentes de complexidade dos serviços de saúde, que valorize mais o pensamento, o aprender a aprender e conduza, conforme sugerem os pedagogos, a uma educação permanente que permita crescer continuamente.

Inegavelmente, a sua vida é uma escalada de sucessos. Ao aliar as virtudes de uma pertinaz e apaixonada aprendizagem intelectual ao exercício eficiente das atividades profissionais, evidencia-se uma característica importante: a vontade irreprimível de transferir o

conhecimento aos mais novos. Então, descortina-se sua lição intelectual e pedagógica vivenciada na realidade, num andar na distância e no tempo que possibilitou sonhar e realizar, e oferecer um contributo para ajudar a construir o “novo paradigma” concebido pelo sociólogo Alain Touraine, isto é: “sermos capazes de nomear os novos atores e os novos conflitos, as representações do eu e das coletividades que são descobertas por um novo olhar, que põe diante de nossos olhos uma nova paisagem”.

Prezada Ronice Franco de Sá: Esta Casa a recebe como recomenda a tradição e festejamos o seu ingresso nesta nova família, reafirmando que a Academia não nos obriga a conviver apenas com a memória. Por isso o acadêmico Eduardo Portella, da Academia Brasileira de Letras, referiu-se à Academia como “um lugar superior da convivência”. Partilhamos esse entendimento e nos cabe envidar esforços para atingir um convívio enriquecedor, uma convivência que habilite a todos a enfrentar o desafio humano, que é combinar harmoniosamente o trabalho, o saber e o viver. Todavia, conscientes de que o discurso do presente não pode ignorar o passado, convém repetir, porém reconhecendo a tentação, na Academia, de cerzir retalhos da história. Na cadeira que irá ocupar, como em todas as outras, a memória nos devolve a um passado que não devemos esquecer, porque, já foi dito, o novo não se faz somente com o novo mas também com o velho. É como se tece o futuro.

Discurso de posse na Academia

Acadêmico
Gentil Porto

Recife 24 de Maio de 2007

Em recente solenidade quando recebeu o título de Professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco, o Professor José Rodrigues contou a seguinte história: nos tempos do Império Romano, na arena do Coliseu, um grupo de cristãos estava prestes a ser sacrificado. Um leão foi solto e se aproximou do grupo; um dos cristãos, mais afoito, aproximou-se e disse-lhe algo ao ouvido. A fera estacou e pouco depois caminhou de volta à jaula. Estupefatos, os companheiros perguntaram o que tinha sido dito ao leão. Filosoficamente o nosso herói respondeu: “eu disse que depois do almoço haveria o discurso.”

Por isso mesmo sinto-me devidamente alertado para não fazer destas palavras motivo de enfado para uns e cochilos para outros.

O ser humano ao se organizar em sociedade criou uma série de rituais e alguns deles são intangíveis. Existem os rituais administrativos, os políticos e os esportivos. Existem os rituais da vida e da morte. Existem os rituais acadêmicos e por isso estou aqui hoje orgulhoso, alegre e agradecido. Cabe-me portanto desempenhar o meu papel da melhor maneira possível ao preferir estas palavras. E as primeiras são para o Professor Fernando Figueira, fundador desta Academia que hoje tem muito justamente o seu nome. Médico, Professor, idealizador do IMIP, da Fusam, do Hemope, do Cisam; “O Homem que Arrastou Rochedos”, nas palavras do escritor Cícero Belmar. Uma frase de Fernando Figueira sintetiza a sua dimensão de grandeza, o seu compromisso com o social: “um poeta poderia descobrir, talvez, o mistério que dizem os olhos de uma mãe desprovida dos mínimos recursos para salvar o filho doente. Eu, neles vejo apenas um grito de acusação.”

Não poderia deixar nesta hora de fazer uma referência ao patrono desta cadeira, o Professor Manoel Augusto Pirajá da Silva, cientista brasileiro nascido na Bahia que nos idos de 1908, contrariando a ciência oficial da época, foi reconhecido pelas Universidades de Paris e Hamburgo como o incontestável desco-

bridor do *Schistosoma mansoni*. Com base nos seus estudos foram tomadas as primeiras providências para debelar uma doença que passou a ser chamada de Doença de Manson-Pirajá da Silva que infestava milhares de pessoas nos países tropicais.

Senhoras e senhores, tenho assistido noutras solenidades, a cansativas exposições onde os homenageados têm sua vida pessoal, familiar e profissional dissecadas em tal profundidade que seria objeto de livro biográfico e não de um simples discurso que deve ter começo, meio e sobretudo fim.

Estranhos desígnios da vida que determinam o meu encontro com Orlando da Cunha Parahym nesta noite de maio. Seu aluno da então Faculdade de Medicina da Universidade do Recife, tangido pelos anos de chumbo de 1964 cheguei a Floresta no sertão pernambucano para exercer o meu ofício. Orlando Parahym muito antes desbravou os sertões, tendo como ponto de apoio a cidade de Salgueiro. Ambos tínhamos namoradas recifenses e nos apaixonamos por moças sertanejas e lá casamos. Tivemos quatro filhos e exatamente três mulheres e um homem. Todos nascidos no sertão. Nos tempos de jovens ambos estudamos piano. Entre tantas coincidências, coroando tudo, saímos do interior para depois exercermos o cargo de Secretário de Saúde do nosso estado.

Descobri que era uma tarefa gratificante e assustadora pela sua grandeza, falar sobre a figura de Orlando Parahym. Decididamente ele não cabe nestas páginas.

Filho de Manoel da Cunha Parahym, engenheiro, e de Maria de la Encarnacion Parahym, argentina de nascimento. Nasceu no Recife em 1911, fez seus estudos secundários no Ginásio Pernambucano, formando-se em 1935 pela Faculdade de Medicina do Recife. Foi residir em Salgueiro, onde conheceu dona Odete Soares com quem casou. Dessa união feliz que durou mais de sessenta anos nasceram quatro filhos: Fátima, Maria da Encarnação, Carmem Sílvia e Paulo Orlando, este último médico como o pai. Ao chegar a Salgueiro, iniciou as suas pesquisas sobre a nutrição do nordestino, particularmente do sertanejo, o

que chamou a atenção de Josué de Castro então desenvolvendo trabalhos que o levariam ao reconhecimento mundial.

Orador privilegiado, Orlando Parahym terminou por despertar o interesse de Agamenon Magalhães que o convidou para ser o seu Secretário de Saúde. Orlando não parou por aí. Estudando e trabalhando, transformou-se em professor universitário, das duas faculdades de medicina então existentes no estado. Elegeu-se deputado. Combativo na defesa de suas idéias, não perdia a elegância no trato com os que delas discordavam. Era elegante no traje e no tratar. Os sertanejos o definiam como um “homem fino”.

O escritor Raimundo Carrero diz: “Cordial no trato, na atenção com os amigos e até com os inimigos é radical na maneira como defendia suas idéias”. Um democrata radical em busca daquilo que denominava “democracia humanista e cristã”. Alertava para o “perigo vermelho” de então sem esquecer de clamar contra a miséria do povo, o aumento do custo de vida e todas as mazelas sociais que afligiam e continuam afligindo a nossa gente. Muito mais eu poderia falar sobre Orlando Parahym, o médico, o nutrólogo, o professor, o literato, o acadêmico, o pianista, o cinéfilo, o político, o amigo, o secretário de estado, o pai extremo, e o marido exemplar. Orlando da Cunha Parahym faleceu no dia 17 de junho de 1999.

Antes de concluir, algumas referências que marcaram a minha vida:

Meu pai Waldemar que nas palavras do poeta inglês Wiliam Auden, “era meu norte, sul, leste, e oeste enquanto viveu.” Minha mãe Aracy hoje envolta nas brumas de Alzheimer. Maria Arminda meu amor. Inge, Gentilzinho, Ilse e Ilka; minha nora Andréa também filha, Helena e Gisela minhas netas que aumentaram a minha alegria de viver. Meus irmãos Viviane, Glauco, Gilberto e Waldemar, sem esquecer o irmão por opção mútua Edmundo Machado Ferraz, por tudo que representou e representa na minha vida. Aos meus, felizmente, numerosos amigos.

Peço agora socorro a Orlando Parahym transcrevendo um trecho de uma crônica sua escrita em 1986, com o título A Faculdade do Derby: “Aquela casa neocolonial, alegre e inundada de luz, sempre comove aos que ali estudamos e nos tornamos médicos, como se possuísse a espiritual sacralidade de um Templo. Em março, o rio que deslizava suavemente ao lado esquerdo da Faculdade, engrossava as águas. Tornava-se barrento, coalhando-se de “baronesas”. Isso para nós alunos marcava o início do período das aulas. Em novembro nas alegrias da vegetação floria a enorme castanheira, nossa amiga, prevenindo-nos de que chegava a época dos exames finais”.

Senhores acadêmicos, prezados colegas e amigos chego a esta casa calçando as sandálias empoeiradas pelo tempo e que apesar das canseiras, ainda servem para caminhar. Tenho a absoluta convicção de não portar o brilho científico de tantos que aqui se encontram mas que generosamente e por unanimidade me outorgaram este galardão. Procurarei honrá-lo de todas as maneiras. E então sentar-me-ei num dos bancos da praça aqui em frente e à direita olharei “a minha” Casa do Estudante onde morei, a Maternidade do Derby onde por dois anos fui acadêmico interno; à esquerda ficarei aguardando as “baronesas” de março e quando a castanheira florescer prestarei os exames finais da minha vida.

Saudação a Gentil Porto

Acadêmico

Edmundo Machado Ferraz

Recife, 24 de maio de 2007

Prof. Geraldo Pereira
Presidente da Academia Pernambucana de Medicina
Demais autoridades presentes

Prezados Acadêmicos
Colegas da turma de medicina de 1963
Senhoras e Senhores

A Academia Pernambucana de Medicina, Casa de Fernando Figueira, recebe nesta noite de festa, o novo Acadêmico Dr. Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto.

A Academia é uma Sociedade Médica da maior importância. Sodalício que reúne médicos que se destacaram no seu campo de conhecimento e se agregam nesta casa sob a inspiração do nosso Patrono Fernando Figueira com o objetivo de continuar a estudar, discutir, ponderar, propor e continuar “pelejando” como tanto recomendava Luiz de Camões.

A Academia Pernambucana de Medicina é também a casa da resistência contra os desvios profissionais, a violência exacerbada que vivemos, a falta de ética, o desrespeito à dignidade humana, a usurpação do conhecimento para a produção do lucro, a falta de compromisso e os desvios de conduta desta missão impar que é o exercício da medicina.

Mas a casa de Fernando Figueira é também a casa da amizade desinteressada, da discussão do conhecimento e de propostas e sobretudo do testemunho de experiências bem sucedidas que embasem novas discussões de velhos fenômenos, que parecem nunca ter uma resposta definitiva e por isso necessitam de uma discussão permanente devido a mudança dos atores, dos estilos e de premissas consideradas inabaláveis.

Enquanto Albert Schweitzer dizia que o exemplo não é a melhor maneira de ensinar: é a única, Shakespeare afirmava em Hamlet que a reflexão faz de todos nós covardes.

Mas que seria de nós sem essa discussão ininterrupta, renovada, permanente em torno de uma ciência de verdades transitórias, como é a Medicina.

A admissão na Academia, meu caro Gentil é um também sinal inequívoco, e as vezes precoce de envelhecimento.

Mário Quintana referindo-se ao envelhecimento dizia que “antes, todos os caminhos iam; agora, todos os caminhos vêm”.

Seria muito bom, como recomendava Mark Twain, que nascessemos com 80 anos e gradativamente nos aproximássemos dos 18 anos.

Se assim fosse poderíamos ter uma Academia de recém-nascidos, o que talvez não fosse desejável.

Mas certamente, meu caro Gentil e demais Acadêmicos aqui presentes não vamos desanimar com essas perspectivas, pois estamos ainda muito longe da melhor definição que conheço sobre o envelhecimento de um autor anônimo, merecedor de um Nobel de frases feitas, que sentenciou de forma categórica e definitiva: “envelhecemos quando o trabalho deixa de ser prazer e o prazer passa a dar um enorme trabalho”

Estamos todos certamente muito distantes desse veredicto.

Mas, a minha principal função nesta saudação de boas vindas é falar sobre a nossa nova aquisição, o Dr. Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto, nome extenso com sinais de nobreza pois se trata de um Duque oriundo do Brejo da Madre de Deus, distrito do País de Caruaru, atualmente sede de nosso Governo Estadual e que comemora 150 anos.

Tive o privilégio, por designação do nosso Presidente, Prof. Geraldo Pereira, de emitir o Parecer sobre a proposta de ingresso do candidato na Academia Pernambucana de Medicina.

Para os que não conhecem nossa rotina, esclareço: esta admissão se processa por proposta do candidato que apresenta seu Curriculum Vitae e uma Monografia que são examinados por uma Comissão que aprova ou não a pretensão, sendo então em caso afirmativo o candidato submetido sufrágio de aprovação ou não por voto individual e secreto dos Membros da Academia.

O Dr. Gentil Porto apresentou uma Monografia sobre o “Perfil Assistencial no maior Hospital de Urgência e Emergência do Estado de Pernambuco: uma contribuição para compreender o desafio da Regionalização”.

Esta Monografia é um documento valioso sobre a assistência pública de saúde em nosso estado. Inicia com um breve histórico de implantação da Reforma Sanitária e a criação do SUS com as leis e etapas que surgiram no caminho de sua implantação até a sua consolidação. Em seguida analisa a descentralização assistencial do SUS em Pernambuco e seus desafios atuais. Neste contexto o autor analisa o perfil de atendimento do Hospital da Restauração, maior Hospital de Urgência e Emergência do Estado. Analisa o tipo de encaminhamento das Emergências e 145 tipos diferentes de emergências catalogadas inclusive de acordo com a procedência, constituindo-se portanto em uma importante fonte de referência para se conhecer o perfil de atendimento da Emergência em nosso Estado com o objetivo de traçar os seus desafios presentes e futuros.

A Monografia representa um trabalho de equipe da Secretaria de Saúde do Estado de Pernambuco, liderada pelo então titular, o Dr. Gentil Porto, apresentada em documento atualizado de 2006, como requisito para obtenção do Título de Acadêmico da Academia Pernambucana de Medicina.

Em seu Curriculum Vitae, verifica-se que o Dr. Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto nasceu em Brejo da Madre de Deus em 20 de julho de 1940, graduou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da UFPE em 08-12-1963. Durante o Curso Médico foi eleito Presidente da União Nacional dos Estudantes de Medicina, cargo que exerceu por 01 ano. Trabalhou como estudante na Maternidade do Derby. Após a formatura escolheu a especialidade de Ginecologia e Obstetrícia e Clínica Médica e dirigiu-se para praticar a Medicina no interior do Estado de Pernambuco.

Foi médico e diretor do Hospital Álvaro Ferraz em Floresta, lá permanecendo de 1964 a 1975, casando com sua atual esposa, Maria Arminda Leal Porto com quem constituiu família. Em 1975, o Dr. Gentil transferiu-se para Petrolina, onde permaneceu até 1991, exercendo a medicina e ocupando diversos cargos de importância, em sua nova cidade, tais como:

1975-77 – Chefe do Corpo Clínico do Hospital Dom Malan

1977-91 – Diretor do Hospital Dom Malan

1987-91 – Diretor Regional da VIII Gerencia Regional de Saúde (GERES).

Tendo ainda Presidido a Regional de Petrolina da Sociedade de Medicina de Pernambuco e sido Conselheiro do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco e Delegado efetivo da Associação Médica de Pernambuco.

Durante o período que exerceu a medicina no sertão de Pernambuco, o Dr. Gentil Porto gozou de grande prestígio como médico e administrador, o que pode ser comprovado pelos Títulos de Cidadão Honorário que recebeu em Sessão Solene, de 4 cidades do Sertão, Floresta, Petrolina, Arcoverde e Belém do São Francisco, além de outras importantes distinções, tais como, Diploma São Lucas da Sociedade de Medicina Regional de Petrolina e a Medalha do Mérito Nilo Coelho, ainda na cidade de Petrolina.

O Dr. Gentil Porto foi ainda Professor de Biologia com licenciatura fornecida pelo Ministério da Educação e Professor da Escola de Enfermagem, disciplina de Obstetrícia, no Campus Avançado da UPE, em Petrolina.

Retornando ao Recife ainda na década de 90, ocupou importantes cargos e recebeu várias distinções em esse novo período de sua vida, dentre os quais destacamos:

– Diretor Médico da ADMED (Planos de Saúde)

– Gerente Médico da Empresa Blue-Life (Planos de Saúde), de São Paulo.

– Diretor de Planejamento em Saúde da Secretaria Estadual da Saúde de Pernambuco.

– Gerente Administrativo do Real Hospital do Coração do Real Hospital Português de Beneficência em Pernambuco.

– Secretário Executivo de Assistência à Saúde da Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco.

Percorreu vários degraus da Estrutura da Secretaria Estadual da Saúde, culminando em atingir o cargo de Secretário de Estado durante os anos de 2005 e 2006.

Ainda em 2004, o Dr. Gentil Porto recebeu em Recife, a Medalha do Mérito São Lucas, da Sociedade Medicina de Pernambuco.

Apesar de ter vivido muitos anos exercendo a medicina, no interior do Estado, o Dr. Gentil Porto sempre perseguiu a vida associativa, participando ativamente de suas atividades.

É membro das seguintes Associações:

- Academia Recifense de Letras – cadeira nº 25
- Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – SOBRAMES
- União Brasileira de Escritores – UBE
- Sociedade de Medicina, Regional de Petrolina (Ex-Presidente)
- Conselho Regional de Medicina de Pernambuco (Ex-Conselheiro)
- Associação Médica de Pernambuco – Delegado/SMP – Efetivo

Ainda o Dr. Gentil Porto tem 5 livros publicados, assim discriminados:

1994 –Diário de Bordo

Crônica – Editada pelo autor

1996 –Cartas, Crônicas e outras coisas

Antologia – Edições Bagaço

1997 –Antonio Gasolina

Romance / Edições Edificantes

2001 –Vento Norte

Romance / Edições Edificantes

2005 –Porto Gentil

Antologia – Edições Bagaço

Parecer – Por uma vida exemplar de dedicação a medicina, recebendo todas as honras por sua atividade de médico, administrador e escritor, por sua forte participação associativa, o Dr. Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto apresenta todas as credenciais para pretender pertencer à Academia Pernambucana de Medicina, como Acadêmico, Cadeira nº 7, anteriormente ocupada pelo Prof. Orlando da Cunha Parahym, cujo Patrono é o Prof. Pirajá da Silva.

Concluídas essas etapas, o Dr. Gentil Porto recebeu uma consagrada votação por unanimidade dos Membros votantes dessa Academia, tomando posse assim na noite de hoje, neste Fórum que tem uma grande expectativa da contribuição que certamente receberá deste novo e importante companheiro.

Essa, Prof. Geraldo Pereira tem sido a trajetória brilhante do Médico do Interior, fugido do golpe militar de 1964, que se dirigiu para Floresta no Sertão Pernambucano após uma difícil negociação com as forças de Segurança do Estado que, contudo, desejavam se ver livre da presença do jovem agitador que tinha afinidade musical pela Internacional perigosamente dedilhada em seu piano. Floresta passou a ser mais um forte traço de união com a família Ferraz e lá, formou e consolidou não apenas a sua família, mas ainda sua formação profissional e de cidadão.

Impulsionado pelos ventos da vida transfere-se para Petrolina e retornou a Capital, 30 anos após a sua saída assumindo a Secretaria de Saúde do Estado de Pernambuco, acumulando com o seu desempenho uma extraordinária experiência de vida, vindo agora pertencer a nossa Academia, tornando-se o “Mestre do seu destino e Capitão de sua alma”, como referido por William Henley, citado por Gentil em seu último livro publicado.

Contudo, Sr. Presidente esse discurso está se tornando muito longo e portanto correndo o risco de ser considerado intolerável, por não ser breve.

Tenho contudo um atenuante, o tamanho do nome do Dr. Gentil Alfredo Magalhães Duque Porto, catilinária que quando pronunciada na íntegra esgota o tempo do meu discurso e a paciência dos ouvintes. Bem que Waldemar e Aracy Porto poderiam ter resumido tamanho despautério.

Mas, Sr. Presidente, não queria concluir sem falar sobre um outro fato, a nossa amizade que em janeiro do próximo ano completa 50 anos.

Quase a nossa idade...

Em seu livro, “Cartas, crônicas e outras coisas”, publicado em 1996, Gentil publicou um conto na página 105 chamado “Sonho de Carrapichel”. Carrapichel é uma vila do Município do Senhor do Bonfim, no Estado da Bahia.

Este conto nostálgico de apenas uma página é belíssimo e cria a pequena cidade imaginária perdida nas brumas do tempo, que todos nós gostaríamos de morar.

Naquela pequena cidade que se encontra em cada um de nós na medida em que nos dispusermos a procurá-la, como Passárgada, onde todos somos amigos do Rei, brindei a nossa amizade de tanto tempo que transformou em irmãos os nossos filhos, como se fossem personagens de Cervantes ou de Gabriel Garcia Marques.

“Amigos não se faz, se reconhece” como dizia Vinicius de Moraes.

E nos reconhecemos.

E assinalei, irmãos por opção mútua e não por determinação genética, foi lá em Carrapichel naquela Vila de devaneios que “o encontrei com a armadura de couro e lança apontada para o infinito com as mesmas características de sempre, a lealdade, a fidelidade, a sabedoria, a aversão à mediocridade, a coerência coexistindo com a capacidade de mudar, o homem íntegro que não se tornou sócio da riqueza de seus pacientes com o exercício de nossa profissão”.

Você mudou, Gentil, nós mudamos, mas mudamos para melhor e, como diria Manuel Bandeira, incorporando pedaços do nosso próprio ser.

E continuamos amigos, sem contrapartida, sem a isenção, a distância ou a falta de compromisso ou o não envolvimento que caracterizam a falta de solidariedade dos dias de hoje, das amizades de fachada ou de conveniência, típicas da Sociedade do Espetáculo que Guy Tabord tão bem descreveu.

Receba, portanto, meu caro Gentil, com Maria Arminda, esta santa consagrada de uma paciência tibetana que o agüenta há tanto tempo que certamente irá ascender, sem escalas, direto aos Reinos dos céus, pelos direitos adquiridos das penitências cumpridas nessa terra, sua mãe Aracy, Gentilzinho, Andréia, Helena e Gisela suas netas, Inge, Ilse, Ilca, suas filhas e Viviane, Glauco, Gilberto e Waldemarzinho, seus irmãos, as boas vindas desta sua nova casa, a Academia Pernambucana de Medicina.

Muito obrigado pela atenção.

Discurso de posse na Academia

Acadêmico

Sílvio Romero de Barros Marques

Excelentíssimo Prof. Geraldo José Marques Pereira
Presidente da Academia Pernambucana de Medicina
Digníssimas autoridades aqui presentes ou representadas
Minhas senhoras, meus senhores

I

Tomado pela ventura desta hora, o coração preenchido de júbilo e contentamento, tenho os olhos voltados sobre o tempo. O mesmo olhar que um dia em criança fixou a enorme silhueta do poeta inundando com o seu vozeirão o avarandado da casa de meus pais.

SÓZINHO DE NOITE
NAS RUAS DESERTAS DO VELHO RECIFE
QUE ATRÁS DO ARRUADO MODERNO FICOU
CRIANÇA DE NOVO EU SINTO QUE SOU.

São os versos de Ascenso Ferreira que me levam a pensar em um passado longínquo. Passado anterior a nós e aos nossos. Passado de encantamento e realizações.

Voltemos a nossa memória ao início do século XX. Noventa e oito anos foram vividos desde então quando os mais eminentes, doutos e reputados médicos desta cidade e deste Estado às margens do Capibaribe no Liceu de Artes e Ofícios, ainda hoje ali instalado, inauguraram os trabalhos do 1º Congresso Médico Estadual.

Sob a presidência de sua Excelência o Governador do Estado, Dr. Herculano Bandeira de Mello, o Congresso teve na comissão organizadora e científica: Joaquim Loureiro, Arnóbio Marques, Octávio de Freitas, Augusto Chacon, Vicente Gomes e Costa Ribeiro. Figuras de expressão intelectual e dinamismo, responsáveis pelo movimento de modernização da nossa medicina. Confirmava-se, nesta época, a vocação do Recife como centro de excelência da Medicina Brasileira.

Assim tem sido a briosa História da Medicina Pernambucana. Sonhos acalentados e realizados, iluminações em tempos obscuros, verdadeiras assombrações de que falava o nosso poeta:

NA NOITE TÃO PRETA COMO CARVÃO A GENTE
FALAVA DE ASSOMBRAÇÃO.

Outras realizações se seguiriam ainda com maior repercussão. A criação da Faculdade de Farmácia e posteriormente da Faculdade de Medicina. A construção de Hospitais com modelos europeus, a constante procura dos nossos precursores por aperfeiçoamento através de viagens aos centros mais adiantados do Brasil e do exterior. Viriam mais tarde a criação definitiva da Associação Médica de Pernambuco e os hospitais-escola agregados à Faculdade de Medicina. Na década de cinquenta tivemos a construção de vários hospitais fortalecendo o serviço público e nos nossos dias, embora restrito aos mais aquinhoados, conhecemos um crescimento importante da rede privada de assistência à saúde.

A qualificação dos empreendimentos e as somas vultosas investidas demonstram confiança no que se costumou chamar de pólo médico do Recife. Há também uma preocupação permanente com a gestão no setor público e deve ser reconhecido o esforço dos administradores na adequação das suas instituições às expectativas da sociedade.

Grande é a Medicina Pernambucana, motivo de orgulho para todos nós. Sinto-me feliz e honrado ao ser recebido na casa de Fernando Figueira:

Majestosa Academia Pernambucana de Medicina.

II

Em dezembro de 1974, ao apresentar os Anais desta Academia escreveu o Professor Fernando Figueira: “As grandes conquistas da Medicina foram feitas por homens que, vivendo na

austeridade, deram a justa dimensão ao supérfluo abolindo-o de suas vidas -por vezes com o sacrifício da própria família- gastando-se e absorvendo-se nas necessidades do outro. A esses a Academia presta uma homenagem de profundo respeito e gratidão.” Encontro conforto e guarida nas palavras do Professor Fernando Figueira. Por que é assim que concebo e exerço a Medicina, indo ao encontro do sentimento do paciente, diminuindo-lhe o sofrimento e devolvendo-lhe a insuspeita alegria de viver. Com certeza, em trinta e nove anos de profissão, a grandeza desta data é tão significativa quanto às conquistas profissionais longamente esperadas e arduamente obtidas. Assim foi o concurso para Professor Titular de Cirurgia Vasculard da Universidade Federal de Pernambuco. Um desafio enfrentado com consciência e responsabilidade. Um esforço gigantesco, honrando o compromisso de dar continuidade à Escola do Professor Romero Marques, acervo cultural e patrimônio da nossa querida Universidade Federal de Pernambuco.

Ainda no âmbito da Universidade alguns objetivos alcançados produziram acréscimos importantes. O Mestrado com a apresentação de trabalho inédito realizado na Universidade de Montpellier na França, e o Doutorado com pesquisa elaborada em nosso serviço no Hospital das Clínicas, permitiram a retomada de uma interessante produção científica. No entanto, ao ser introduzido na Academia Pernambucana de Medicina alcanço algo mais, além do que imaginei para a vida médica. Se estive antes com os bons me junto hoje aos melhores, como prêmio a uma vida inteiramente dedicada a arte de curar.

Tomo posse nesta Academia na Cadeira de número 35 cujo patrono é o Professor Heitor de Annes Dias.

Nascido em Cruz Alta no Rio Grande do Sul no dia 19 de julho de 1884, Annes Dias, tendo sido admitido no curso médico em 1905 aos 14 anos, foi diplomado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Filho de fazendeiros passou a maior parte de sua infância no interior tendo estudado interno no Ginásio Conceição

de São Leopoldo a partir dos 7 anos. Aos 21 anos casou-se com Carolina de Revorêdo, Dona Sinhá, sendo aos 23 anos depois de excelente concurso nomeado Catedrático de Medicina Legal e Toxicologia. Foi indicado então para a Cátedra de Medicina Legal da Faculdade de Direito, iniciando meritória carreira de Professor. Em 1917 empreendeu viagem de Estudos a Europa. Ao regressar um ano após e, estando vaga a terceira Cadeira de Clínica Médica, pelo falecimento do catedrático Professor Luíz Masson, foi convocado para substituí-lo interinamente. Aberto o concurso para a referida cátedra, foi aprovado e nomeado o Professor Tomaz Mariante que, no entanto, abriu mão de seus direitos, cedendo-a ao Professor Annes Dias, enquanto permanecia na Cadeira de Patologia Clínica.

Entre 1919 e 1934, eleito deputado à Constituinte, veio para o Rio de Janeiro, onde exerceu a Clínica, lecionou e escreveu os primeiros livros. Foi transferido para a Universidade do Brasil em meados de 1934. Homem de reconhecida inteligência, dono de cultura invejável, além de médico e professor destacou-se como político pela sua participação nas questões sociais. Religioso, católico convicto, Annes Dias foi exemplar pai de família. Amado por todos, recebeu de D. Carolina com quem esteve casado durante 37 anos, especial dedicação. Faleceu prematuramente em 7 de novembro de 1943, aos 59 anos, vitimado por infarto agudo do miocárdio.

Impressionado pelos conhecimentos e personalidade do seu antigo Mestre, o Professor Gonçalo José de Melo Titular Fundador da Cadeira de Número 35, escolheu como Patrono o Professor Heitor de Annes Dias. Sendo o mais recente ocupante desta cadeira o Professor Djalma Vasconcelos discípulo e sucessor do Professor Gonçalo de Melo. Ambos, Gonçalo e Djalma foram meus professores na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. De temperamentos distintos, porém com o mesmo engajamento com os ideais universitários, introduziram no início dos anos sessenta importantes modificações no

ensino da clínica médica. Especialidades como endocrinologia, nefrologia, cardiologia e gastroenterologia eram ensinadas na 2ª Cadeira de Clínica Médica onde despontaram jovens talentos a exemplo de João Absalão e Enio Castelar. Foi o Professor Gonçalo de Melo um dos primeiros especialistas titulados pela Sociedade Brasileira de Nefrologia. Gonçalo era organizado, persistente e obstinado. Dele diziam os estudantes de nossa época que tinha dois amores: A Enfermaria São Vicente e o Santa Cruz Futebol Clube, grande paixão da sua vida.

Djalma era bom orador, estudioso e aplicado buscava permanentemente o crescimento na sua especialidade. Decidido, surpreendeu a todos, alunos e colegas, ao realizar longo Estágio na França aos cinquenta e dois anos, quando já era consagrado como professor e detentor de vasta clientela. Em duas ocasiões ouvi elogios ao prof. Djalma que me envaideceram. Em 1969 e em 1974 na França, referências feitas pelos professores Guy-Albot de Paris e Henri Sarles de Marselha davam conta da sua capacidade profissional. Djalma Vasconcelos é considerado como o grande nome da moderna Gastroenterologia Pernambucana. Ocupou diversos cargos públicos e pelo seu espírito de liderança veio a ser Presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco hoje Associação Médica Pernambucana. Ter sido aluno dos mestres Gonçalo de Melo e Djalma Vasconcelos foi para mim honroso privilégio, com direito às citações das Lições de Clínica Médica, magistralmente escritas em cinco volumes pelo Professor Annes Dias, fundamentais para compreensão do que o futuro me reservava.

III

Encantadora em seus aspectos sociais e humanos, apaixonante por seus desafios técnicos e científicos a Medicina, como afirmava o cirurgião vascular lusitano João Cid dos Santos, é uma profissão romântica. Abraça-la significa envolver-se em um

projeto de vida muito mais que uma opção vocacional. Significa renunciar prazeres, vida social e sacrificar muitas horas do convívio familiar. A formação profissional é longa, exige trabalho físico e intelectual extenuante, de forma continuada. Enganam-se os que imaginam facilidades, fortuna fácil ou louvores sistemáticos. A plenitude da carreira médica só é alcançada com a maturidade e no longo caminhar percalços e insucessos são frequentemente desestabilizadores e levam muitos ao abandono.

Pierre Mauriac médico e filósofo francês, irmão de François Mauriac, prêmio Nobel de Literatura em 1952, cultor e defensor do jansenismo, escreveu interessante ensaio intitulado “NOS CONFINS DA MEDICINA”, publicado em Paris em 1926. Suas reflexões aplicam-se de forma contundente à formação do médico, com surpreendente atualidade. Transcrevo pequeno parágrafo que me parece oportuno: “*Devemos reconhecer que a época presente não é nada favorável à elite que possui ainda a curiosidade universal. A vida se encarrega de estreitar os espíritos mais abertos, de lhes reduzir às dimensões do quadro profissional. Desta chaga que é a especialização, e que se opõe tão fortemente ao espírito francês, existem causas que devem ser pesquisadas, para melhor serem combatidas.*”

Somos uma geração de especialistas. Vivemos ainda hoje a expectativa dos resultados imediatos. Nenhuma ideologia nos nossos dias, segundo Durant, foi mais bem sucedida que o pragmatismo de William James. Ao expor ao homem comum uma confiança idealista nas partes essenciais da teologia que vive lado a lado, no espírito americano, com o realismo do comércio e das finanças, James transformou uma região inculta e rude na terra prometida – a mais rica nação do mundo. Há, no entanto, para felicidade nossa, uma renovação de valores na sociedade que prioriza a vida com equilíbrio e que promete em uma mensagem otimista a esperança de um universo unificado e organizado com a preservação da natureza. A globalização, no entanto, não impede a divisão do mundo em universos tão diferentes como Oci-

dente e Oriente. Os conflitos culturais e religiosos demonstram claramente a impossibilidade de uma paz universal e duradoura sem a harmonização das divergências. A velocidade da informação que se difunde em tempo real, apenas acentua as incompatibilidades entre povos, religiões, raças e paixões. Torna-se essencial, portanto garantir a perenidade de uma Medicina rigorosamente ética, que seja transmitida com toda sua força moral aos mais jovens, como forma de defesa e justificativa dos ideais hipocráticos.

IV

Mestre Carlos, rei dos mestres,
Aprendeu sem se ensinar...
-Ele reina no fogo!
-Ele reina na água!
-Ele reina no ar!

Barros Lima escolheu como patrono para a Cadeira de número 16 desta Academia, O Professor Arnóbio Marques. Romero Marques para cadeira 17 apresentou Malaquias Gonçalves e Manoel Caetano de Barros homenageou Eustachio de Carvalho como patrono da cadeira número 30. O Dr. Malaquias precedeu o Professor Alfredo Arnóbio Marques como chefe da clínica cirúrgica do Hospital Pedro II. Barros Lima assumiu a Clínica Traumatológica do Hospital Santo Amaro. Eustachio de Carvalho manteve-se a frente do Serviço do Prof. Arnóbio, até que o jovem Romero prestasse concurso em 1937 e se tornasse Professor Catedrático de Propedêutica Cirúrgica. Final de um ciclo, que permitiria a Manoel Caetano Escobar de Barros obter por concurso a primeira Cátedra de Neurologia e Neurocirurgia do Norte e Nordeste do Brasil. Eis a essência das nossas origens.

É inegável a construção por Arnóbio Marques de toda uma estrutura de escola médica pioneira na formação de cirurgiões em

Pernambuco. Para os historiadores Leduar de Assis Rocha e Clovis Sarinho a atuação profissional de Arnóbio Marques, representa para a medicina pernambucana o rompimento entre a medicina empírica e artesanal e a medicina moderna de Pasteur, Lister, Halsted e Virchow. Tudo que viria depois teve sua influência e foi fruto de sua arte. Ele é também o primeiro dos Marques a se tornar médico, liderando uma longa lista de profissionais distribuídos em quatro gerações e três séculos.

Arnóbio e seu irmão João eram filhos de João Paulino Marques, fiscal aduaneiro amante das artes e da literatura. Este núcleo familiar inicial teve uma formação cultural extremamente bem cuidada. Era forte o domínio intelectual francês ao final do século XIX e os irmãos Arnóbio e João realizaram viagens à França complementando a sua sólida base científica. Mas é sem dúvida no século XX com a dicotomia em cirurgiões e clínicos entre os descendentes de Arnóbio e João, como bem explica o acadêmico Adonis de Carvalho em seu ensaio Ruy João Marques – O Médico e o Homem, que a família conhece o apogeu da sua influência na Medicina Pernambucana.

Sylvio e Romero, filhos de Arnóbio, foram cirurgiões de grande atividade e enorme prestígio em todo o país. Sylvio o mais velho, Livre-Docente de Clínica Cirúrgica, foi o primeiro Professor de Traumatologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco. Romero, após memorável concurso, tornar-se-ia Professor Catedrático de Propedêutica Cirúrgica e desenvolveria com pioneirismo a Angiologia e Cirurgia Vascular no Brasil.

Os irmãos Arnaldo, Aluizio e Ruy, filhos de João Marques, dedicaram-se à Medicina Interna. Arnaldo e Ruy seriam Professores Catedráticos na Universidade Federal de Pernambuco. Aluizio, especializado em Neuropsiquiatria exerceria suas atividades no Rio de Janeiro. Oswaldo Marques da Gama, filho de Maria da Glória, irmã de Arnóbio e João, foi clínico e professor assistente de Semiologia. Em consonância com a distinção feita pelo

professor Adonis Carvalho, os descendentes de Romero fizeram opção pela cirurgia: Marcio Severo, Alfredo Arnóbio e Silvio Romero são cirurgiões vasculares. Waldomiro Marques, filho de Arnaldo, é cardiologista. Arnaldo Marques Sobrinho, filho de Aluízio exerceu a neuropsiquiatria como o seu pai. Milton Cunha Filho, também neto de João Marques, foi um dos propulsores da Oncologia Clínica no Recife. Na mais recente geração são também médicos: Arnaldo Marques Neto e sua irmã Ana Lourdes, bisnetos de João Marques e Romero Marques, o neto, bisneto de Arnóbio Marques. Temos absoluta certeza e tranqüila convicção que aqui não tratamos de uma dinastia ou de uma saga narrada de forma histórica ou lendária. Mas, confirma-se um comportamento familiar modelar que enobrece e dignifica a arte e o sacerdócio da medicina.

V

Continuemos com Ascenso
Folha verde – meninice,
Deliciosa meninice das gentes da minha terra
Que eu tanto amei e senti

Alegram-me tão boas lembranças. Lembranças estas que me são permitidas, pela grata iniciativa do Professor Hildo Cirne de Azevedo Filho. Neurocirurgião de escol, líder de uma Escola de repercussão nacional, Professor Titular de Neurocirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade de Pernambuco. O Professor Hildo Azevedo, um dos mais destacados neurocirurgiões do Brasil, é responsável pela apresentação da minha candidatura a membro da Academia Pernambucana de Medicina. Próximos, por uma amizade familiar que remonta ao tempo de nossos pais, compartilhamos em nossas vidas momentos de rara felicidade. Em 1974 estivemos juntos na Europa. Doutor Hildo em Oxford especializando-se em Neurocirurgia e eu no Hotel-Dieu de Paris

como Residente do Serviço do Prof. Claude Olivier. Voltando ao Brasil dedicou-se de forma exemplar á organização do Serviço de Neurocirurgia do Hospital da Restauração. Ali tem formado vários neurocirurgiões contribuindo para difusão da especialidade. Isto é um pouco da nossa história meu caro Hildo, que a emoção prudentemente me aconselha abreviar com um profundo e sincero agradecimento.

Registro, também com renovada alegria, a presença nesta Casa do Dr. Marcio de Castro e Silva, insigne representante da Academia Nacional de Medicina, Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Angiologia e de Cirurgia Vasculuar, Membro do Conselho Superior da nossa Sociedade e Presidente do Capítulo Latino Americano da União Internacional de Angiologia. Um amigo dileto, nosso irmão mineiro que com sua sabedoria me conduziu aos mais altos postos dentro da hierarquia da Sociedade Brasileira de Angiologia. O Dr. Marcio, sobrinho do ilustre Dr. Castro e Silva, figura marcante da medicina pernambucana do século passado, teve a gentileza de vir participar conosco desta festa, demonstrando de forma inquestionável o carinho e o apreço que sempre nos dedicou. Inicialmente ao meu pai, depois aos meus irmãos e finalmente a mim. Sensibilizado, caro amigo, agradeço a sua vinda que nos cativa e emociona.

VI

E para terminar, um pouco mais de Ascenso:

-”ADEUS MAMÃE DE LOANDA”
-”ADEUS MEU FILHO NOGUEIRA”
O QUE TU VISTE NA FEIRA?
-CAIR DEZ DE CADA BANDA
SIMEÃO POR TERRA BEBO

RAFAEL NO CHÃO DEITADO
MINHA MÃE, VENHA MAIS BRANDA
QUE EM JEJUM EU TE ARRECEBO

Minhas senhoras e meus senhores, colegas médicos, colegas Acadêmicos que com simpatia me acolhem nesta academia. Não julgueis pretensiosas as minhas palavras, pois, não é o homenageado desta solenidade nada mais que um homem simples, professor dedicado e cumpridor dos seus deveres. A vida muito cedo me ensinou a refletir, planejar e esperar. Em nada fui precoce, se talentos tive o maior deles foi bem definir os meus interesses e perseverar. Tempo de colher, tempo de semear.

Ao tomar posse nesta academia, o prof. Nelson Chaves, demonstrando preocupação com a formação do médico em nossas universidades, expressava-se desta maneira: “As Academias de Medicina na sua função mais específica devem agir na defesa do patrimônio ético e da qualidade profissional, evitando as distorções na preparação do médico”.

Longe dos Bosques de Atenas, mas orientados pela filosofia de Platão, nos doaremos com todo entusiasmo à suprema e magnífica Academia Pernambucana de Medicina.

Muito obrigado.

Saudação a Silvio Romero Marques

Acadêmico

Geraldo Pereira

Quando fui convidado para ser o orador da noite e assim receber o meu ilustre colega de turma Silvio Romero Marques nesta Casa, que é a de Fernando Figueira e é também a de Octávio de Freitas, não considerei o fato de ser o Presidente da instituição ou de ser aqui um colega acadêmico, o qual poderia, como qualquer outro, assumir o honroso papel de paraninfo. Antes, imaginei que o convite exprimia a homenagem ao velho amigo e companheiro dos bancos escolares do Curso Primário ou demonstrava uma especial deferência àquela plêiade de meninas e de meninos que juntos estiveram por cinco anos se pouco, nas salas de aula e nos corredores do Grupo Escolar João Barbalho. Os colegas e as professoras, sobretudo Dona Maria do Carmo de Albuquerque Mello, que nos acompanhou por tantos anos. Colegas, alguns deles presentes em nosso dia-a-dia, ainda hoje, como Luiz Fernando Salazar de Oliveira, como Carmem de Castro Chaves ou como Walfrido Antunes, para citar, apenas, aqueles que me vieram à memória. E os demais? Onde andarão? Onde estará aquela inglesa de cabelos quase brancos, filha de um diplomata, que no dia da coroação da Rainha Elizabeth II me presenteou com um lápis, autenticamente, britânico, no qual se lia a inscrição: *God Save the Queen!* Corria o ano de 1953 e a data era, precisamente, 2 de junho. E os outros? Onde estarão?

Meu caro Silvio Romero Marques! O seu Memorial, cujo texto tive a satisfação de compulsar atentamente, é uma peça digna dos mais talentosos e mais competentes pernambucanos; peça, inicialmente, preenchida por dados pessoais, os quais me encantaram, verdadeiramente. Lembranças, algumas, que me tocaram de perto, como a anterior, a de nosso convívio nos começos da formação escolar. Mas, certas alusões que me levaram de volta nos anos, como aquela de alguma forma triste, a do tétano que lhe afligiu, promovendo uma proximidade inusitada com a morte, cujo detalhe – o dessa aproximação –, francamente, não tinha me apercebido na idade pueril, mesmo com as orações coletivas, quase declamadas em voz alta na sala de aula e os rogos aos céus,

implorando a preservação da vida. E você, nesses dias do aqui e do agora, com a bondade que lhe caracteriza o espírito, justifica os nossos incômodos e os nossos abusos, no consultório ou por telefone, dizendo: “Você rezou por mim no tempo do tétano!” E essas rezas, esses mistérios, mais gozosos que dolorosos, nos servem ainda hoje como se tivessem promovido a metamorfose de nossa própria cura. Poucos, entretanto, como você, para guardar na memória a média com a qual foi aprovado no então Exame de Admissão, provas que lhe abriram as portas do Colégio Marista: 8,3. Ai nos separamos, eu fui estudar no Colégio Nóbrega, de onde o meu pai tinha sido professor e onde fiquei todo o Curso Ginásial e mais o Científico. Depois nos encontramos outra vez, na Faculdade de Medicina do Recife.

Mas, eu era um simples estudante secundarista quando ouvi falar em seu pai pela primeira vez, na ocasião em que estiveram no Recife Jean Paul-Sartre e Simone de Beauvoir. E a primeira dama do existencialismo adoeceu com Febre Tifóide. O meu pai, sendo o anfitrião do casal, chamou o Prof. Romero da Gama Marques, explicando que era o único pernambucano com leito em Paris. Não sei mais se ele a tratou ou se convocou o seu primo Ruy João Marques, especialista que era em Medicina Tropical! A verdade é que sendo ou não sendo o único pernambucano com leito em um hospital francês, era dos poucos que tinha autorização para operar naquelas terras d'além mar. Em minha transição para os bancos da Universidade tornei-me cliente do grande professor e fui por ele operado, já que era portador de uma lesão vascular, um hemangioma, como diagnosticou. E dessa forma perdi um tumor, certamente congênito, em meu antebraço esquerdo, que me servia como demonstração para as minhas mágicas da adolescência. Muitas daquelas moças que me conheceram em algumas de minhas viagens, não podiam suspeitar fosse aquele tumor, que se enchia rapidamente de sangue, uma lesão a ser extraída, como realmente aconteceu. E em seu Memorial está bem patente a devoção que teve e tem, com toda certeza, pelo Prof.

Romero Marques, de quem recebeu lições de ciências, de latim e de historia ainda na adolescência dos anos. Um médico, então, que ultrapassava o simplesmente técnico, para trafegar na seara do humanismo. E foi ele – o Prof. Romero Marques – quem lhe iniciou também no mister da Angiologia, recebendo-lhe de portas abertas na Terceira Clínica Cirúrgica, do velho Hospital Pedro II. Pai, amigo e mestre, que lhe acolheu, na condição de Diretor, na Faculdade de Medicina do Recife, como se fosse uma coincidência necessária tê-lo na gerência maior para começar uma trajetória de louros como tem sido a sua. E se fizemos vestibular juntos, você foi aprovado em segundo lugar, obtendo a média 8,10, mostrando que não precisava ser filho de quem era para vencer aqueles pórticos que são os de hoje, novamente, porque esta Casa continua sendo a de Octávio de Freitas. E já vamos nos aproximando dos 40 anos de formados. Valha-me Deus!

Mas, meu caro colega e agora acadêmico Silvio Romero Marques, foi uma agradável surpresa saber que a sua formação francesa inicial se deu, como a de seu avô paterno, o Dr. Arnóbio Marques, no chamado *Hôtel-Dieu*. É que venho estudando, em detalhes, a historia do Hospital Pedro II, do Recife, e pude esclarecer que a construção da instituição pernambucana foi uma consequência salutar do grande incêndio que irrompeu naquele notável e antigo instituto, no ano de 1772. Com esse episódio, diante da perda ou da quase perda do maior hospital de Paris, o grande médico francês Tenon, resolveu fazer visitas técnicas a diversos estabelecimentos no País e no estrangeiro. Produziu, então, um relatório, no qual fazia as recomendações necessárias ao bom funcionamento de uma unidade hospitalar. Indicava uma suficiente circulação de ar, uma luminosidade adequada, a separação apropriada entre os ambientes de internação, de formas a isolar os doentes desses acidentes inesperados e, sobretudo, os dividir por doenças e por sexos. Assim, ergueu-se o *Hospital Lariboisière*, construído em Paris no ano de 1854, que foi considerado o primeiro empreendimento nosocomial edificado sob as normas de

Tenon. O prédio seguiu rigorosamente as regras estabelecidas pelo médico que aproximou a ciência de Hipócrates da arquitetura e fez ver que o espaço hospitalar deve ser, rigorosamente, um lugar de cura e não um morredouro. Por isso mesmo propôs fossem os hospitais dirigidos por médicos. E o Hospital Pedro II, de nossa formação e de nosso exercício na prática hipocrática, segue, exatamente, a orientação do pioneiro parisiense.

Inaugurado a 10 de março de 1861, a partir de um projeto antecipador do engenheiro pernambucano José Mamede Alves Ferreira, autor também de outros importantes prédios no Recife. Só foi possível concluir as obras com fundos da própria sociedade, e é nessa perspectiva que desejo registrar um acontecimento *sui generis*: um baile oferecido ao Imperador nas dependências do Hospital. A 22 de dezembro de 1859, a Associação Comercial de Pernambuco recebeu a elite social do Recife, para uma festa em homenagem ao monarca, ora em visita à Província. O Imperador Pedro II, então, registrou em seu diário: “O novo hospital é obra magnífica, e o desejo de aproveitar o que já está feito para o baile, por ocasião da minha visita à Província, fez com que a obra se adiantasse bastante... Ao menos o baile foi aqui útil, ainda que indiretamente.” Dois dias depois de inaugurado o hoje mais que centenário estabelecimento de saúde, o Dr. Praxedes Pitanga fazia a primeira cirurgia na sala de operações, quando interveio num paciente italiano, sanando-lhe uma hérnia estrangulada, depois de ter ouvido em conferência os médicos Sá Pereira e Carlos Frederico, que concordaram com a indicação e assistiram o procedimento. O paciente foi anestesiado com clorofórmio.

Faço essas considerações como fatos antecipatórios de seu próprio percurso, querido amigo e colega, meu médico também. Precursores – quem sabe? – de seu caminhar, intimamente, ligado à França, como ocorreu, não apenas ao *Hôtel-Dieu*, porém, como diz o Memorial, vinculado às grandes instituições francesas na área da cirurgia vascular: de Paris a Montpellier. Mas, sobretudo, dependentes de notáveis mestres que foram e que são

célebres nessa área peculiar do mister cirúrgico, à semelhança do Prof. Olivier ou do Prof. Hervé Tricot. Sem deixar de citar o grande mestre da angiologia, o Dr. Jean Kulin, cujo convívio ultrapassou o apenas técnico para aproximar as famílias, detalhe muito de sua personalidade, afável e cortês. Na verdade, o ilustre acadêmico, que ora assume um lugar neste sodalício que Fernando Figueira idealizou, fez da França quase uma segunda casa ou quase uma segunda pátria, indo e voltando algumas vezes à cidade luz, sendo recebido como filho pródigo, de volta ao lar paterno. Foi assim o seu retorno ao mesmo *Hôtel-Dieu*, tantas vezes citado. A chegada ao Serviço do Prof. Olivier foi vibrante, como alude no documento de admissão, sobretudo pelo reencontro com os colegas, velhos companheiros de outras jornadas. À sua entrada ali o mundo era outro, as inovações tecnológicas encantavam gente de seu gabarito, mesmo que habituada ao Terceiro Mundo, onde a prática da ciência exige muita criatividade, mais do que inovação tecnológica, tantas vezes. Causou grande satisfação o encontro com o Prof. Agrégé Jean Louis Fontaine, recentemente vindo de Estrasburgo, trazendo um cabedal de conhecimentos que lhe foram úteis no dia-a-dia de mais um estágio de aperfeiçoamento. Mas, a sua chegada a Montepellier é digna de uma leitura mais atenta, mais cuidadosa, porque é uma página de humanismo, de saudação à claridade local, à quase tropicalidade do lugar, lembrando o Recife, com a brisa marítima do Mediterrâneo soprando um vento diferente, aquele das aproximações desejadas. O contacto com a natureza e com o ilustre Prof. André Thevent foram encantadores e lhe trouxeram a possibilidade de um aprendizado diferenciado, voltado para a artéria carótida e os chamados troncos supra-aórticos. Lá, em Montepellier, a sua esposa Vera engravidou, teve que fazer uma apendicectomia e a primeira filha – Bárbara de prenome – veio ao mundo. Tudo na paz de uma cidade menor e mais calma.

E se a França esteve na linha de frente de seus interesses científicos, os avanços e os pioneirismos dos Estados Unidos não

foram desprezados, antes se materializaram nas estadias que lhe proporcionou o *Methodist Hospital*, em Houston, onde pontificava o Dr. Stanley Crawford, uma das maiores autoridades em cirurgia vascular, notadamente na cirurgia arterial, permitindo-lhe assistir várias intervenções para o tratamento dos aneurismas tóraco-abdominais. Essa estadia, acrescida de um retorno rápido ao mesmo serviço do Dr. Crawford, aproximou-o de tal forma dos americanos, que lhe permitiu encaminhar alguns colegas para estagio de aperfeiçoamento em Houston. Essa passagem pela terra de Tio de San não foi uma ruptura da fidelidade à França e um novo retorno àquele País trouxe a possibilidade de aprofundar-se, mais ainda, na cirurgia arterial, enveredando agora pelas técnicas endovasculares, o grande passo do momento na correção de aneurismas e de outras dilatações no trajeto das artérias. E foi o Dr. Jean-Paul Marcadé quem lhe iniciou nesta arte nova, a de intervir navegando nos vasos arteriais. Com isso, a sua trajetória, ainda muito longe de fenecer, mostra-se atualizadíssima, como deve convir mesmo a quem postula um lugar de acadêmico de medicina, a quem pretende, como o nobre e ilustre colega, partilhar do convívio neste sodalício de estudos e de pesquisas.

O fato, porém, não ter feito o tão pretendido concurso para Docente-Livre, parece que foi compensado pelos títulos que obteve depois dessa negativa em seu percurso no ensino, na pesquisa e na extensão. Fez o Curso de Mestrado e foi muitíssimo bem aprovado, inscrito no Doutorado em Medicina foi capaz de doutorar-se com distinção também e finalmente pôde concorrer à cátedra, coroando o tempo na Universidade. Não que tenha suspendido o seu constante aprendizado, não que tenha se dado por satisfeito em sua caminhada de pesquisa. Antes o contrário, mas demonstrando que tem capacidade suficiente e a competência necessária para chegar ao cume do inteiramente acadêmico, sem descuidar da prática da ciência, do exercício hipocrático da arte, propriamente, em seu consultório ou nos ambulatórios do Hospital das Clínicas, dando o seu saber e a sua capacidade em prol da

saúde alheia, em prol do bem estar do homem, daquele que pode custear as suas despesas e os seus honorários – poucos atualmente – ou mesmo em favor dos chamados excluídos, dos que habitam as periferias ou dos que moram nos barracos e nas palafitas.

É impossível relacionar os trabalhos que publicou e as conferências que fez ou as mesas de que participou, mas é possível dizer que desde os anos de estudante que apresenta em congressos e publica as pesquisas que faz e as investigações que conduz, sendo de se dizer que até 2006 o seu *Curriculum Vitae* demonstra o esforço e a dedicação à causa. Da Sociedade de Internos nos Hospitais do Recife à condição de Professor Titular, eis a sua trajetória vitoriosa na investigação científica.

Parabéns, meu caro Silvio Romero, pelo belo exemplo. Considero-o digno dos maiores encômios e acho que a hora de entrar na Academia Pernambucana de Medicina era essa mesmo, quando se pode aclamar as suas vitórias e os seus êxitos. Você é grande! Ou você é enorme! Parabéns aos seus familiares porque podem contar com um pai assim, tão fecundo, capaz de um inventário de suas realizações como o que apresentou aqui neste sodalício. Orgulha-me, particularmente, ser seu colega e sobretudo – permita-me a afirmativa – ser seu amigo há tanto tempo.

Discurso de posse na Academia

Acadêmico

Cláudio Moura Lacerda

Ilmo Sr. Presidente da Academia Pernambucana de Medicina
– Prof. Geraldo Pereira.

Ilmos Srs. Acadêmicos

Ilmo Sr. Prof. Silvano Raia, Professor Emérito da Universidade de São Paulo e Membro da Academia Nacional de Medicina.

Demais autoridades presentes e representadas.

Queridos amigos, colegas e familiares.

Ao ser informado pelo Prof. Hildo Rocha Cirne de Azevedo Filho da sua intenção de propor o meu nome para ocupar uma cadeira da Academia Pernambucana de Medicina, fui tomado por um sentimento misto de surpresa e alegria. Surpresa, porquanto, confesso, nunca me havia me imaginado merecedor de tão honrosa convocação. Alegria, porque, vindo do neurocirurgião Prof. Hildo Azevedo, expoente da Medicina pernambucana e brasileira, pessoa com quem jamais tive o privilégio de desfrutar de amizade mais íntima ou sequer de relacionamento profissional mais próximo, tal indicação soava para mim como uma homenagem sincera, de intenção meritória, bem ao estilo do seu autor.

Quando, quatro anos depois, recebi do presidente Geraldo Pereira a notícia de que a Comissão de Avaliação e Seleção desta casa, formada pelos Profs. Adonis Carvalho, Miguel Doherty e Edmundo Ferraz havia aprovado aquela indicação e que eu tinha sido eleito, por unanimidade, pelos demais acadêmicos para a cadeira de N° 15, cujo patrono é o Prof. Eduardo Wanderley, primeiro Professor Catedrático de Cirurgia Abdominal do Estado, fui tomado por um outro tipo de sentimento, dessa vez um misto de honra e gratidão. Isso me tornou ainda mais motivado, comprometido e determinado a continuar dando a minha modesta parcela de contribuição, na tarefa de fazer crescer a qualidade da medicina que oferecemos à nossa gente.

Durante horas de reflexão, repassei, com humildade, toda a minha vida profissional, buscando os motivos que teriam leva-

do a tão valioso reconhecimento. Pensei no papel que venho cumprindo, com dedicação e independência, como membro do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco – CREMEPE, cargo para o qual fui convocado, já em segundo mandato, pela escolha de inúmeros colegas. Pensei especialmente no que tenho feito à frente da Disciplina de Cirurgia Abdominal e do Serviço de Cirurgia Geral e Transplante de Fígado do Hospital Universitário Oswaldo Cruz da Universidade de Pernambuco.

Ali, junto com destemidos colegas, aqui presentes, temos demonstrado que é possível fazer medicina de ponta em hospital público do Nordeste. Que é possível oferecer à nossa comunidade o que de mais avançado existe na medicina, como a vídeo-cirurgia, a terapia intensiva moderna, os métodos percutâneos e o transplante de fígado, nas suas diferentes modalidades. Que é possível tratar os nossos humildes pacientes com dignidade, respeito e carinho. Que é possível liderar um grupo multidisciplinar, conciliando disciplina com eficiência, hierarquia com coleguismo, profissionalismo com harmonia e tecnologia com humanismo. Que é possível resgatar, nos jovens estudantes e residentes, a autoestima e a altivez nordestina dos que não se conformam com a condição de eternos sub-desenvolvidos, condenados ao colonialismo cultural e científico. Que é possível formar médicos cidadãos irredimidos, que pensam grande e não aceitam a medicina de má qualidade, praticada em muitos dos nossos hospitais públicos. Que exigem o de melhor para a nossa gente, mas não se juntam à legião dos ressentidos, daqueles que criticam, protestam, culpam o governo e os políticos por tudo, sem o entanto, dar o exemplo da prática construtiva do dia a dia. Formamos médicos, que fazem a sua parte, que sabem que pertencer a uma elite de privilegiados numa sociedade injusta, com milhões de excluídos, e que, portanto, têm o dever histórico de mudar.

Eurípedes Jesus Zerbini, um dos grandes ícones da medicina brasileira, pioneiro do transplante de coração no Brasil, certa vez sintetizou, numa frase, a sua própria história de vida: “não há

nada, nem ninguém, que resista ao trabalho feito com seriedade e perseverança”.

Pois bem, senhores, trabalhar com seriedade, perseverança, um pouco de criatividade e sempre pensando grande é tudo o que tenho procurado fazer desde dezembro de 1976, quando me formei pela Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco. Perdoem-me a auto-referência. Perdoem-me por falar tanto de mim mesmo, mas tenho que contar um pouco desses anos de vida profissional com muita sinceridade, até mesmo para tentar justificar a distinção desta escolha para receber tão honrosa homenagem. Perdoem-me também por falar tanto do passado. Mas entendo que resgatar a história da medicina e reverenciar seus atores é missão precípua e razão de ser desta Casa.

Deus nunca me faltou com a sorte. Filho mais novo de uma família bem estruturada, unida, solidária, culturalmente bem dotada e sem grandes dificuldades materiais, tive o privilégio de poder dedicar-me a uma longa formação profissional, que incluiu residência médica em cirurgia geral, estágio de aperfeiçoamento na Inglaterra, estágio em terapia intensiva em São Paulo, mestrado em cirurgia abdominal pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, doutorado em clínica cirúrgica na Universidade de São Paulo – USP, estágio de especialização em fígado em São Paulo, pós-doutorado em cirurgia hepática na Unidade de Fígado de São Paulo e estágio de aperfeiçoamento em cirurgia de fígado em Londres. Ao longo de todos esses anos, fui discípulo de grandes mestres da cirurgia, como Salomão Kelner, Iam McColl, Sérgio Mies, Silvano Raia e Nigel Heaton. De todos eles recebi ensinamentos importantes. Dentre eles, todavia, tenho que destacar dois que, tiveram influência marcante na minha formação: o Professor Salomão Kelner e o Professor Silvano Raia.

Do primeiro, aqui representado por sua filha Gilda, admirei e tentei assimilar a tenacidade, o compromisso social e o espírito de justiça. Esses atributos fizeram dele, Salomão Kelner, por sinal ex-presidente desta casa, um marco na história da cirurgia

de Pernambuco. No seu Serviço dei os primeiros passos na cirurgia geral. Aprendi os seus fundamentos. Fui treinado para operar praticamente todos os órgãos do abdome e alguns do tórax.

Do segundo, Silvano Raia, admirei o brilhantismo intelectual, a coragem, o pioneirismo e a capacidade de liderança, virtudes que o levaram a realizar o primeiro transplante de fígado com êxito, no hemisfério sul, e o primeiro transplante de fígado intervivos, no mundo.

Conheci pessoalmente o Prof. Silvano Raia, em março de 1987, em seu gabinete, na Unidade de Fígado da Faculdade de Medicina da USP. Chegando de Pernambuco, para ficar por dois anos, apresentei-me com uma carta de recomendação do Prof. Salomão Kelner. Manifestei o meu desejo de estagiar na sua unidade, que vivia momento de grande evidência, após a realização dos primeiros transplantes de fígado bem sucedidos, na América Latina. Nervoso, disse-lhe que já havia passado em concurso para doutorado na sua instituição e que gostaria de tê-lo como meu orientador de tese.

Lembro que, daquela figura marcante, carismática, vivendo o auge da sua carreira, em vez de entrevista, ouvi uma única pergunta, expressiva da sua personalidade objetiva e direta: “Filho, você é bom “? Uma pergunta-síntese, quatro palavras que continham pelo menos quatro mensagens. Primeira: chega de mesmices. Segunda: quero pessoas com elevada auto-estima. Terceira: não temos tempo a perder. Quarta: vá à luta, aqui não haverá paternalismo.

Trabalhei durante quatro anos na Unidade de Fígado. Nela, fiz a base da minha formação de cirurgião hepatologista, com treinamento em transplante, angiografia, laparoscopia e terapia intensiva. Participando de um grupo cirúrgico que fazia medicina avançada, modificando paradigmas, com ênfase ao trabalho multidisciplinar, tive a oportunidade de aprender por osmose, na convivência diária com cirurgiões, hepatologistas, patologistas, intensivistas e infectologistas.

Eram tempos difíceis. De um lado, o preço da curva de aprendizado que o mundo pagava, naquele momento histórico do desenvolvimento dos programas de transplante hepático. Do outro, as dificuldades organizacionais, políticas, financeiras e, sobretudo, culturais, próprias de um país em desenvolvimento. Nesse contexto, na condição de assistente direto do Prof. Silvano Raia, preparando suas conferências, cuidando dos seus pacientes públicos e privados, elaborando minha tese de doutorado e artigos científicos sob sua orientação, tive o privilégio de participar da sua intimidade, testemunhando a sua gigantesca tarefa de comandar o grupo clínico-cirúrgico de fígado mais importante da América Latina. Cresceu ainda mais a minha admiração por ele, agora associada a um profundo sentimento de gratidão. Consolidou-se uma grande amizade, resistente ao tempo e à distância.

Embora todos esses grandes nomes da cirurgia tenham exercido importante influência na minha formação, devo dizer que o maior de todos os meus mestres nunca me ensinou nada de medicina, simplesmente porque não era da área. Foi o meu pai, Mário Lacerda de Melo, homem de raríssima grandeza.

Sem ele, eu não teria sequer dado a partida, nessa longa e sacrificada trajetória. Sem ele, eu não teria me exigido tanto em perfeccionismo. Sem ele, eu não teria entendido o sentido mais belo e mais profundo da arte hipocrática. Sem ele, eu não teria entendido que a Medicina não pode ser exercida distante do maior dos sentimentos, aquele que mais nos aproxima de Deus: o sentimento de solidariedade humana. Sem ele, eu não teria resistido às piores crises, aos piores momentos, aos reveses que a carreira nos prega. Sem aquelas suas palavras de força e de conciliação, eu certamente teria me perdido nas encruzilhadas desse longo caminho.

Vivi muito só em São Paulo. Terra da garoa. Lugar frio e cinzento. Uma solidão desafiadora. Uma cidade única, incrivelmente intensa. Contrariando o poeta, quando disse que “Narciso acha feio o que não é espelho”, passei a admirar São Paulo, justa-

mente pelos seus diferenciais de grandiosidade, de complexidade, de sensibilidade e de mistério.

As mesmas razões, que me fizeram sentir atraído pelo fígado – um órgão ímpar, grandioso, complexo, desafiador, sensível, vital – levaram-me a gostar de São Paulo. À medida em que ia compreendendo melhor o fígado, passava a entender porque tantas mentes brilhantes eram fascinadas por ele. E concluí que São Paulo está para o Brasil, assim como o fígado está para o corpo humano. Apaixonei-me por ambos.

Por isso, relutei em voltar para Recife. De um lado, havia a possibilidade de continuar trabalhando em um serviço de primeiro mundo, com uma equipe do mais elevado nível. Do outro, o desafio de voltar para a minha terra, para perto dos meus filhos, e nela, superando todas as dificuldades, edificar um grande serviço.

Quando voltei de São Paulo, em 1992, recém-casado com Heloisa – um outro presente, que Deus me deu, certamente o maior, que a Unidade de Fígado me deu, segui com entusiasmo a carreira universitária, nas duas faculdades de medicina de Pernambuco.

Mediante concurso público, encontrei o meu espaço de liderança, no Hospital Universitário Oswaldo Cruz da Universidade de Pernambuco – HUOC. Ao longo de 25 anos de vida acadêmica, escrevi e defendi três teses, para mestrado, doutorado e professor titular. Publiquei dez capítulos de livro e onze artigos na imprensa leiga, 46 artigos em revistas científicas nacionais e internacionais e apresentei mais 131 trabalhos em congressos. Proferi um sem-número de palestras. Examinei teses em concursos públicos, em vários Estados do País. Sem falsa modéstia, reconheço que fiz escola, formei discípulos, criei técnicas cirúrgicas, realizei dezenas de procedimentos pioneiros no meio e construí, junto com dedicados e competentes colegas, aquele que alguns consideram um dos melhores serviços de cirurgia geral do

País, o do HUOC. Serviço que realiza, em média, 120 cirurgias por mês, muitas de alta complexidade.

No final dos anos 80, o transplante de fígado já era uma realidade no primeiro mundo. Pessoas jovens, portadoras de cirrose avançada, condenadas a morrer em alguns meses, com muito sofrimento, podiam agora alimentar o sonho da cura definitiva, por meio de uma cirurgia fascinante, altamente complexa, demorada – entre 10 e 14 horas – mas com resultados fantásticos. A operação consistia em substituir um fígado doente por um sadio. Para muitos, era possível realizá-la com sucesso apenas nas regiões avançadas do Planeta.

Realizá-la aqui era uma temeridade, uma aventura, um gigantesco desafio. Mas tínhamos que enfrentá-lo, porque sabíamos, por um lado, que havia milhares de nordestinos, cuja única chance de cura seria o transplante e, que ele seria um excelente modelo de ensino e aprendizado da ciência médica, capaz de contribuir efetivamente com a melhoria da qualidade da Medicina, que praticamos no nosso meio.

Primeiro, em hospital privado, um caso apenas, escolhido para mostrar que Pernambuco era capaz. Depois, o desafio maior: um verdadeiro Programa, em hospital público, para quaisquer pacientes, com qualquer nível de gravidade. Assim foi pensado e assim foi feito.

Em 09 de setembro de 1993, realizamos o primeiro transplante de fígado no Nordeste, no Hospital Memorial São José, com uma pequena equipe da qual faziam parte valorosos colegas daquele Hospital.

Embora tenha sido plenamente exitoso, aquele transplante nos ensinou que o local realmente vocacionado para uma atividade tão complexa, tão multidisciplinar, não era – pelo menos naquele momento histórico – um hospital privado. Tinha que ser realizada em ambiente universitário.

Em agosto de 1999, realizamos o primeiro transplante de fígado no Hospital Universitário Oswaldo Cruz, o primeiro com

êxito, em hospital público da região Nordeste. Maria da Conceição Soares, aqui presente, portadora de cirrose avançada, 44 anos, telefonista, foi a paciente.

Animados com os resultados dos primeiros casos, fomos em frente. Estruturamos uma equipe multidisciplinar e consolidamos o Programa que tem cumprido as suas metas, realizando um número cada vez maior de intervenções. Nos três primeiros meses deste ano, por exemplo, atingimos um recorde: 17 transplantes em 90 dias, número que nos coloca entre os três maiores serviços de transplante hepático do País. Nossa equipe tem avançado muito. Com grande tenacidade, buscamos fígado em vários Estados do Norte-Nordeste, da Bahia ao Pará, não raro no meio da noite, em fins de semana, lutando contra o tempo.

O exemplo mais emblemático do desprendimento e do arrojo desse time, cujo relacionamento interpessoal já não é de mero companheirismo, senão de amizade verdadeira, forjada na adversidade e na cumplicidade de quem, muitas vezes, teve de colocar a lei de Deus acima da lei dos homens, ocorreu no dia 24 de dezembro de 2003.

Seis da tarde. Tarde-noite de Natal. Surgiu um doador. E agora? Metade da equipe viajando – Gravatá, Porto de Galinhas –, todos com a família preparando-se para a ceia natalina. O meu dilema: liberar a equipe ou salvar uma vida? Às 18:30hs, deflagrei o transplante. Convoquei todos, inclusive quem estivesse viajando, para o longo procedimento: 12 horas de cirurgia no receptor e 3 horas no doador. De fato, tratava-se de um caso difícil, de cirrose biliar secundária, um abdome cheio de aderências provocadas por oito cirurgias anteriores. Quando entrei na sala de operações, senti uma atmosfera de noite natalina singular, de uma ternura indescritível. Nenhuma ausência. Todos os 18 componentes da equipe presentes e com um semblante de alegria, de quem comemorava o nascimento de Cristo, fazendo renascer uma outra vida, a de Maria do Carmo Fonseca, aqui presente.

Mas, esse é o lado bom da história. Diz respeito aos que tiveram a sorte de chegar ao topo da lista de espera e receber o seu fígado novo. Infelizmente, boa parte não consegue chegar lá, porque, por um lado, a lista é enorme, com pacientes de todo o Nordeste e, por outro, muitas doações não são aproveitadas, porque se deterioram em precárias UTI ou, pior ainda, porque a família nega a autorização. No entanto, isso também é um problema nosso. Enquanto o governo e a sociedade precisam melhorar o sistema de captação, fazendo a sua parte, nós fazemos a nossa, aproveitando doadores considerados imprestáveis e utilizando técnicas para maximizar o número de enxertos.

Com esse espírito e esse objetivo, fizemos intervenções inéditas no meio, como o transplante em dominó – com técnica que nós mesmos criamos, através da qual usamos o fígado de um cadáver para um paciente com doença metabólica e o deste para um portador de cirrose e câncer, que não pode esperar na fila –, o duplo fígado-rim, o reduzido, o intervivos e, mais recentemente, o Split, em que dividimos um único fígado para dois receptores. No ano passado, publicamos casuísticas inéditas no país com “non-heart-beating donors”, ou seja, aproveitando o fígado de doador cadáver, até 30 minutos após a parada cardíaca, com excelentes resultados.

Esse desempenho tem justificado um reconhecimento nacional do nosso trabalho. Reconhecimento que me tornou Membro do Departamento de Fígado da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos – ABTO e Membro da Câmara Técnica do Sistema Nacional de Transplantes do Ministério da Saúde.

Mais recentemente, passamos a operar também no Hospital Jayme da Fonte, muito bem equipado para os casos mais complexos. Ampliamos o Programa e passamos a transplantar crianças de qualquer tamanho. Um desafio adicional, mas uma gratificação muito especial.

Há 02 semanas fizemos o transplante número 146, com mais de 90% de sucesso imediato e com cerca de 80% de sobrevida

tardia, ou seja, cura definitiva. Quanto a esses resultados, bem superiores à média do Sul do País e comparáveis aos do primeiro mundo, eu lhes afirmo, com toda humildade e sinceridade, são devidos a uma espécie de proteção divina. Deus protege e continuará protegendo os pacientes desse grupo que, em condições muitas vezes sub-ótimas e até adversas, trabalha com amor, ética e com o compromisso histórico de mudar a realidade da assistência à saúde da sua, da nossa gente. Uma gente sofrida, independente da doença.

A propósito, em 1978, no Mosteiro de Olinda, Dom Helder Câmara, dirigindo-se a nós, então médicos recém-formados, chamou a atenção para o fato de que, como residentes, nós trataríamos sempre da segunda doença, porque a primeira era a pobreza, a exclusão social. Pois bem, quase trinta anos depois, quem trabalha em hospital público sabe que aquelas palavras continuam atuais. Foi pensando nelas e tendo em mente que de nada adiantaria fazer cirurgias complexas e Medicina avançada, se, ao mesmo tempo, deixássemos pacientes morrer por falta de cuidados primários, de recursos mínimos para comprar remédios que criamos a Associação Pernambucana de Apoio aos Doentes de Fígado – APAF.

Quem conhecer a APAF, a força da sua gerente executiva, dos seus voluntários, alguns deles, por sinal, transplantados, vai entender a beleza, o alcance e a importância do seu trabalho. Eu me orgulho muito da APAF e dos seus componentes. Muitas das pessoas aqui presentes contribuem com a APAF e eu aproveito este momento para, em nome dos pacientes, agradecer a todas e dizer que esse gesto de generosidade está ajudando a salvar muitas vidas.

Senhor Presidente, Senhores Membros da Academia Pernambucana de Medicina.

Encontro-me, agora, diante de um novo desafio. Já não se trata de criar ciência, de transmitir saber, de aplicar técnicas de cura, de emitir pareceres médicos. Desta Academia o que se es-

pera é uma visão filosófica do Homem e do seu mundo de convivência. Somos instados, na qualidade de acadêmicos, a contribuir com uma generosa e criativa compreensão da Ética, enquanto mergulho na natureza humana, de onde o retorno traga luz para o comportamento do indivíduo e da sociedade, proponha valores que reorientem o processo de educação e formação do nosso povo, nossa gente e estimule uma efetiva cultura da paz entre nós, centrada na valorização da vida e dignidade humana.

O Prof. Eduardo Wanderley, patrono da cadeira nº 15, que passo a ocupar, foi bem a expressão da filosofia humanista que norteia esta Casa. Por sua inteligência arguta, sua fina sensibilidade e sua cultura vasta, consegui imprimir, em tudo quanto fez e induziu, a marca do zelo pela vida humana, destinada, segundo ele, ao bem-estar físico, mental e espiritual. Por isso que não concebia o cirurgião como um simples técnico, senão um ser humano completo, ou seja, aquele que assimilou uma compreensão do “homem todo”, aplica no seu dia a dia essa visão abrangente e integrada e tudo julga e avalia por esse parâmetro. Foi essa lição que ele passou a Salomão Kelner. Foi essa a lição que incorporei do Prof Salomão Kelner. Portanto, nesta Academia, não sou apenas sucessor do Prof. Eduardo Wanderley. Sou herdeiro legítimo da sua filosofia de vida. E aqui me declaro visceralmente comprometido com ela e decidido com ela e decidido a traduzi-la em todos os meus atos.

Sr. Presidente, Senhoras e Senhores.

Ao final desta alocução, quero reafirmar o meu profundo sentimento de gratidão às pessoas que tornaram possível este momento, para mim inolvidável.

Ao Professor Hildo Azevedo e aos demais membros desta Casa, pela acolhida.

À minha mulher Heloisa, com quem partilho adversidades e conquistas, como esta.

Aos meus filhos, razão maior da minha existência e minha luta.
A minha mãe, Lucia, e aos meus irmãos, pelo apoio, pelo carinho e pelo incentivo constante.

Aos meus amigos, que ajudam a recarregar as baterias e, principalmente, aos meus companheiros de trabalho, do Serviço de Cirurgia Geral do HUOC, da secretária Tânia aos médicos mais graduados que, com grande sacrifício pessoal, desenvolvem comigo este grande projeto, fazendo a sua parte em busca de um mundo melhor.

Senhores Acadêmicos, meus mais novos colegas.

Destaco, neste solene momento, a mensagem do filósofo francês Henri Bérghson, num texto a propósito da “consciência e da vida”: “Consciência e materialidade se apresentam como duas formas de existência radicalmente diferentes e mesmo antagônicas ... A matéria é necessidade, a consciência é liberdade; mas, por mais que elas se oponham uma à outra, a vida encontra meio de reconciliá-las. É que a vida consiste precisamente na liberdade inserindo-se na necessidade e utilizando-a em seu benefício.” Pois é nesse sentido que, médico, professor e, agora, acadêmico, eu me ponho a serviço da vida, da consciência e da liberdade.

Muito obrigado.

Saudação a Cláudio de Moura Lacerda de Melo

Acadêmico

Hildo Cirne de Azevedo Filho

Senhor Presidente da Academia Pernambucana de Medicina
Professor Geraldo Pereira

Senhores Acadêmicos

Autoridades Aqui Presentes

Meus Senhores e Minhas Senhoras

Prezado Acadêmico Professor Doutor Cláudio Moura
Lacerda de Melo.

No dia 02 de junho de 2000 eu adentrava nesta prestigiosa casa como ocupante da cadeira número 09.

Naquela data, durante minha alocação, perguntava eu quais seriam os sentimentos que moviam um profissional de medicina a se tornar acadêmico. Seria a necessidade de mais uma vez satisfazer o nosso ‘ego’ que, principalmente entre os cirurgiões, pode ser mais que exacerbado. Seria, talvez, a busca de mais uma láurea para ser anexada ao nosso ‘Curriculum Vitae’.

Hoje, eu acredito que essas razões possam até ocupar uma parcela do sentimento. Todavia, indubitavelmente, a mola propulsora desse movimento é o desejo e o compromisso de, no convívio ameno e afável deste cenáculo, longe dos desafios do dia-a-dia, consiga-se discutir a problemática maior da saúde no Brasil. Podendo-se, pois, analisa-la em toda a sua profundidade e ensejando que deste ‘forum’ sejam encaminhadas soluções e recomendações às nossas autoridades em todos os níveis.

Quando o prezado amigo Cláudio Lacerda me comunicou que eu o saudaria nesta noite várias vertentes de alegria e satisfação brotaram da minha alma.

Em primeiro lugar, por haver partido da minha pessoa a indicação e a persuasão que Cláudio fosse um de nossos pares.

Em segundo lugar, porque esta é a vez primeira que, nesta Academia, pronuncio um discurso de saudação a um novo membro.

Finalmente, e não menos importante, porque a esse compromisso se insere, também, o mais profundo toque de emoção e gratidão. A cadeira número 15 que hoje tem um novo ocupante desperta divagações profundas nos meus sentimentos.

O patrono é o Professor Eduardo Jorge Wanderley Filho, cuja vida e legado será, naturalmente, extensamente dissecada pelo novel acadêmico, e essa cadeira, posso confessar agora, é aquela que mais sonhei ocupar.

Esse sonho era calcado não só pela admiração à escola cirúrgica deixada por Eduardo Wanderley, cujo discípulo e continuador, o querido e saudoso Professor Salomão Kelner honrou sobremaneira a medicina nacional, como também pelo fato do querido mestre ter me distinguido com a sua amizade pessoal. Mas acima de tudo, Professor Cláudio Lacerda e caros acadêmicos, o motivo maior desse desejo era devido ao fato de ter sido o Professor César Montezuma de Oliveira Filho, meu primeiro mestre na cirurgia geral, o fundador e primeiro ocupante da mesma.

Já se disse que gratidão é uma dívida que nunca se paga. Porém, não posso dizer que toda minha gratidão ao Doutor Montezuma pudesse ser traduzida em dívida, porque no grau de afeto que se transformou a nossa amizade não havia lugar para esses qualificativos. No altar sentimental da minha vida a figura do mestre ocupa uma posição abaixo do meu querido pai, seu grande amigo desde a juventude, e ao lado de alguns tios muito chegados.

Por outro lado, não tenho dúvidas que o afeto de Doutor Montezuma pela minha pessoa era quase paternal. Estou certo que Eduardo nunca teve ciúmes do pai, mesmo porque Marcelo e eu sempre dedicamos ao mesmo uma amizade fraternal. Sem medo de errar posso dizer, não chegaria onde cheguei se não tivesse tido seu apoio, o suporte absoluto durante as dificuldades iniciais da minha vida profissional, tendo o mesmo enfrentado com denodo pessoas que não estavam, de todo, satisfeitas com o meu progresso.

Ademais, as bases da cirurgia geral, por ele transmitidas, propiciaram-me adentrar a neurocirurgia de forma menos problemática. Não me esqueço, nunca, dos seus conselhos (nunca passe recibo era um deles), do sorriso largo e orgulhoso quando anos após, já neurocirurgião, eu lhe transmitia as minhas vitórias.

O exercício da gratidão também pertencia ao seu cotidiano. Em todas as cirurgias falava sobre os ensinamentos que obtivera de Eduardo Wanderley e falava com saudade do amigo que se fora.

Somente uma única vez eu não obedeci ao velho mestre.

Na fase final da sua doença poucas pessoas eram aceitas para visita-lo. Juntamente com Salomão Kelner, Rui Pereira, eu era um dos poucos que ele recebia com prazer e eu sempre o fazia aos sábados pela manhã. Um desses sábados, já com a doença bem avançada, e se queixando de intensas dores na região lombo-sacra, perguntou-me, ‘Hildo, você e Salomão foram dos poucos amigos que nunca faltaram a verdade para comigo. Por favor, diga-me se tenho ou não uma metástase na coluna.’ Pela primeira vez falhei com o meu mestre e neguei que estivesse com uma lesão no sacro. Olhou, então, para mim e aparentemente perdoou a minha inverdade.

Agora, nobre Professor Cláudio Lacerda, V.S. pode entender a razão da minha vontade em sentar na cadeira em que, no dia de hoje, o amigo toma posse.

Deixando de lado o componente emocional, a ocupação da cadeira de número 15 pelo Professor Cláudio Lacerda é mais que justa e merecida. Ocupa hoje, como Professor Titular, a disciplina que pertenceu ao fundador. Teve a coragem de se submeter a um julgamento público, entre os vários da sua vida profissional, quando participou do concurso para Professor Titular de Cirurgia Abdominal da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco, tendo sido aprovado com Distinção.

As pessoas que se submetem a um concurso para professor titular, obviamente, recebem todo o meu respeito e minha admiração. Perdoem-me aqueles que não professam a vida universitária, sou daqueles que defende a prioridade para admissão nesta Academia para os profissionais que possuem essa honrosa láurea. Mais que nunca, Cláudio Lacerda entra pela porta mais larga desde instituição.

Cláudio Moura Lacerda de Melo nasceu na gloriosa cidade do Recife em 24 de março de 1953. Filho do respeitado Professor Mario Lacerda e de D. Lucia Moura Lacerda de Melo, desde cedo aprendeu, certamente, com o genitor, a amar e respeitar a vida universitária e a verdade acadêmico-científica.

Lamentavelmente, não posso dizer que é um ‘raça-pura’ ex-aluno jesuíta, de cuja situação me orgulho. Fez parte dos seus estudos secundários na casa dos nossos arqui-adversários dos jogos colegiais da década de 60, ou seja, o Colégio Marista, embora depois tenha se transferido para o Colégio Nóbrega.

Apreciei bastante quando optou por cursar medicina na Faculdade de Ciências Médicas da UPE, embora houvesse sido aprovado, também, na UFPE. Acreditou, o que não era bastante nítido naquela época, que o nosso curso na FCM é tão bom quanto aquele da nossa co-irmã.

Fez residência médica no Serviço de Cirurgia Abdominal do Professor Salomão Kelner e conviveu com o que havia de mais diferenciado daquela memorável escola cirúrgica, que hoje é continuada e projetada internacionalmente pela figura maior do Professor Doutor e Acadêmico Edmundo Machado Ferraz.

O Professor Cláudio Lacerda cumpriu com louvor todo o rito da pós-graduação ‘stritu sensu’ e entrou na vida universitária pelo portal digno do concurso público. Através de provas didáticas e de títulos foi admitido nas disciplinas de cirurgia abdominal da UFPE e da UPE, galgando, através de avaliações internas, todos os degraus da academia, até chegar à condição de professor adjunto em ambas as instituições de ensino.

Antes de terminar seu mestrado na UFPE se dirigiu à Inglaterra onde trabalhou por um ano no serviço de cirurgia geral do ‘Guys’s Hospital’, nosocômio muito caro para mim pois lá o meu professor de neurocirurgia, Mr Christopher Adams, adquiriu parte do seu treinamento, sobretudo no que concerne o tratamento cirúrgico das epilepsias.

Em 1984 recebeu o Título de Mestre em Cirurgia pela UFPE, tendo obtido nota 10 e o conceito Distinção.

Em 1986, após processo de seleção, foi admitido no Curso de Doutorado em Cirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Entre 1986 e 1990, enquanto concluía os créditos obrigatórios, desenvolveu profícua atividade científica e nesse espaço de tempo teve a oportunidade incrementar profundos laços profissionais e afetivos com o renomado mestre Professor Doutor Silvano Raia, havendo sido alçado à condição de assistente da sua importante clínica privada.

Em novembro de 1991 recebeu o Título de Doutor em Cirurgia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tendo defendido a tese ‘Alterações angiográficas e pressóricas determinadas pela esplenectomia e ligadura interna das varizes do esôfago na esquistosomose mansônica’. Foi aprovado com nota 10 e Distinção.

Em 1995 foi nomeado chefe do serviço de cirurgia geral do Hospital Universitário Oswaldo Cruz e nesses últimos 10 anos a sua ação e sua inteligência modificaram inteiramente o perfil daquele serviço, identificando-o cada vez mais com a verdadeira visão universitária, alicerçando uma profícua produção intelectual e liderando uma residência médica extremamente respeitada na nossa região.

Em 1997 foi aprovado em concurso público de provas e títulos para o cargo de Professor Titular de Cirurgia Abdominal da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco, tendo defendido a tese ‘Esplenectomia e ligadura da veia gástrica esquerda na esquistosomose mansônica. Efeito sobre a pressão das varizes de esôfago aferida pela técnica não-invasiva. Foi mais uma vez aprovado com Distinção.

A atividade científica do agora Acadêmico Cláudio Lacerda é extensa com inúmeros capítulos de livros escritos e dezenas de trabalhos publicados no Brasil e no exterior.

O contacto com o seu mentor e amigo, Professor Silvano Raia, entre outras aquisições, fez nascer o interesse pelo transplante hepático. Atualmente com mais de 145 transplantes realizados, apresenta resultados que se ombreiam aos obtidos nos mais renomados serviços do mundo, resultados esses que honram e enaltecem a medicina pernambucana. A realização do ‘split-transplant’ é mais uma introdução pioneira da mente privilegiada de Cláudio Lacerda.

Por tudo isso, caro amigo e senhores acadêmicos, nós tínhamos a obrigação de acolhê-lo na nossa casa. Seja bem-vindo, esta Academia o recebe de braços abertos, a noite é vossa e estamos ansiosos para ouvir a vossa alocução.

Parabéns, felicidades e muito obrigado.

Discurso de posse na Academia

Acadêmico
Luiz Ataíde

Recife, 26 de junho de 2003

Exmo. Sr. Presidente da Academia Pernambucana de Medicina, Prof. Geraldo Pereira,

Exmo. Sr. Vice-presidente, Prof. José Grimberg,
Senhores acadêmicos,
Demais membros que compõem a mesa,
Minhas senhoras,
Meus senhores.

É para mim um privilégio a vivência deste instante em que todos vós, senhores acadêmicos, concordastes na decisão de elevar-me ao vosso convívio, neste sodalício quase sagrado da Medicina de Pernambuco.

Em verdade, nenhum exagero ou lugar comum está contido nestas palavras, como à primeira vista possa parecer.

Dentre as minhas reminiscências mais caras, está a lembrança nítida de entrar nesta Casa, quando ainda era a então Faculdade de Medicina do Recife ou casa de Octavio de Freitas, com a finalidade quase ansiosa de fazer a minha inscrição no vestibular de Medicina de 1941. Falei, assim, da minha ansiedade, da qual sofria, também, um grande número de colegas, em sermos ou não aprovados no indispensável exame vestibular.

Além disso, outra forma de inquietação nos rondava e que se constituía no temido trote protagonizado por conhecidos veteranos, especializados em dirigirem a apresentação daquela verdadeira ópera cômica.

Desse modo, éramos, entre outras peripécias, amarrados, nós, os calouros, em fila indiana e levados até a Rua Nova, calçando apenas um pé dos sapatos, porque o outro era colocado em um grande saco, do qual seriam despejados do último andar de um prédio da Rua Nova, para onde éramos levados a pé. Desnecessário dizer que todos os calouros já estavam transformados pelos veteranos em caras pintadas e com uma das pernas das calças cortada à altura do joelho. Era de fato um episódio pré-carnavalesco no calendário cultural da cidade do Recife, como também menciona Rostand Paraíso, em seu interessante livro “A velha

Rua Nova e outras histórias”. Nós, os alunos, terminávamos rindo de nós mesmos, como evasiva da nossa palhaçada constrangida, pois aquela ópera cômica era encenada apenas pelos calouros já aprovados no vestibular, fato que poderia corroborar a afirmativa de Gilberto Freyre, em conferência nesta Casa, por ocasião do ciclo de Estudos sobre Ulysses Pernambucano de Melo, afirmativa essa que demonstrava ser o senso de humor sinal quase infalível de inteligência superior, em situações desta natureza.

Na realidade, Gilberto Freyre se referia ao senso de humor de Ulysses, quando confidenciava aos amigos mais próximos algum fracasso dentre as suas inumeráveis realizações. A analogia é nossa.

Naquela época, jamais poderia eu próprio imaginar que, 60 anos após, aquele calouro adolescente iria concretizar a magnitude deste momento em que todos vós, senhores acadêmicos, sensibilizados pela proposta do meu prezado amigo acadêmico José Grimberg, corroborastes a minha indicação para ocupar a cadeira de número 46 desta augusta Academia, a qual tem como patrono o insigne acadêmico Dr. Orlando José de Paiva Onofre, ambos figuras marcantes em suas respectivas áreas de atuação.

Josué de Castro, tendo sido uma criança de poucos recursos segundo seus biógrafos, nasceu na Rua Joaquim Nabuco, no Recife, no dia 5 de setembro de 1908. A sinopse, mesmo a mais sucinta, da sua vida médica e produção científica é tarefa ingente. Em verdade, por circunstâncias ambientais e socioeconômicas da sua época, sua atenção de observador perspicaz foi despertada para o campo da desnutrição humana, do ponto de vista individual e coletivo, caracterizando o que ele descreveu como o “ciclo do caranguejo”, apontando as conseqüências da simbiose ominosa do homem local do mangue com o crustáceo.

Desse modo, após a caracterização local e nacional das conseqüências da desnutrição, delineou no mapa-mundi a geografia e a geopolítica da fome. Assim sendo, projetou-se internacionalmente, com seus livros traduzidos em francês, inglês, italiano e outros idiomas. Seu livro, Geopolítica da Fome, foi laurea-

do pela Academia Americana de Ciências Políticas como prêmio Franklin Delano Roosevelt (1952) e, ao mesmo tempo, pelo Conselho Mundial da Paz, com o Prêmio Internacional da Paz. A Associação Brasileira de Escritores e a Academia Brasileira de Letras também laurearam a mesma obra de Josué de Castro com o Prêmio Pandiá Calógeras e José Veríssimo. Constituem suas obras completas os seguintes volumes:

- 1º - Geografia da Fome;
- 2º - Geopolítica da Fome (1ª parte);
- 3º - Geopolítica da Fome (2ª parte);
- 4º - Documentário do Nordeste;
- 5º - Ensaios de Geografia Humana;
- 6º - O Livro Negro da Fome;
- 8º - Sete Palmos de Terra e um Caixão.

Sua obra cultural está entre as mais difundidas e comentadas do mundo inteiro, perfazendo um total de mais de um milhão de exemplares, em 1965, como consta da “orelha” do oitavo volume de uma de suas obras completas, com o título de “Sete Palmos de Terra e um Caixão”, escrita em Genebra, entre outubro de 1962 e fevereiro de 1964, quando teve seus direitos políticos cassados no Brasil por ter o mesmo livro representado o nosso país na Conferência de Desarmamento de Genebra.

Ainda é de sua lavra a monografia “Fisiologia dos Tabus”, publicada em 1938, quando era professor de Antropologia da então Universidade do Distrito Federal.

Neste ensaio, foi lembrado o estudo do conceito médico da palavra **Tabu**, concluindo como sendo “o de uma proibição categórica, sem uma explicação racional e que pode ser suspensa em alguns momentos, desde que seja cumprido um determinado cerimonial neurótico”.

Como apêndice a este ensaio sobre a fisiologia dos tabus, Josué de Castro realiza uma visualização etnográfica, com um toque folclórico sobre alguns tabus alimentares no Nordeste brasileiro em outras regiões.

Enfim, o patrono da Cadeira 46 tanto escreveu sobre os problemas de subnutrição do Nordeste brasileiro que o acadêmico Jamesson Ferreira Lima, seu amigo e admirador, em seu próprio discurso de posse, nesta Academia, ao mencionar o profeta Jeremias, a ele, Josué de Castro, se refere como “o outro profeta, que quis e não pôde parar o sol no afã de diminuir a candente subnutrição nordestina”.

No cenário internacional, Josué foi acompanhado, entre outros, pelo também famoso estudioso do problema mundial da fome, o padre dominicano francês, Luis Joseph Lebret, que visitou a cidade do Recife e sua periferia em viagem de observação, patrocinada pela então Universidade do Recife, como consta da edição de 7 de setembro de 1952 do Diário de Pernambuco. Enquanto isso, em nossa atividade clínica-didática ambulatorial diuturna na Clínica Neurológica e Neurocirúrgica da Universidade Federal de Pernambuco, no Hospital Pedro II, nos foi proporcionada a oportunidade de diagnosticar e tratar as várias formas clínicas das neuropatias carenciais, com a colaboração do coleta Farias da Silva. Esta casuística de um total de 247 casos foi enfeixada em um trabalho que apresentamos ao X Congresso Mundial de Neurologia em 1973, na cidade de Barcelona, Espanha, publicado em nosso periódico *Neurobiologia* (número de março, 1974), sob o título de “Neuropatias Carenciais no Nordeste do Brasil”.

Neste trabalho, recebemos o apoio científico do Instituto de Nutrição da UFPE, criado pelo Prof. Nelson Chaves, de quem fomos aluno na Cadeira de Fisiologia, apoio este constituído por dosagens bioquímicas de vitaminas determinadas em vários pacientes.

Nessa mesma ordem de idéias, vale lembrar a interessante atualização sobre o problema da desnutrição realizado pelo saudoso acadêmico Arnaldo di Lascio, enfatizando suas nocivas consequências sobre o desenvolvimento físico e mental de crianças do terceiro mundo, publicado no volume 4 dos anais desta Aca-

demia, em outubro de 1984. Desse modo, poderíamos acrescentar que a subnutrição é a pior arma de destruição em massa, em todas as épocas.

Agora, cumpre-nos iniciar um resumo dos principais dados da personalidade do médico sanitarista Orlando José de Paiva Onofre, que nasceu em 7 de setembro de 1928, na cidade de Assaré, Ceará, sendo filho de José Onofre de Souza e Maria Natércia Paiva de Souza. Foi o Dr. Onofre o primeiro titular da cadeira número 46, patrocinada por Josué de Castro. Desde o início da sua carreira, identificou-se o Dr. Onofre coma causa da Saúde Pública. Chefiou, por vários anos, o Serviço Nacional de Combate à Lepra, do Ministério da Saúde.

Entre 1971 e 1977, exerceu, com competência e dedicação, vários cargos na Secretaria de Saúde de Pernambuco, inclusive o de Chefe de Gabinete, na gestão do professor Fernando Figueira, saudoso e eminente fundador desta Academia. Contribuiu, ainda, o Dr. Onofre para outras realizações, como a criação da Fusam, do Hemope e do Lafepe.

Entre 1978 e 1985, exerceu o cargo de Delegado Federal do Ministério da Saúde em Pernambuco. Pouco depois, exerceu, a convite do Professor Fernando Figueira, a função de Superintendente do Complexo Hospitalar do IMIP, que constituiu o sonho realizado por aquele professor. Colaborou, ainda, na realização de vários projetos no IMIP, como o do Centro de Atenção à Mulher (CAM), o Banco de Leite e o Serviço de Oncologia Infantil, Cirurgia Cardíaca e Neurocirurgia. Foi, ainda, presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco, tendo sido detentor da Medalha do Mérito de São Lucas.

Desejo encerrar esta minha primeira alocução nesta Casa, transmitindo a todos vós, senhores acadêmicos, a certeza do meu envaidecimento pela vossa atitude, através da qual, doravante me torno membro desta Academia.

Muito obrigado.

Saudação a Luiz Ataíde

Acadêmico
José Grimberg

Recife, 26 de junho de 20203

Entre tantos eminentes acadêmicos fui escolhido para saudar, nesta sessão solene, o professor Luiz Ataíde, que ocupa agora a cadeira de número 46 desta Academia. O convite foi do próprio recipiendário, o que aumentou minha percepção da honraria e o sentir da satisfação. Honraria por se tratar de um expoente da neurologia brasileira; satisfação por se tratar de um estimado amigo. Tarefa difícil, mas gratificante, porque traz à memória vivências de um passado, distante, no convívio da enfermaria São Miguel do Hospital Pedro II.

Foi no início da década de 60. Eu era pediatra e professor na Faculdade de medicina da Paraíba e resolvi me transferir para o Recife. Convidado, então, a integrar a equipe de neurologia do Hospital Pedro II - inegavelmente uma das melhores do país - tive a felicidade de conhecer o professor Luiz Ataíde. Médico competente, estudioso, dedicado no cuidar dos pacientes, solícito com os estudantes, muitos hoje jovens neurologistas que a ele devem seus conhecimentos. Conquistou merecido prestígio da Academia Brasileira de Neurologia (ABN). Ficamos amigos.

Luiz Ataíde nasceu em Maceió, Alagoas, em 1923. Fez o curso primário e secundário no Colégio Diocesano de Maceió e o curso pré-médico no Liceu Pernambucano do Recife. Diplomou-se em 1948 na Faculdade de Medicina do Recife, hoje F.M.U.F.P. Em 1959 fez o curso de pós-graduação em Clínica Neurológica em Londres, como bolsista do British Council, no National Institute for Neurological Diseases.

Como é compreensível, não cabe nestes poucos minutos de saudação citar em detalhes todo o seu extenso “curriculum vitae” com dezenas de cursos, conferências, trabalhos científicos, cargos exercidos, participação em mesas redondas, seminários, bancas examinadoras, congressos internacionais e honrarias recebidas. Citarei apenas alguns marcos importantes de seu trilhar universitário como médico e professor.

1961 - Chefe do Serviço de Higiene Mental da Divisão de Assistência Hospitalar de Pernambuco;

- 1962 - Direção da Clínica Neurológica e Neurocirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco;
- 1966 - Professor Adjunto da Clínica Neurológica e Neurocirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco;
- 1966 - Médico chefe da Clínica Neurológica do Hospital Pedro II;
- 1970 - Prêmio Paulino Longo - ABN;
- 1978 - Título de Especialista da Academia Brasileira de Neurologia;
- 1980 - Presidente da Academia Brasileira de Neurologia (ABN).

Atualmente o professor Luiz Ataíde é ex-adjunto do Departamento de Neuro-Psiquiatria do Centro de Ciências da Saúde da UFPE, ex-Titular da Disciplina de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco e Professor Emérito da Universidade de Pernambuco.

No passar dos anos ele foi conquistando os degraus da excelência na longa jornada de médico sempre humano no tratamento e nas palavras de conforto aos doentes. Tornou-se um dos mais conceituados neurologistas brasileiros, mas seu crescente valor não transbordou em vaidade, ao contrário, fez surgir ainda mais sua modéstia.

Relembro com saudade aquele tempo em que trabalhávamos no antigo Hospital Pedro II. A medicina ainda não estava tão escravizada ao tecnicismo das máquinas e ao mercantilismo.

O rápido progresso da ciência e da técnica não trouxe com a mesma rapidez equivalência no progresso dos elevados valores humanos. Os fatos do cotidiano nos dão, muitas vezes, a impressão de que o homem “científico” é mais eficiente, porém menos humano. Essa situação agravou-se num mundo cada vez mais globalizado, competitivo, desigual, excludente e mercenário. Também, a crescente pressão por bens materiais, o desejo de elevados estilos de vida e a tendência a impessoalidade do ato médico

diminuíram, nestas últimas décadas, o tão necessário calor humano no relacionamento médico-paciente. Esse binômio qualitativo tornou-se um trinômio quantitativo médico - plano de saúde - paciente, levando a maioria dos profissionais a uma desgastante e frustrante luta por um mínimo e digno nível de vida e uma minoria argentária a obstruir suas coronárias com cifrões. Num país como o nosso, no qual miseráveis, pobres e ricos convivem historicamente como se fosse natural, estamos perdendo valores mais humanos, esperanças mais justas, ambições mais nobres. Infelizmente, como sempre, quem perde é o doente, sua família, o ensino médico e a sociedade como um todo. É lamentável, porque nós, médicos, que lidamos com o sofrimento, a lágrima e a desesperança, sabemos, muito bem, que palavras de conforto, de solidariedade e o zelo e humanização no cuidar do doente podem ajudá-lo no tratamento e na recuperação. De outro modo, como entender os benefícios psico-somáticos da fé e da mobilização espiritual? Porém, entre o “material” (o Ter) e o “espiritual” (o Ser) há uma ponte e muitos médicos conseguem atravessá-la nas duas direções sempre que necessário. O professor Luiz Ataíde é dessa plêiade de médicos que mantêm até hoje uma atividade médica no mais alto nível ético e humano.

Ensina a Sociologia que cada pessoa durante sua existência exerce vários papéis (funções), mas sabemos que não é fácil ela desincumbir-se bem de todos os que tem de exercer. No entanto, Luiz Ataíde sempre foi um bom médico, um bom professor, um bom colega, um bom amigo, um bom pai, um bom marido. Tenho certeza que será, também, um bom acadêmico, cooperando para o engrandecimento intelectual e a manutenção ética desta Academia.

Finalizando, cito estes versos do médico poeta Eugênio de Carvalho Júnior:

“Ser médico é ser bom: Sem ser perfeito.

Há de trazer um coração no peito

Sensível “como bússola de dor!”

*Ser médico é ter sempre um lenitivo,
Uma palavra amiga, um incentivo,
Uma mentira... se preciso for!”*

Você, caro amigo Ataíde, sempre foi esse exemplo de médico, salvando vidas, atenuando sofrimentos, incentivando esperanças. A Academia Pernambucana de Medicina o recebe, agora, de braços abertos.

Muito Obrigado.

Discurso de posse na Academia

Acadêmica

Esther Azoubel Sales

Minhas Senhoras e meus Senhores

Meus colegas

Aqui estou para assumir uma cadeira nesta seleta Academia, impulsionada que fui por alguns dos meus mestres. Olho a platéia e sinto falta deles Professores Fernando Figueira e Salomão Kelner, ambos amigos. O Prof. Fernando Figueira sempre me dizia que ficaria feliz com a minha participação e a da Dra. Edite Cordeiro nesta Academia. Aqui tem lugar para vocês, palavras suas, com o semblante cheio de felicidade.

Já o Prof. Salomão Kelner, meu grande amigo e incentivador de todas as horas. Amizade iniciada no curso médico, não sei se pela afinidade familiar, ou pela origem judaica que tínhamos, o fato é que nenhuma decisão era tomada sem ouvir o Prof. Kelner. Era sempre o primeiro a tomar conhecimento dos cargos, dos convites e das nomeações que participei na UFPE. Foi meu orientador na Tese de Doutorado e também examinador. Foi a São Paulo a convite da Escola Paulista de Medicina para fazer parte da Banca que me examinou, fato que muito me honrou.

Nunca vi o Prof. Salomão irritado ou negar ajuda a quem dele precisasse.

Quis o destino, entretanto que eu como chefe do Departamento de Cirurgia fizesse a oração de despedida quando de sua aposentadoria. Não foi fácil, entretanto lembro-me que na ocasião não considerei o momento como despedida, frisando que ainda precisávamos muito dele, da sua presença, seus ensinamentos e, sobretudo da sua experiência. Para lembrar a sua passagem na UFPE basta citar a criação do Mestrado de Cirurgia, fato que elevou o grau de qualificação dos docentes do Depto. de Cirurgia.

Como patrono da cadeira que hoje irei ocupar tivemos Dr. Gervásio Melquiades da Silva, um ilustre sanitarista.

Homem inteligente, empreendedor, espírito lúcido e intelecto privilegiado. Sempre estive na frente de seu tempo incompreendido às vezes por suas idéias avançadas.

O Dr. Gervásio foi uma figura rara, culto, modesto e ativo, bondoso e franco, honesto nas atitudes pessoais e principalmente no trato da coisa pública. Destacou-se pelo seu idealismo e pela sua abnegação. Participou de inúmeras comissões e grupos de trabalho com um entusiasmo invulgar.

Em 1939, como representante da Saúde Pública, participou da Comissão designada pelo Governo do Estado, encarregado de estudar o problema habitacional em Pernambuco. Esse estudo foi baseado na tese de doutorado do Prof. Aluísio Bezerra Coutinho, em 1930, que se intitulou: O problema da habitação higiênica nos países quentes, em face da arquitetura viva. As recomendações desta Comissão ainda hoje são atuais. Participou ainda de muitas outras comissões, como por exemplo, a de “Estudos do Leite”, a das “Condições de Saneamento do Recife” e em todas a sua participação foi brilhante, eficiente e voltada exclusivamente aos interesses da comunidade.

Durante muitos anos foi Diretor da Divisão Técnica do Departamento de Saúde Pública. Como chefe dessa Divisão Técnica, coube-lhes emitir inúmeros pareceres. Todos com muita exatidão de conceitos e erudição técnica.

Vejamos o que emitiu em 1941, acerca de trabalho em regime de tempo integral, o qual defendia ardorosamente: “a especialização em Saúde Pública, inclusive à dedicação maior a um dos seus ramos sem perder de vista o conjunto em que se apóia, permite mais fácil noção de proporcionalidade em face a cada fator de doença ou de redução de capacidade ativa que em cada prevenção deve ser feita! tornar a Medicina Social tanto mais preventiva; tanto mais humana quanto mais generalizada; tanto mais impessoal e silenciosa quanto mais próxima das multidões e dos lares”. Possibilita principalmente essa condição indispensável à boa prestação de serviços ao público pela repartição sanitária; o trabalho em regime de tempo integral.

Eram assim seus pareceres sábios eloqüentes um pouco formais, mas objetivos.

Cabia a ele supervisionar a secção de Epidemiologia.

Diante de uma ameaça de epidemia agia com muita segurança.

Em setembro de 1947, morreu um residente em Afogados com o diagnóstico de varíola. De imediato fez proceder à confirmação do diagnóstico, com o envio do cadáver ao Departamento de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina. O relatório da necropsia foi assinado por Aggeu Magalhães e confirmou o diagnóstico.

Enquanto aguardava o resultado da necropsia fez proceder a investigação epidemiológica. Esta era feita em fichas especializadas, elaboradas por ele.

Confirmado o diagnóstico e concluídas as investigações, fazia de imediato cumprir as exigências cabíveis, como, por exemplo, procurar conhecer o maior número possível, senão todos os comunicantes, mantê-los em vigilância visitá-los, durante 14 dias da data do último contacto, bem como providenciar a vacinação intensiva na zona de residência do doente, fato conhecido como isolamento do foco.

A seqüência das providências e as instruções são semelhantes às recomendadas pelos grupos de peritos em varíola da OMS.

Em um de seus inscritos encontramos: “a epidemiologia tem por objetivo o descobrimento de relações que possibilitem a prevenção das doenças, daí a necessidade de identificar os vários fatores causais”.

Criou o “Curso de Médicos Higienistas” no Departamento de Saúde Pública, do qual foi Prof. de Estatística.

Defendia a qualificação e especialização do pessoal que trabalhava com ele em Saúde Pública. Assim era o Dr. Gervásio Melquiades da Silva.

Assumiu a cadeira do Dr. Gervásio Melquiades da Silva o Prof. Manoel Ricardo da Costa Carvalho em 09 de outubro de 1974. Tendo sido seu aluno de Estatística, mantinha por ele uma grande admiração.

Nasceu no Recife, em 09 de março de 1923, filho do Prof. Joaquim da Costa Carvalho, um dos fundadores da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife, e de D. Rosita Hardman da Costa Carvalho, casado com Teresinha Tavares da Costa Carvalho, pai de 4 filhos, Artur, Jorge, Beatriz e Marcos.

Formou-se em Medicina no dia 6 de dezembro de 1947, pela então Faculdade de Medicina da Universidade do Recife.

Logo demonstrou sua tendência e porque não dizer paixão pelo ensino.

Em 1958 fez curso de Sanitarista, na Faculdade de Saúde Pública da USP.

Em 1956 fez concurso para Docência Livre da Cadeira de Higiene e Legislação Farmacêutica da UFPE.

Fascinado pela estatística, em 1961 viajou para o Chile como Bolsista da OMS para estudar Estatística Vital na Escuela de Salubridade da Universidade do Chile.

Em 1972 fez concurso para Professor Titular da Disciplina de Higiene Medicina Preventiva e Medicina do Trabalho da Faculdade de Medicina da UFPE.

Foi chefe do Departamento de Medicina Social por vários períodos de 1978 a 1980, de 1986 a 1990.

Foi Professor de Higiene do Trabalho e Saúde Ocupacional para Médicos, Dentistas e Farmacêuticos no Instituto de Higiene do Nordeste criado em 1959.

O Registro de Câncer em Pernambuco, fundado em 1950, pelo nosso acadêmico Professor Adonis Carvalho, dirigido inicialmente pelo também acadêmico Prof. Bertholdo Kruse que logo em seguida foi obrigado a deixar o Serviço para assumir outra função no Ministério da Saúde, a direção do INAN.

Assumi então a Direção do Registro de Câncer de Pernambuco o Prof. Manuel Ricardo, que dedicou-se de corpo e alma a este Serviço, pois sempre teve predileção pela estatística. Estabeleceu métodos para coleta de dados e sua organização tornou esse serviço de suma importância para todos aqueles que

necessitavam informações sobre a incidência de alguns tipos de cânceres em Pernambuco.

Membro do Departamento de Saúde Pública do Estado de Pernambuco colaborou na elaboração do “Código Sanitário do Estado, Regulamento do Departamento de Saúde Pública”, elaborou as “Normas e Calendário de Vacinações do Estado de Pernambuco”.

O Hospital do Sancho serviu como Hospital de Passagem para as Forças Armadas Americanas, comando do Atlântico Sul. Em 1949, foi construído junto ao Sancho um novo Hospital para a Campanha Nacional contra a tuberculose e esse espaço foi denominado, Conjunto Sanatorial Otávio de Freitas, reservado exclusivamente para o tratamento da tuberculose pulmonar.

Integraram a primeira equipe desse Hospital os Drs. Moacir dos Anjos, Nelson Moura, Alcides Ferreira Lima, Armando Carvalho, Renato Ribeiro, Clóvis Campelo, Heródoto Pinheiro Ramos, Ângelo Riso, José Brasiliense e Manoel Ricardo da Costa Carvalho, todos como tisiologistas.

No desempenho de sua atividade médica Manoel Ricardo foi um exemplo de pontualidade e dedicação ao paciente, fazia avaliações sistemáticas dos pacientes, discutindo os casos, preocupado com a permanência hospitalar e o seguimento dos pacientes nos dispensários da cidade após a alta hospitalar. Ia pessoalmente informar aos colegas a situação de cada paciente enviado ao dispensário. Quando ocorria óbito em seus pacientes sem diagnóstico de tuberculose, comparecia ao Serviço de Verificação de Óbitos (SVO), para esclarecimento da patologia.

Como Professor Titular ministrava aulas e coordenava disciplinas nos cursos de graduação de Medicina, Enfermagem, Residência Comunitária, Residência em Medicina Preventiva e Social, Especialização em Pediatria, Enfermagem com Especialização em Saúde Mental, Especialização em Enfermagem Médico-Cirúrgica, Supervisor do Programa de Medicina Preventiva e Social, Curso de Especialização em Doenças Tropicais e espe-

cialização em Médico do Trabalho, Curso de Especialização em Medicina Tropical e Infecciosa.

Foi Coordenador do Curso de Médico do Trabalho e ensinou diversas disciplinas no mestrado de Anatomia Patológica, Medicina Interna, Pediatria, Oftalmologia, Epidemiologia, Cirurgia, Nutrição, Saúde Pública, Medicina Tropical e Farmácia. Nos Doutorados de Cirurgia e Odontologia.

Com o gosto pelo ensino e o fascínio pela estatística, orientou inúmeras teses. Difícil é enumerar alguma tese saída da UFPE sem a colaboração estatística do Prof. Manoel Ricardo. Sentia prazer nesse tipo de estudo e nunca dizia não aos que lhes procuravam.

Ao longo de sua carreira dedicada do Ensino e a Pesquisa, recebeu várias honrarias.

Foi agraciado com um Diploma do Mérito Científico concedido pela Comissão Organizadora e o Comitê de Doenças Respiratórias da Sociedade Brasileira de Pediatria por sua contribuição para o desenvolvimento da pesquisa científica no Nordeste do Brasil.

— Título de Acadêmico do ano Homenagem de seus companheiros da Academia Pernambucana de Medicina em 17.12.1991.

— Título de Professor Emérito pela UFPE, pelos relevantes serviços prestados a essa Universidade.

— Medalha do Mérito São Lucas pelos relevantes serviços prestados a Sociedade Pernambucana.

É esse, meus senhores, o perfil do meu antecessor Prof. Manoel Ricardo da Costa Carvalho.

Sinto-me, portanto com uma grande responsabilidade, ocupar a cadeira de número 43 que pertenceu ao nosso querido Professor Manoel Ricardo da Costa Carvalho.

Às vezes me surpreendo perguntando a mim mesma a razão de ingressar nessa Academia. Para isso só tenho uma resposta, a realização de um sonho, no sentido de me associar a essa

plêiade seleta de colegas a fim de que junto possamos levar à Sociedade nessa contribuição.

Entretanto, para aqui chegarmos passamos por duas provas que consistem a **primeira** na apresentação de um trabalho científico inédito. Apresentei o meu sobre a Linfografia Radiológica, técnica que foi durante meio século utilizada para o estudo anatômico e diagnóstico das patologias do sistema linfático.

A **segunda** prova consiste em ser recebida nesta Academia com uma saudação de um Acadêmico da casa. Escolhi o Prof. Carlos Moraes. Meu amigo, meu chefe, trabalhamos na mesma área de cirurgia, e durante nossas gestões no Departamento de Cirurgia enfrentamos juntos algumas lutas. Muito agradeço a ele as palavras proferidas sobre minha pessoa. Consta também dessa solenidade a mensagem do Acadêmico a ser empossado. O que falaria aos senhores neste momento? Durante toda minha vida profissional tanto de médica como de docente tive uma preocupação constante, a humanização da Medicina.

A formação ética do médico e sua instrução sobre os princípios tradicionais que conferem à nossa profissão uma posição privilegiada, não tem sido salientada com a ênfase necessária no curriculum universitário. Essa falta de instrução básica, acrescida da falta de publicações que valorizem o papel do médico na sociedade e definam bem sua grande responsabilidade em face do privilégio de zelar pela saúde dos seus semelhantes, tendem a agravar a crise que já se vislumbra em face da socialização dos serviços médicos. Com a socialização acelerada é indispensável que os estudantes sejam orientados sobre os princípios filosóficos, humanos e éticos essenciais na relação médico-paciente e que tornam imutável a essência da profissão médica.

Outro fator importante na prática médica é o equilíbrio emocional do médico. Não é fácil interferir nesse fator, mas os professores universitários e os líderes e dirigentes de classe podem aconselhar, traçar diretrizes práticas e orientar os jovens médicos sobre a grandeza da profissão. A primeira condição para

estabelecer receptividade favorável por parte do paciente é encontrar um médico tranqüilo, sem pressa, interessado em ouvir suas queixas. Essa é uma condição que também favorece ao médico, por que em tais condições seu raciocínio clínico e sobretudo, sua capacidade para captar os sintomas essenciais para o diagnóstico tornam-se mais acurados.

Hipócrates o pai da Medicina morreu com a idade de 83 anos, mas o código de valores e o juramento que ele nos deixou se perpetuou vivo e inalterado, ao longo dos séculos, servindo de referência de guia moral e espiritual à profissão Médica.

O fim deste milênio foi marcado por grandes contradições nas concepções, métodos e modelos tradicionais da prática médica. Foi, sobretudo após a segunda guerra mundial e notadamente no curso dos 30 últimos anos somando-se às grandes descobertas e os progressos consideráveis em todos os níveis, o que podemos chamar de “Revolução Tecnológica” que a relação médico-paciente tem conhecido profundas modificações observadas inicialmente e depois consagradas como o fim dos valores propostos por Hipócrates. Este fenômeno pode ser considerado como: “A segunda Morte de Hipócrates”.

O que realmente tem provocado esse fenômeno?

Três grandes fatores podem ser responsáveis por essa evolução profunda. São eles:

1. A modificação do objetivo principal da medicina;
2. A utilização de tecnologias modernas para o diagnóstico;
3. A tomada de consciência pela indústria da saúde de que a prática médica pode ser altamente lucrativa.

1. A modificação do objetivo principal da medicina

O objetivo principal da medicina é substituir a prioridade do tratamento dos doentes, para se concentrar na otimização da saúde das populações, na prevenção.

Considerando a saúde como um dever do Estado e um direito inalienável do cidadão. A noção de direito abrange dever ou obrigação. A não satisfação do direito dá origem à frustração e a reivindicação e constitui um dos fatores que dá origem à tensão e conflitos na relação médico-paciente. Insatisfeito o doente se afasta do médico, quebrando assim uma relação privilegiada entre duas pessoas, uma que vem procurar ajuda e outra que tem por vocação oferecer.

Organizada em função da orientação do Estado, a medicina se transformou num “sistema”, burocratizado que funciona em função de números e os pacientes considerados como usuários do sistema.

Nota-se que há também uma preocupação dos nossos dirigentes governamentais em resgatar essa relação médico-paciente, quando se institui programas de saúde como o PSF – Programa Saúde da Família – Programa de grande profundidade que favorece sobre tudo as populações de baixa renda. Tendo como objetivo não só tratar, mas também a prevenção.

2. A utilização de Tecnologias Modernas para o Diagnóstico

O avanço da tecnologia embora permitindo grandes progressos no setor de diagnóstico e tratamento, vem contribuindo para o afastamento do médico de seus pacientes. Dispensa-se hoje uma história, uma boa ausculta e uma palpação perfeita, fatos que impedem a análise dos dados captados no exame físico.

Esta prática, vem cedendo lugar a exames sofisticados, testes de imagens, muitas vezes realizados por técnicos incapazes de proceder uma leitura dos exames ou mesmo fornecer a mínima orientação ao paciente. A prática médica atual é fundamentada na leitura, análise e interpretação de exames e de imagens, ocorre algumas vezes até a ausência do paciente (telemedicina),

o que contribui para a despersonalização do ato médico hipocrático.

3. A tomada de consciência pela Indústria da Saúde de que a prática médica pode ser altamente lucrativa.

A indústria da saúde descobriu que pode se tornar uma fonte inesgotável de renda. Somas consideráveis são investidas na pesquisa com a justificativa de promover a melhora dos cuidados de saúde.

O custo de cada inovação é sensivelmente mais elevado que a precedente. A espiral de custos é cada vez mais elevada, tornando-se insustentável, considerando-se o conjunto cidadão, sistema de saúde.

Em recente entrevista ao Jornal Medicina CFM o presidente da AMB, Dr. Eleuses Paiva depondo na CPI dos planos de saúde defendeu a regulamentação do setor privado de saúde, pois a legislação em vigor favorece o setor empresarial e não normatiza a relação das operadoras com os prestadores de serviço. É também conhecida a restrição que alguns planos fazem a determinados procedimentos que são por eles considerados como patologias pré-existentes, e a redução do número de exames solicitados para esclarecimento diagnóstico.

Assim a relação médico-paciente, tem sido afetada pela inclusão do novo protagonista a indústria da saúde.

O que fazer agora? Cobrir-se de luto pela segunda morte do Pai da Medicina? Não, vamos enaltecer cada vez mais o juramento de Hipócrates, assim prestaremos a ele uma grande homenagem. Cabe a nós acadêmicos com experiência e vivência dizer aos jovens.

Abracem toda tecnologia, ela é importante e tem trazido enormes progressos para o diagnóstico e terapêutica médica.

Passaríamos a noite aqui a enumerar importantes descobertas que muito vem contribuindo no desenvolvimento da medicina: o maior conhecimento da biologia molecular, da engenharia genética, a descoberta do DNA e ainda um sem número de procedimentos importantes para diagnósticos mais precisos, precoces, redução do número de cirurgias como: Ressonância magnética, Angiografia digital e helicoidal, os *stents* e as endopróteses, os procedimentos endoscópicos, o tratamento da obesidade mórbida pelas técnicas cirúrgicas especializadas.

Porém não podemos deixar de dizer também aos jovens; Escutem e examinem seus pacientes. A anamnese e o exame físico são ainda poderosas armas para se chegar a um diagnóstico preciso.

E antes de tudo e em todas as ocasiões usem o bom senso.

Nunca esqueci do que ouvi do Prof. Carlos de Farias, Coordenador do Curso de Deontologia Médica da Faculdade de Medicina do Espírito Santo, em Congresso de Ensino Médico.

“O maior médico de todos os tempos nunca pisou o chão de uma Faculdade, nunca empunhou um bisturi, nem conheceu o estetoscópio, o microscópio e outros scópios. Ele curava com amor e usou as palavras e as mãos para transmitir essa energia curativa. Hoje aprendemos em importantes Universidades, temos conhecimentos e temos aparelhos, mas esquecemos o básico: usar o amor e as mãos desarmadas “Amor não se aprende em faculdade e mãos que curam não se encontram à venda”.

Antes de terminar quero aqui fazer os agradecimentos aqueles que embora estejam muito próximo de nós, nunca temos tempo suficiente para eles.

Genário, meu esposo, que poderia também estar hoje tomando posse nessa academia. Todos que conhecem a história da Academia Pernambucana de Medicina sabem que você foi um dos seus batalhadores. Ainda tenho esperança de lhe ver ocupando uma de suas cadeiras.

A meus pais Alberto e Mathilde, grandes educadores, incentivadores e admiradores de minha carreira profissional, a quem dedico toda essa cerimônia.

Às minhas filhas Sony, Myrian e Vyvianne e ao meu genro Morvan que aprenderam a conviver com a minha ausência em prol do meu engrandecimento.

Aos meus netos Rafael, Bruno e Marcelinha todo meu carinho e a desculpa por não poder acompanhar seus crescimentos centímetro a centímetro, mas tenham certeza que estou presente em todos os momentos da vida de vocês.

Aos meus irmãos, David, Walter, Reinaldo, Ruy, Judith, Cláudio, Geraldo, Matheus, Suzana, Raquel, Miriam, Mabel, Elizabeth, Sonia, Franklin e Newbe, pela dedicação e carinho que sempre tiveram para comigo.

A meus amigos, meus ex-alunos, ex-residentes, meus orientandos, com os quais mantenho até hoje uma relação salutar de amizade, os meus agradecimentos por ajudar a vencer as horas difíceis.

Aos funcionários da UFPE, do Serviço Médico da Prefeitura do Recife, de minha clínica privada e da COVEST que me acompanharam e alguns ainda me acompanham nessa trajetória de vida, minha gratidão.

A todos os meus pacientes, que me proporcionaram ensinamentos e experiência o que justifica minha presença aqui neste momento.

A todos vocês que vieram testemunhar e abrilhantar essa cerimônia os meus mais sinceros agradecimentos.

Saudação a Esther Azoubel

Acadêmico
Carlos Moraes

Minhas senhoras, meus senhores

A ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA recebe nesta data a Prof. Esther Azoubel Sales que ocupará a Cadeira de nº 43 cujo Patrono é o Dr. Gervasio Melquiades Silva. É um prazer muito grande, e uma honra, saúda-la nessa ocasião embora reconheça ser uma tarefa difícil traçar, em poucos minutos, o perfil de Esther Azoubel como mulher, cirurgiã, professora e pesquisadora.

O perfil da mulher Esther Azoubel, só pode ser compreendido por aqueles que conhecem a essência moral do judaísmo na qual a ética do trabalho prevalece sobre todos os outros valores. Nascida em Vitória de Santo Antão, Pernambuco, onde teve sua educação primária, Esther veio morar no Recife onde fez os cursos secundário e superior e onde vem exercendo ininterruptamente, por 46 anos, suas atividades profissionais e universitárias. Pessoa simples, ética, transparente, de grande força de trabalho e de forte personalidade, Esther encontrou em Genaro Sales um companheiro à altura e com ele constituiu uma família na qual suas filhas Sonia, Miriam e Viviane, e os 3 netinhos que Miriam lhes deu, são as pérolas da casa. Em 1953 Esther Azoubel prestou vestibular para a então Faculdade de Medicina da Universidade do Recife iniciando o curso médico no qual despontaria como excelente aluna. Além das atividades curriculares normais, durante o curso médico, foi monitora da cadeira de Farmacologia, fez estágio na Clínica Propedêutica Médica (Serviço do Prof. Arnaldo Marques) e foi acadêmica interna por concurso da Maternidade do Derby. Mais importante ainda: no 5º ano médico começou a trabalhar no Serviço do Professor Romero Marques a quem se ligaria definitivamente. Na Clínica Propedêutica Cirúrgica, depois transformada em Disciplina de Cirurgia Vascular, Esther fez toda sua formação cirúrgica, grangeando a admiração e o respeito de todos os seus colegas, mas ligando-se particularmente ao saudoso Edvaldo Teles com quem manteria uma harmoniosa parceria até a morte daquele Mestre da Cirurgia. Após sua formatura, em 1958, continuou trabalhando na Disciplina de Cirurgia Vascular, como As-

sistente Voluntária, até ser nomeada Professor Assistente em 1972. Em 1983 alcançou por concurso o cargo de Professor Adjunto, posição que ocupou até se aposentar recentemente.

Esther Azoubel abraçou com paixão a especialidade de cirurgia vascular, especialmente depois de estágio no Serviço do Prof. Claude D'Allaines na Universidade de Paris em 1961. Teve em Paris a oportunidade de apresentar trabalho sobre cirurgia vascular com enxerto, trabalho esse que a Universidade Federal de Pernambuco reconheceu, em 1973, como equivalente ao Mestrado. Sua titulação universitária seria completada em 1993 ao obter, na Escola Paulista de Medicina, o título de Doutor em Medicina após defender tese sobre "Estudo bioquímico, histológico e histoquímico da veia varicosa".

Durante sua carreira universitária Esther Azoubel ocupou importantes cargos destacando-se a Coordenadoria de Estágios e Residência Médica, a Chefia do Departamento de Cirurgia e a Coordenadoria do Curso Médico.

Além de docente, Esther foi médica do Hospital das Clínicas a partir de 1965. E aqui vale uma menção especial à organização que ela emprestou ao Serviço de Hemoterapia do Hospital Pedro II do qual foi Chefe por 10 anos. Esther foi capaz de organizar um Banco de Sangue de alto padrão numa época em que o Hemope era uma instituição embrionária. Esse Banco de Sangue não apenas era capaz de atender a grande demanda de todo o Pedro II mas mantinha importante atividade didática para os alunos dos cursos médico, biomédico e de enfermagem.

Durante todos os anos em que esteve na Disciplina de Cirurgia Vascular, Esther Azoubel manteve intensa atividade didática, dando aulas teóricas e práticas; intensa atividade assistencial, ora operando, ora atendendo doentes no ambulatório e nas enfermarias; e, intensa atividade de pesquisa, especialmente no campo da patologia linfática. Isso lhe permitiu manter uma grande atividade científica apresentando e publicando numerosos trabalhos e capítulos de livros e, participando de 113 congressos nacionais e internacionais como palestrante de

simpósios e mesas redondas. Ademais, participou de várias bancas examinadoras e orientou 5 teses.

Esther Azoubel é membro de importantes sociedades médicas nacionais e internacionais destacando-se o Colégio Brasileiro de Cirurgiões, da qual é atualmente Mestre do Capítulo de Pernambuco, a Sociedade Brasileira de Angiologia, a Sociedade Francesa de Flebologia e o Colégio Francês de Patologia Vascular.

Toda a contribuição de Esther Azoubel à medicina pernambucana, a qual de maneira muito sumária procuramos descrever, foi reconhecida por nossa classe médica ao lhe ser conferida, em 1989, a Medalha do Mérito São Lucas.

Esther Azoubel tem sido realmente, ao longo dos últimos 46 anos, uma excelente médica e professora. Henry Adams, historiador americano, falecido em 1918, disse certa ocasião que "Um professor afeta a eternidade e ele nunca será capaz de dizer quando a sua influência se detém". Toda uma geração de médicos pernambucanos tem sido influenciada por Esther Azoubel e nós não podemos precisar até onde essa influência se fará. Por isso, minha cara Esther, essa Casa, a Academia Pernambucana de Medicina, lhe recebe de braços abertos.

Muito obrigado!

Discurso de posse na Academia

Acadêmico
Miguel Doherty

Recife, 20 de fevereiro de 2003

Minhas senhoras e meus senhores.

Desejo, de início, à semelhança do Mestre Bezerra, expressar meu orgulho e alegria ao tomar posse da cadeira 20 desta Casa.

Como expor em breves palavras o vasto histórico do patrono da cadeira 20, Guilherme Piso, e de seu fundador, Prof. Aluísio Bezerra Coutinho, respeitando a tolerância dos ouvintes?

Tarefa temerária, pela excelência dos trabalhos já existentes.

Para conciliar, serão abordados alguns dos aspectos pessoais, deixando seus históricos minuciosos na monografia e na mostra sobre eles expostas na entrada.

Espero poder honrá-los e aos pares desta Casa.

Agradeço aos professores Bertoldo Kruse e Geraldo Gomes, que sugeriram o meu ingresso.

Ao Prof. Fernando Figueira, pelo conceito dado a minha monografia, *História da Cirurgia Pediátrica em Pernambuco*, e a todos da Casa que aprovaram o meu nome e a tantos que colaboraram neste evento.

Posse retardada por 33 anos, quando convidado pelo Presidente de Honra para integrar o quadro de fundadores desta Casa, mas impossibilitado por não ter na época a idade prevista para ingresso.

Passemos aos ilustres personagens desta Cadeira e ao palco de suas obras.

Relembremos o Recife do século XVII aos dias atuais e os nossos precursores.

Personagens e meio-ambiente inter-influenciados.

Plenos da cultura aqui plantada e sempre presente.

Recife de suas origens.

Nascido de uma natureza tropical participativa.

Da antiga bacia de Olinda ao Cabo de Santo Agostinho

surgiu uma nova planície

protegida pela muralha de pedra.

Recife. Parte doada pelo mar

com seus arrecifes de arenito.
Outra, parida do aluvião
das enxurradas dos rios,
gerando novas terras fixadas
pelos emaranhados
de seus manguesais
envolvidas e enlaçadas
pelos braços dos deltas de seus rios.
Da natureza pródiga, dois portos naturais
guardando os extremos da bacia.
Do Recife e de Suape.
Um, representando o orgulho do passado.
O outro, a esperança do futuro.
Terras exaltadas pelos aqui nascidos ou aportados.
Notabilizados nas artes e ciências, os filhos de “Mavorte”.
Nos seus cantos e encantos. Nos seus escritos e poemas.
Nos seus atos épicos, libertários e progressistas.
Nos seus pçioneirismos.
Forjando os habitantes
deste Porto de Santelmo ou dos Arrecifes.
Século XVII.

Século de Ouro das Ciências e das Artes, do qual as Províncias Unidas dos Países Baixos tiveram destaque pelas suas ilustras figuras, além de sua economia, financiadora e usuária de nossa agroindústria e comércio açucareiros.

O bloqueio imposto pela Espanha levou à invasão e conquista do Nordeste do Brasil para restabelecer o canal comercial interrompido.

A província ficou marcada pelo espírito conciliador, tolerante, progressista e inovador da corte batava, sob a influência do seu líder, o Príncipe João Maurício de Nassau - Siegen, com seu humanismo e tolerância religiosa.

Comitiva científico-cultural plantando sua cultura mesclada e existente, do índio, do branco português e do negro em privile-

giada miscigenação, “nesse belo país do Brasil que não tem igual sob océu” e “um dos mais belos do mundo”, segundo Nassau.

Século XVII paradoxal em que as Ciências Naturais e as Artes abançaram a largos passos contrastando com uma medicina barroca em regressão à medicina renascentista.

Fase em que os médicos, sem suficiente preparo, receitavam os mesmos remédios e tratamentos para qualquer doença: sangrias, bomitórios e purgações para eliminar os miasmas causadores das doenças; cauterização de feridas com ferro quente, breu ou óleo fervente. Fase de crença na Astrologia e na Demonologia. Medicina exportada para o Brasil baseada nas mezinhas supersticiosas e empíricas.

Passam-se os anos. Chega-se aos tempos atuais.

A um Recife de contrastes.

Do majestoso e do degradado.

Das moradias pobres dos morros
e das ricas da planície.

Do metrô e do burro sem rabo.

Do desnutrido e do obeso.

Do privilegiado e do excluído social.

Das doenças da miséria e do desenvolvido.

Um Recife misto de província e de metrópole.

Mas ainda um Recife de forte tradição
econômica, cultural e científica.

Um Recife com uma economia calcada no seu passado de mascate ao lado dos seus centros formadores do saber de excelência e de um aporte de lideranças e de homens de pensamento.

É nesse Recife dos séculos VII e XX que emergiram nossos personagens, Piso e Bezerra Coutinho, precursores do futuro.

Adeptos da escola hipocrática baseada na racionalidade da Natureza, na observação e na experiência pessoal, unindo o novo ao tradicional, prenunciadora da Medicina baseada em prevalências e evidências.

Noosso patrono Piso, médico da comitiva de Nassau, nascido em Leyden, Holanda, e autor da obra pioneira *De Medicina Brasiliensis*, relato da realidade médica local da época.

Dividido em 4 livros sobre Ecologia, Medicina Tropical, Toxicologia e Fitoterapia e Medicina Indígena, aos quais foram agregados os 8 livros de Marcgrav e de Laet sobre História Natural. O conjunto denominado *Historia Naturalis Brasiliae* foi editado em 1648.

Piso interpretou as denominações das doenças da época, como o espasmo, o estuor, o lues veneriae, a epidemia dos males ou bicha dos baioanos, o mal da visão, o bicho da Costa, o prolapso da cartilagem mucromada e o afamado mal do bicho ou maculo, de evolução fatal.

Descreveu as doenças e terapias usadas, não para deleite do leitor, mas visando o ensino em benefício dos pacientes.

O grande mestre de Piso foi o índido brasileiro, tendo tido a grandeza e a visão de reconhecer a superioridade da terapêutica indígena sobre a européia da época.

Aprendeu dos índios o uso de várias drogas e plantas como medicamentos, preferindo os mais simples.

À época, sem a intervenção da civilização e do colonizador, o gentio era alegre e sadio.

Raros abortos e inexistência de doenças hereditárias e crianças defeituosas.

Partos de evolução rápida e fácil, de cócoras, em posição de expulsão mais fisiológica que a deitada, a ser retomada nos dias atuais. As índias, logo após, banhavam-se nos rios com os recém-natos, reassumindo suas tarefas com os bebês presos ao corpo das mães por faixas, hoje adotado no Programa Mãe-canguuru, além de outras práticas resgatadas, como o aleitamento materno de rotina além dos 2 anos de idade, o uso da palavra em lugar do castigo físico e a já citada fitoterapia. Condutas que propiciavam o crescimento e o desenvolvimento saudável da criança.

Piso teve a percepção de ver e aprender nosos hábitos e benefícios. E, não, simplesmente olhar sem ver.

Indicou pioneiramente o suco de limão aos marujos para prevenir a lues escorbútica e descreveu a ação benfazeja dos fitoterápicos.

Fez uso de gomas, sucos e bálsamos em ferimentos de guerra com bons resultados, em contraste com o tradicional uso europeu do ferro e fogo de feridas e amputações.

Adotou para paciente com hepatite e cirrose alcoólica dieta com alimentos frescos de fácil digestão e diuréticos vegetais.

Pioneiramente, na busca das causas de doenças, realizava necropsias em seus paciente falecidos, correlacionando a hepatite e a cirrose alcoólica com a má nutrição, tend feiro a descrição precisa do fígado cirrótico de necropsias.

Os livros de Piso e Marcgrav representaram o magistral registro nas Américas das doenças, da terapêutica indígena, da fauna, flora e clima de nossas terras, onde estão descritas as doenças oriundas das várias raças que povoaram o país.

Para Larsen, Piso foi a personalidade mais marcante da comitiva científica de Nassau. Piso, como integrante do povo batavo, confirmou as palavras de Gilberto Freyre: “holandeses que deixaram marcas que dificilmente desapareceriam, não só no corpo, como da consciência e do inconsciente de um povo”.

Discurso de posse na presidência da Academia

Acadêmico

Geraldo Pereira

Quando ultrapassei os umbrais desta *Casa*, para assumir a cadeira que pertencera ao meu chefe na Faculdade de Medicina, o Prof. Ruy João Marques, estava, na verdade, cumprindo o meu destino, mas não estava dando um passo que estivesse previsto nas minhas aspirações pessoais. Muito menos agora, quando assumo uma elevada posição nessa irmandade do saber médico! Nunca fui de planejar futuros descortinando horizontes distantes ou nunca fui de alimentar o imaginário com realizações assim, postas em remotos patamares! Mas, terminei fazendo uma carreira com um progressivo crescimento no seio da administração acadêmica, desde Chefe de Clínica e Coordenador de Disciplina, a Vice-Reitor da Universidade Federal de Pernambuco. E isso, com toda a franqueza, me honra! Talvez tenha errado por não ter sido ambicioso, por não ter me lançado com todas as forças na louca competição da vida, como tantos, porém, o meu sentimento de vitória é maior do que experimental, se fossem anunciados os ganhos ou se fossem esperados os triunfos.

Sondado a assumir o lugar de Presidente deste sodalício, ponderei junto ao meu interlocutor a propósito dos compromissos atuais, de minhas obrigações com a gerência de uma instituição universitária posta dentre as melhores do Brasil. Falei de meus interesses em consolidar o trabalho multidisciplinar do *Núcleo de Saúde Pública (NUSP/UFPE)* e de minhas iniciativas no campo da cultura e das artes. De minhas inquietações com as grandes questões nacionais e da oportunidade que venho tendo de levar à discussão e ao debate, no seio da sociedade, as injunções sociais a que estão submetidos os meus conterrâneos, excluídos do comum da vida, privados do mínimo, que seja, para a sobrevivência compatível com a dignidade humana. Não houve, todavia, como fugir da missão e se tomo a mim o cargo e os encargos, podem ter certeza os meus pares, hei de enfrentar o mandato com a mesma disposição que o faço na Universidade.

A Academia Pernambucana de Medicina é a guardiã dos hipocráticos saberes neste recanto tropical do globo, das antecipações que nos antecederam e que resgatam pretéritos vividos por outros, desde o século XVII. É a depositária maior dos conhecimentos contemporâneos da ciência de Esculápio, cuja prática envolve a todos nós, de uma ou de outra forma. Aqui são acolhidos os médicos que se ligaram ou se ligam a todas as expressões da arte, desde os que se envolvem com as interfaces da Sociologia e da Antropologia, incursionando pela Economia, aos que estão na ponta, fazendo a tecnologia prolongar a existência humana e aplacando as dores que a doença traz. Há uma cadeira reservada a cada uma dessas especialidades e desses saberes. Ninguém entra aqui por acaso ou ninguém é investido da condição acadêmica, senão pelo reconhecimento dos pares, em rigorosos processos de seleção dos neófitos. Há de continuar assim, com os rigores da admissão!

E se a comunidade é multidisciplinar e plural, há de se ter no trato das questões a serem discutidas e debatidas, o singular cuidado do genérico, da abordagem larga, suficientemente capaz de interessar a todos, sem as particularidades e as peculiaridades da especialidade. O mundo de hoje, aliás, exige isso, a largueza do enfoque, a transdisciplinaridade como proposta epistemológica nova. A globalização da economia e a mundialização da informação transformaram a vida, mudaram o cotidiano de cada um, inserindo o computador como peça indispensável às cenas do dia-a-dia. Ninguém subsiste mais sem conhecer os segredos da máquina, sem ter acesso à grande rede e com isso atualizar-se a cada momento, com o tudo que se modifica continuamente, em verdadeira metamorfose global. É assim que desejo trabalhar e é dessa forma que pretendo estimular a adesão dos pares às reuniões semanais, com a focalização do geral e menos do especial.

Vamos nos juntar a cada mês com a intenção de ouvir e de comentar os temas da atualidade, assuntos da seara médica,

preferentemente, mas, vez ou outra, aqueles que interessam ao cidadão comum, como somos todos, mesmo que artífices da arte maior, a de sanar a dor e aplacar o sofrimento alheio. A medicina evoluiu extraordinariamente nos últimos quarenta anos, de tal forma que nada ou quase nada daquilo que vigorava na década de sessenta aplica-se ao tempo que corre. As questões básicas, entretanto, aquelas ligadas ao controle das antigas endemias, não estão resolvidas. Os “incluídos” e aqueles considerados “ainda incluídos”, para usar a classificação de Gilberto Dupas, estão contemplados com os avanços, mas os “excluídos” continuam a pagar um elevado tributo ao pauperismo e à miséria, à falta de saneamento e à deseducação. O acesso à chamada atenção à saúde restringe-se aos que atingiram os patamares médios ou àqueles da burguesia, mas as doenças contemporâneas matam toda gente, indistintamente, inclusive a massa proletária.

A Mortalidade Infantil diminuiu, sensivelmente, desde a Segunda Grande Guerra, embora não tenha atingido os níveis desejados, como há muito sucede nos países desenvolvidos e em certas nações, como em Cuba, nas quais a atenção primária está priorizada. O perfil da Mortalidade Geral mudou! No obituário predominam as afecções cardiovasculares, mas a violência urbana está em segundo lugar, ultrapassando as neoplasias e as doenças infecciosas e parasitárias, cuja erradicação chegou a ser anunciada, estão na quarta posição nesse funesto “ranking”. É necessário que as corporações médicas dediquem-se a questões como essas, as que ainda fazem a criancinha antecipar o desenlace e às outras, as da modernidade, que fustigam os apartamentos de beira-mar e inquietam o povo das favelas e das palafitas nos entornos urbanos. É preciso juntar a experiência de todos e a voz coletiva das instituições, para se exigir a intervenção de governo.

Preocupa, sobretudo, o problema da violência, os homicídios, especialmente, que representam um macabro apogeu em termos da agressividade humana. Ora, em 1998, cujos dados são os mais

recentes na Internet, foram assassinadas em Pernambuco 4.422 pessoas e nos três últimos anos o crime ceifou a vida de 11.157 criaturas. Assusta saber, no entanto, que 68,73% da criminalidade, nesse intervalo de tempo – 1996, 1997 e 1998 -, está concentrada no grupo etário dos 15 aos 25 anos. São os jovens que tombam no campo sangrento das desavenças. E são os jovens, também, os matadores, com um perfil peculiar, de viciados em drogas, deseducados e moradores das periferias insalubres, que se utilizam de arma de fogo, no mais das vezes. A problemática está de tal maneira afetando a sociedade, que a pirâmide demográfica já se mostra alterada nesse espaço etário, num País cuja população está envelhecendo, com 14.000.000 agora de integrantes da chamada Terceira Idade.

Essa expectativa de vida aumentada, alcançando agora no Brasil 65 anos, em média, sendo maior entre as mulheres que entre os homens, tem, igualmente, trazido novas questões à reflexão. O velho tem sido visto de forma diferente, conforme a família que integra. Muitos representam o sustentáculo da casa, na medida em que enfrentam o desemprego dos filhos e dos netos com os poucos vencimentos da aposentadoria. São respeitados e considerados na constelação social em que vivem. Outros, no entanto, representam um estorvo, haja vista os cuidados que exigem e o trabalho que podem dar, em função das alterações mentais de que não estão livres e como nem sempre recebem salários, costumam merecer a desatenção familiar, quando não despachados para um acolhimento qualquer, um abrigo ou um albergue. A experiência, então, das décadas vividas, o sofrimento e a dedicação à prole não contam, tantas vezes e a senectude passa a ser encarada na perspectiva do incômodo.

Vive-se, pois, a duplicidade do tempo, aquela dos contrastes, dos extraordinários avanços da ciência e da técnica, tendo a contraponto a persistência da miséria humana e das doenças que incapacitam e matam, incluindo a injúria social da violência. Mas, mesmo assim, nos laboratórios dos países do Primeiro Mundo e até

por aqui, no Brasil, a Engenharia Genética preside a cena do futuro, com os atores a postos no sentido do aprimoramento hereditário, cujas conseqüências são, ao mesmo tempo, positivas e negativas. Hoje, a clonagem produz uma nova ovelha, em tudo semelhante à doadora do material nuclear e parece possível reproduzir assim a criatura nascida à semelhança do Criador. De outra parte, há uma geração de porcos – geração p33 – cujo material hepático vai permitir os transplantes sem as dificuldades da rejeição. E nisso tudo como fica a Ética? Ou como ficam os postulados da Filosofia e as bases da Teologia? São temas, mais que apropriados, a esta *Casa*!

Com todas as mudanças que se assiste no mundo contemporâneo, o ensino médico tem que ser realinhado, de tal maneira que venha oferecer ao neófito na arte de Hipócrates uma visão real do tempo do hoje, do aqui e do agora. A *Academia Pernambucana de Medicina*, que tem com a Universidade Federal de Pernambuco convênio de consultoria e assessoria neste particular, deve continuar a cumprir esse papel, como o faz na atualidade, graças à iniciativa do Prof. Bertoldo Kruse Grande de Arruda. O perfil do profissional precisa ser modificado, rapidamente. Não se pode compreender a falta de algumas ciências na educação do jovem, da Sociologia e da Antropologia, além de outras, que permitem o entendimento da causalidade da doença no Brasil e no Nordeste, sobretudo. O compromisso social só pode nascer assim, com o conhecimento suficiente dos problemas que estão na base da injúria orgânica.

O Sistema Único de Saúde (SUS), que representa uma das maiores conquistas da sociedade brasileira, precisa ser entendido pelo estudante, acadêmico de medicina, com o detalhamento exigido, com a noção exata da universalização, da hierarquização e da descentralização. O papel dos programas que estão sendo implementados pelo Ministério da Saúde, à semelhança do que se volta para a família, deve ser objeto de discussão na sala de aulas, além do que vivenciado, propriamente, nas comunidades carentes. Quando se leva o estudante ao campo e se apresenta a seriedade da

questão, a chamada mudança de comportamento que se opera é interessantíssima. O Núcleo de Saúde Pública fez isso com alunos de enfermagem do último período, que foram morar durante algumas semanas em Brejo da Madre de Deus, estimulando uma reflexão importante a propósito da causalidade social e uma adesão espontânea ao compromisso de cidadãos, pelo que terminaram absorvidos pelo Sistema, no qual estão trabalhando.

O médico do século XXI deve, então, reunir excelência e compromisso. Precisa ser um profissional atualizado, em dia com os avanços todos da ciência, com acesso garantido à grande teia de informações. Não se pode cogitar mais em preparar o profissional segundo o velho perfil, aquele cuja formatura representava a terminalidade na formação. Mas, não se deve, também, deixar que os claros da graduação sejam preenchidos pela Residência Médica. Esse novo médico deve trazer o espírito voltado, sempre, para as mazelas de sua gente, para a compreensão da doença como fenômeno social, seja na gênese da injúria orgânica ou nas conseqüências do dano. Faz-se mister inserir o acadêmico no comum da prática médica, nos postos de saúde do SUS, para um conhecimento maior daquilo que é, habitualmente, encontrado no exercício da profissão. O hospital ocupa um nível de complexidade maior e por isso estará restrito a parte da formação clínica.

São essas questões e esses problemas que pretendo trabalhar aqui, na *Academia*, confirmando a condição de fórum adequado à discussão e ao debate da nacionalidade. O meu antecessor cumpriu, com muita adequação, este papel. O Prof. Bertoldo Kruse, que vai deixando o lugar, contra os meus argumentos e os meus apelos, foi mestre na convergência aqui de líderes da prática médica entre nós. Tem o mérito de seguir, com toda a fidelidade, os passos de Fernando Figueira, o fundador, o Presidente de Honra, o homem que empresta o próprio nome à *Casa: Casa de Fernando Figueira*. Por tudo isso, por ser um mentor incansável nessa confraria sagrada dos que se filiaram a Esculápio, Bertoldo

Kruse mereceu o reconhecimento dos pares: é o Acadêmico do Ano. Recebe os louros da vitória, porque a ele se deve um tempo diferente, preenchido por reuniões, nas quais foram discutidos temas os mais relevantes para a educação médica e outros assuntos da maior importância.

Na realidade, teve privilégios que outros não tiveram e nem vão ter, como o de gozar da amizade de um homem do porte de Salomão Kelner, cujo compromisso social premeou a vida inteira, os seus atos e os fatos dos quais foi protagonista. Figueira e Salomão são as vigas de sustentação desta *Casa*, pelas iniciativas que já tiveram, mas sobretudo pelas idéias e pelos ideais que viveram e que nos passaram. Somos todos felizardos, pelos exemplos que trazemos da juventude, de comportamentos assim, voltados para o coletivo, interessados no bem maior, o de servir ao próximo, mesmo que para tanto não se abrace uma denominação religiosa ou não se tenha obrigações maiores com os preceitos e com os dogmas. Bertoldo Kruse, que vai deixando a Presidência, é nascido e criado nessa casta de grandes homens, de cuja luz obteve o nutriente necessário à enormidade d'alma.

Há uma geração de médicos em Pernambuco, dos começos desta *Academia*, à qual se deve muito: a Nelson Chaves e a Arnaldo Marques, a Ruy João Marques e Amaury Coutinho, a Clóvis de Azevedo Paiva e Francisco Montenegro, a Paulo Borba e Antônio Figueira. A outros tantos, como Romero de Barros Marques e Djalma Vasconcelos, a Luiz Tavares e a Ruy Batista, a um homem do porte de Barros Lima ou da sabedoria de um Jorge Lobo, imortalizado com a descoberta de uma Blastomicose. Essa gente toda ou quase toda esteve aqui, nesta *Casa de Fernando Figueira*, depois de ter passado pela Faculdade de Medicina, pontificando na cátedra, com o discurso da ciência que Hipócrates fez prosperar e da ética. À *Academia* cabe, então, a preservação da memória e a veneração dos vultos de um passado próximo, para que a

História possa forrar o cotidiano dos que se apresentam à prática de Esculápio. E se estou agora evidando esforços no sentido de resgatar o que deixou registrado o meu mestre Bezerra Coutinho, hei de juntar este sodalício à parceria, contanto que se possa atualizar a trajetória médica em meu Estado.

Cumprimento o ilustre Prof. Bertoldo Kruze pela administração que fez e pelo honroso e merecido título de Acadêmico do Ano. Agradeço aos meus pares a escolha de meu nome e deixo patente o meu desejo de não decepcionar a indicação, juntamente com os meus colegas de Diretoria. A eles devo creditar, desde já, algumas iniciativas tomadas, ainda, no rol do planejamento para o ano que vai chegando. Agradeço ao Coral Canto da Boca/UFPE, que vem preservando a cultura nordestina das ameaças de uma uniformização embrutecida das artes, a presença nesta noite e a Ivan Ferraz, do Forró, Verso e Viola, às 17 horas, sempre, na Rádio Universitária FM, a voz maviosa do baião de Gonzaga.

